



FOLIA DE RUA

Hoje é dia do bloco mais atrevido da cidade: As Virgens de Tambaú

Oito trios animarão os foliões neste ano que será, segundo organizadores, uma “edição histórica”. **Página 5**

Foto: Divulgação/DER



Governo acelera obras de mobilidade urbana

Segundo informou o DER, atualmente 78 obras estão em andamento em todo o estado. O contorno de Bananeiras é uma delas. **Página 3**



Foto: Ortilio Antônio

Sebrae quer estimular mais pessoas a empreender

Superintendente Luiz Alberto Amorim pretende elevar em 20% número de atendimentos em 2023.

Página 4

Lugar de mulher é também no futebol, apesar do preconceito



Ilustração: Tônio

Atletas, treinadoras, árbitras e até jornalistas esportivas têm sempre uma história na ponta da língua para contar sobre machismo. A locutora Elisa Marinho, da Rádio Tabajara, diz que os homens se sentem “donos” da modalidade.

Páginas 21 e 22

■ Ampliar assinaturas digitais, reinventar-se, fidelizar espectadores. São alguns dos desafios do jornalismo, aponta relatório.

Angélica Lúcio

Página 26

■ A primeira gravação de Vassourinhas foi em 1945; em 1950, Severino Araújo a regravou com vestimenta instrumental sofisticada.

Francelino Soares

Página 27



Ilustração: Tônio

Amélia Theorga, a badalada “paisagista do mar”

A artista plástica paraibana se destacou num meio dominado por homens e fez parte do movimento libertário dos anos 20.

Página 25

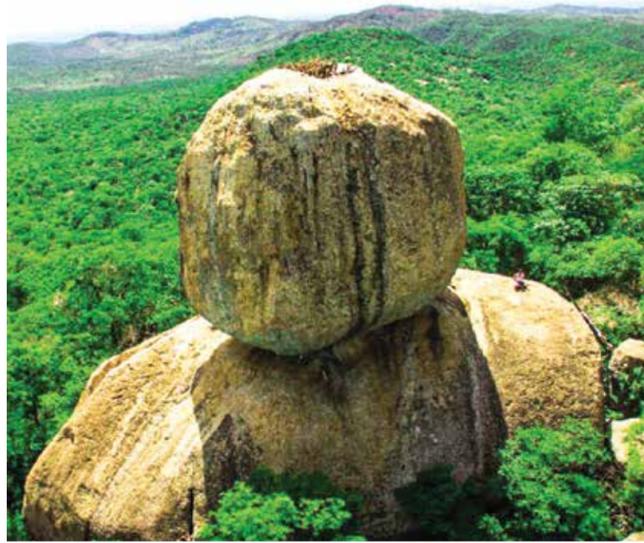
Foto: Roberto Guedes



Diamante avança no turismo ecológico e atrai visitantes

A “pedra montada” (foto) é uma das atrações do município, que ainda apresenta uma cachoeira convidativa. **Página 8**

Foto: Guilherme Alvarenga



Cientistas mulheres ainda lutam por mais reconhecimento

Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência visa estimular paridade de gênero na área.

Página 6

Mercado financeiro não é para principiantes

Especialistas recomendam: Desconfiem de quem oferece ganhos altos em prazo curto.

Página 17

Memórias Como se deu a demolição do histórico prédio do jornal

Etiênio Campos (foto) nem sonhava em um dia ser presidente de A União quando acompanhou de perto a retirada do maquinário do antigo e histórico prédio, que foi demolido.

Páginas 14 e 15

Editorial

Abuso de potência

Se for feita uma pesquisa criteriosa, de amplitude nacional, acerca dos problemas sociais oriundos do uso abusivo do chamado som automotivo, mais especificamente no que diz respeito aos “audíveis fora dos veículos”, os famigerados “paredões”, com certeza irá se constatar que a melhor política a ser adotada seria proibir de uma vez por todas esse tipo de “passatempo”. Incentivar encontros e campeonatos então, nem pensar.

Fabricantes, comerciantes de equipamentos sonoros para automóveis e donos de oficinas mecânicas, por motivos óbvios, perfilam-se ao lado de adeptos dos “paredões de som”, tentando arregimentar forças – políticas, inclusive – capazes de anular qualquer resolução do Conselho Nacional de Trânsito (Contran) - que elabora as diretrizes da Política Nacional de Trânsito – contrária à utilização desses grandiloquentes dispositivos.

Os “paredões de som” têm fuzilado o sossego de muita gente, seja nas comunidades urbanas mais pobres, seja nas zonas litorâneas mais afastadas dos centros metropolitanos. Os livros de ocorrências dos órgãos de segurança e do meio ambiente, em nível nacional, estão repletos de registros de reclamações - feitas por vizinhos, diretores de hospitais etc. - acerca de arbitrariedades cometidas por “adoradores do som nas alturas”.

No Rio de Janeiro, por exemplo, as comunidades dominadas pelo narcotráfico padecem horrores, quando os organizadores de bailes de rua, sonorizados pelos “paredões”, recebem o aval dos chefões. Ali, o Estado não tem vez, portanto, não se tem a quem reclamar. E o dia amanhece, não importa se sábado, domingo ou segunda-feira, com o barulho ensurdecido do “som automotivo rebocado”, para desespero maior de quem trabalha.

Em várias cidades do país, muitas pessoas já foram espancadas ou assassinadas por reclamarem do som estrepitoso dos “paredões”. Como é da natureza das coisas ser um dia da caça, outro do caçador, aficionados pelo estrondo sonoro, relacionado a automóveis, também tiveram a vida ceifada por semelhantes que perderam o medo e a paciência. Qual o motivo então de se insistir na existência deste potencial atentado ao sossego público?

Os fanáticos pelo todo-poderoso “paredão” deveriam fazer seus encontros ou disputas contratando um navio e exibindo-se, entre si, em alto-mar. Os desertos também são locais apropriados para essa mania. O que não se pode permitir é que o direito individual e coletivo à tranquilidade seja atropelado. Para melhor juízo sobre essa questão, que se preste mais atenção ao que dizem, por exemplo, policiais, ambientalistas, médicos e psicólogos.

Artigo

Como vivíamos antes do celular?

Com certeza nossos netos e muitos dos nossos filhos não saberão responder a essa pergunta. Para eles é inimaginável entender como poderíamos ficar sem essa comunicação, em tempo real, que a internet nos proporciona através dos aparelhos celulares. Devem concluir que estávamos num atraso grande, sem a possibilidade de acompanharmos as notícias na hora em que elas aconteciam, passando dias ou meses para receber uma comunicação de quem estava distante, tendo dificuldades em tirar dúvidas já que não havia o “Google”.

No meu tempo de juventude a única forma de se comunicar com outra pessoa com rapidez, era através do telefone fixo e mais tarde pelo “orelhão”, telefones públicos colocados ao dispor da população. Para saber o número do telefone de um amigo era preciso consultar o catálogo que as empresas de telefonia imprimiam a cada ano ou guardá-los na memória.

Os celulares substituíram as máquinas fotográficas. A revelação de fotos que hoje é instantânea nos aparelhos móveis demorava em torno de cinco a oito dias. Os filmes que usávamos estavam limitados a 36 fotos. Imagine o custo que essa operação exigia.

Não tínhamos como curtir, salvar ou copiar imagens ou arquivos que nos interessavam. Éramos obrigados a conservá-los em pastas físicas, correndo o risco de serem deteriorados com o passar do tempo.

Os trabalhos que envolviam a necessidade de pesquisa nos obrigavam a buscar respostas para nossas dúvidas em enciclopédias impressas, como a Delta Larrouse, Britânica, Barsa, etc. ou nos deslocarmos até uma biblioteca. Estudar se tornava, portanto, uma tarefa mais trabalhosa.

Acompanhar o que acontecia pelo mundo, só era possível pelos noticiários de rádio e TV, ou pela mídia impressa. Isso vale dizer, que não eram informações em tempo real.

Complexa era a atividade de gravar músicas que gostaríamos de ouvir a qualquer instante. As canções eram selecionadas e gravadas uma a uma em fita cassete. Anos mais tarde já poderíamos fazer isso usando um programa de computador e transferindo as músicas escolhidas para um CD.

Essas são apenas algumas das dificuldades que tínhamos antes do advento do

telefone móvel. O avanço da tecnologia nos proporcionou importantes benefícios. No entanto, da mesma forma como gerou facilidades, vantagens para a nossa vida, vem acarretando perigosamente alguns malefícios, em razão do que se convencionou chamar “monofobia: síndrome da dependência do celular ou da internet”.

A doença se revela quando a pessoa passa a sofrer um alto grau de ansiedade sem o celular estar por perto, fica quase em estado de pânico. O uso intensivo do celular pode causar tumores cerebrais, agredir as células sanguíneas, dar origem a lesões oculares, alterações do sono, fadiga, dor de cabeça e pode acelerar autismo e mal de Alzheimer.

Embora feitos para facilitar as comunicações, em muitos casos têm tido efeitos contrários, fazendo com que não se dê atenção a pessoas fisicamente presentes. Facilmente observamos que ele tem atrapalhado os relacionamentos. Pessoas engajadas nas redes sociais, terminam se isolando, vivendo no mundo virtual muito mais do que na vida real. É comum verificarmos que em restaurantes, quando famílias decidem fazer refeições juntas, raramente se comunicam uns com os outros, estão todos (ou quase todos) atentos à comunicação pelo celular.

Esse ambicionado objeto de consumo, até mesmo por crianças, tem trazido também danos à saúde física e mental. Sua importância como ferramenta de distração e aprendizagem tem que ser utilizada com moderação, o que não está sendo fácil no mundo atual. Eu sou um dos que vivem tentado pelas facilidades que o celular nos oferece, sem avaliar os riscos a que estou incorrendo. Ao tornar-se vício, nos escraviza. Acostumamos nosso cérebro a depender das informações que ele nos fornece instantaneamente.

Precisamos vencer a compulsão para a hiperconectividade, sob pena de transformar aquilo que pode funcionar como diversão ou algo útil no nosso dia a dia, em um promotor de angústias e ansiedades. Se as gerações contemporâneas se vangloriam das vantagens que o celular nos tem oferecido, as que viveram no passado sem ele, se gabam de não terem vivenciado os perigos de saúde a que ele nos impõe. A modernidade, pois, ao trazer serventias interessantes, produz, também, nocividade, perniciosidade, ao nosso viver.

Rui Leitão

irleitao@hotmail.com

Foto Legenda

Marcos Russo



Tradição e fé na cultura popular

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O Conto perdido

Faz tempo!

Tarcísio Patrício de Araújo conseguiu salvar das coisas perdidas uma meia dúzia de contos de Robério Toscano, um aficionado do gênero que não frequentava as rodas convencionais dos nossos literatos. Tarcísio é um paraibano de formação técnica, que integrou, salvo engano, a equipe do governo Jarbas Vasconcelos e que não perdeu os vínculos com a Paraíba, menos ainda com a cultura da terra. Nosso Cartaxo, paraibano de Cajazeiras há décadas morando em Recife, poderá conhecê-lo.

E é esse espírito da terra, esses dotes genéricos de vocação, que ligou o interesse de um profissional da área técnica, preso a leituras mais pragmáticas, a matérias que a maioria do seu ramo catalogaria no escaninho das amenidades.

Robério Toscano era tomado por uma grande compulsão, a de exorcizar pelos meios possíveis seu inconformismo com o falso, o arbitrário, o artificioso que domina quase todas as nossas ações. Era um indispósito insociável com tudo o que a gente não quer fazer, não aceita, não gosta de fazer e faz que gosta, dissimulando fobias e ojerizas nesse teatro imemorial da civilidade.

Diferente do corpo, que vomita ou exsuda rápido o que lhe causa náusea, o espírito enche a bola na mais elástica tolerância até transtornar ou modificar a criatura inteira.

Os contos de Robério flagram essas pequenas tragédias socialmente dissimuladas. Vezes há em que, numa historinha de nada, atinge o patético ou o humor trágico. Rimos e temos pena de nós, pobres atores.

Robério morreu disso ainda bem moço. De não ter luz, dons e estímulos suficientes para escrever o seu “O Estrangeiro” ou, não indo tão longe, o seu “Isaias Caminha”. Mas os contos que deixou iam além dos nossos comuns limites de expressão. Situ

“

Os contos de Robério flagram essas pequenas tragédias socialmente dissimuladas

Gonzaga Rodrigues

no passado, “iam”, porque já não disponho de uma pequena reunião que ele, há mais de vinte anos, andou publicando.

E foi isto o que moveu Tarcísio Patrício a reclamar o resgate dos escritos de uma pessoa que ele achava estranha, esquisita, mas excepcional quando escrevia.

O que fazer em busca desse legado?

Imagino reuni-lo em livro com outro autor inédito do seu tempo, Geraldo Sobral de Lima, e redimir a literatura da Paraíba de um vazio que não tem perdão. Ainda mais de um gênero, o conto, o qual, excetuando as obras de Maria José Limeira, Adalberto Barreto, Maria Valéria Resende e Aldo Lopes, ainda é bissexto entre nós.

Com essa fase dourada da nossa editora de A União, nada mais oportuno que viesse à tona a recolha de Tarcísio Patrício. Como encontrá-lo em Recife, tantos anos depois da sua queixa?

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

MOBILIDADE URBANA

Governo do Estado tem 78 obras do Litoral ao Sertão

Investimentos chegam a mais de R\$ 2 bilhões entre os anos de 2019 e 2022

Ítalo Arruda
 Especial para A União

O Governo do Estado, por meio do Departamento de Estradas e Rodagem da Paraíba (DER-PB), tem intensificado o investimento na área da mobilidade urbana, somando mais de R\$ 2 bilhões em obras, entre os anos de 2019 e 2022, com serviços de pavimentação asfáltica, acesso e interligação urbana, além de construção de viadutos e melhoramento da malha rodoviária. Para 2023, o governador João Azevêdo já anunciou mais de R\$ 500 milhões para obras dessa natureza no estado. Atualmente, 78 obras – que se estendem do Litoral ao Sertão – estão em andamento e devem beneficiar milhares de paraibanos.

Em João Pessoa, uma das intervenções que mais se destaca é a interligação urbana entre os bairros Altiplano e Bancários e o Campus I da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Castelo Branco. Além de ampliar a malha viária naquelas áreas da cidade, a obra tem como objetivo melhorar a mobilidade urbana, dando mais fluidez ao tráfego de veículos e diminuindo o tempo de deslocamento da população, que será a principal beneficiada.

De acordo com informações da assessoria do DER-PB, será construído um viaduto com 80 metros de comprimento e 25 metros de largura, com altura máxima de 15 metros. A instalação se dará entre as ruas Tabelião Stanislaw Eloy (Castelo Branco) e Bancário Waldemar de Mesquita Accioly (Bancários), cujo trecho terá mais de 100 metros de extensão, com pista dupla nos dois sentidos,



Imagem/DER-PB

O governador João Azevêdo já anunciou mais de R\$ 500 milhões em obras do setor, no estado, para 2023

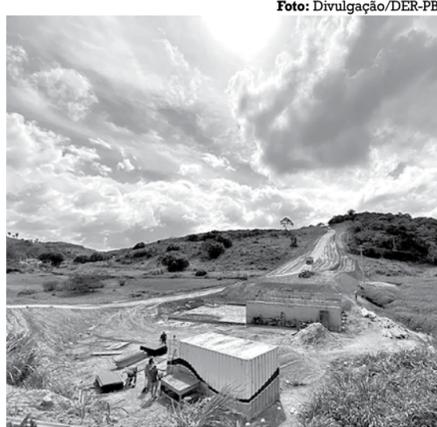


Foto: Divulgação/DER-PB

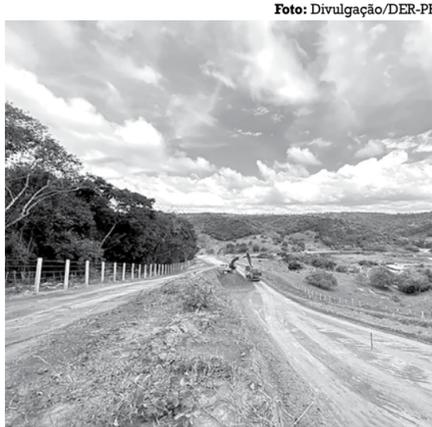


Foto: Divulgação/DER-PB

Os serviços de mobilidade urbana do Litoral ao Sertão vão beneficiar milhares de paraibanos

quatro faixas de tráfego e calçadas para pedestres. Também haverá recuperação de áreas degradadas e a implantação de duas rotatórias em cada extremidade da ponte, além da instalação de dispositivos de drenagem superficial, iluminação ornamental e sinalização viária (horizontal e vertical).

Já na implantação e pavimentação da via asfáltica que ligará o Altiplano à UFPB, os serviços terão uma extensão

de, aproximadamente, dois quilômetros e meio. A via de acesso terá, ainda, uma ponte de 30 metros que cruzará o Rio Timbó ligando o Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) à Avenida João Cirilo. Ao todo, mais de 1,3 milhões de pessoas serão contempladas com essas duas obras que, juntas, somam cerca de R\$ 27 milhões, viabilizados com recursos próprios, ou seja, do Tesouro Estadual.

■ Um viaduto com 80m de comprimento e 25m de largura e altura de 15m será construído entre Castelo Branco e Bancários

Arco Metropolitano em CG está 77% concluído

Considerado um dos mais importantes equipamentos rodoviários da Borborema, o Arco Metropolitano Leste de Campina Grande está com grande parte das obras finalizada (77%) e deve ficar pronto até junho deste ano, segundo prazo estipulado pelo DER-PB. Além de interligar as rodovias BR-230, BR-104 e PB-095, com uma extensão de seis quilômetros, a pavimentação tem como objetivo retirar o tráfego de longa distância do Centro da cidade, proporcionando aos transeuntes mais segurança e melhorando a mobilidade urbana naquela região. O valor do investimento soma mais de R\$ 33,7 milhões.

O Governo do Estado também já anunciou que vai construir o Arco Metropolitano da Grande João Pessoa. A obra prevê a construção de dois viadutos para interligar diretamente as rodovias federais BR-101 e BR-230, com uma extensão de 18,7 quilômetros. A intenção é favorecer a fluidez do tráfego de veículos entre os municípios da Região Metropolitana da capital, como Bayeux, Santa Rita, Conde, Lucena, entre outros, facilitando o acesso aos distritos de Cicerolândia e Odilândia. Apesar de ainda estarem em fase de licitação, as obras – que representam um investimento de R\$

210 milhões – estão com início previsto para junho deste ano e devem ser entregues no prazo de dois anos. Mais de 1,2 milhão de pessoas devem ser beneficiadas com a intervenção.

Reunião com ministro

No fim de janeiro, o governador João Azevêdo esteve reunido com o ministro dos Transportes, Renan Filho, ocasião em que apresentou o projeto do Arco da Grande João Pessoa e discutiu a possibilidade de uma parceria com o Governo Federal para a execução de novas obras de infraestrutura viária e mobilidade urbana. Segundo informou o chefe

do Executivo estadual, foram assegurados R\$ 180 milhões para serviços de manutenção e recuperação da malha federal em todo o território paraibano.

Durante o encontro, realizado em Brasília, também ficou assegurado o andamento das obras de readequação da BR-230, especificamente do trecho que vai do município de Cabedelo às Três Lagoas, na capital. Parte das obras ficará sob a responsabilidade do Exército Brasileiro e a outra será devidamente licitada para que sejam concluídas. O prazo para início dos serviços naquele trecho, no entanto, não foi informado.

Bananeiras também recebe benefícios

Em Bananeiras, o Governo do Estado também tem investido na implantação e pavimentação asfáltica do contorno rodoviário da cidade. A obra possui 4,3 quilômetros de extensão e pretende desafogar o trânsito na rodovia estadual PB-105, passando pelos municípios de Bananeiras e Solânea. A medida também vai contribuir para o escoamento da produção eco-

nômica daquela região, pois, segundo afirmou o superintendente do DER-PB, engenheiro Carlos Pereira, a obra vai tirar do Centro de Bananeiras o fluxo intenso de veículos.

As obras de terraplenagem de todo o trecho já estão em fase de conclusão, e a expectativa do DER-PB é que elas sejam entregues ainda no primeiro semestre de 2023.

Ainda segundo informações da pasta, o equipamento tem 3.500 metros com implantação de base e sub-base com cortes e aterros, além de mais 760 metros, nas proximidades de Solânea (no encontro com a PB-105), onde será feita a restauração do pavimento já existente. Na prática, toda a população da cidade e demais municípios da microrregião do Brejo paraibano, conforme

aponta o projeto do DER-PB, deve ser contemplada com os benefícios da obra.

Além da pavimentação em CBUQ (concreto betuminoso usinado a quente), o contorno rodoviário de Bananeiras vai possuir sistema de drenagem, cercas de delimitação da faixa de domínio, recuperação de áreas degradadas, colocação de defesa metálica e toda a sinalização viária necessária.

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

COM O APOIO DE JOÃO: GANHA FORÇA O NOME DE DANIELLA RIBEIRO PARA DISPUTAR A PREFEITURA DE CAMPINA



Foto: Agência Senado

A senadora Daniella Ribeiro (foto) tem evitado falar, ao menos publicamente, se irá disputar a prefeitura de Campina Grande, em 2024. Sempre que é indagada sobre este assunto, ela opta por dizer que, no momento, está focada nas demandas de seu mandato no Senado. Porém,

10 em cada 10 políticos de oposição ao prefeito Bruno Cunha Lima apontam que Daniella é a candidata mais forte e competitiva para enfrentar o forte grupo adversário, agora reforçado pelo senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB). Uma coisa é certa: Daniella Ribeiro só não será candidata a prefeita por opção própria. A depender de muitos de seus aliados, ela já estaria nessa condição. Afóra o fato de que a senadora e sua família têm densidade eleitoral na cidade, há outro aspecto que lhe dá mais musculatura para essa disputa: o apoio de João Azevêdo (PSB). Esta semana, ao ser perguntado sobre o seu apoio a uma possível candidatura da senadora, o governador foi direto: “Claro, somos parceiros. Se o nome estiver posto, vamos trabalhar”.

SEM OLHAR NO RETROVISOR

“Quem vive de passado é museu. O que a gente tem de garantir é a governabilidade do presidente Lula”, diz Gervásio Maia, ao ser indagado sobre a possibilidade de políticos paraibanos que não votaram no petista, mas em Bolsonaro, recebam alguma fatia do bolo do Lula III. No caso, a indicação de cargos federais.

“AÍ, PINTOU UM CLIMA”

Gervásio destacou que o próprio Lula procurou o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP), outrora um bolsonarista assumido. “E Lira não votou em Lula”, enfatizou, “mas Lula conversou com ele. Aí, a coisa evoluiu, pintou um clima, e ele pediu que a gente apoiasse Lira [na reeleição]. Isso foi importante para a aprovação de matérias relevantes para o país”.

“ATÉ O FINAL DESTES MÊS”

O deputado federal Gervásio afirma que estão prestes a serem definidas todas as indicações de cargos federais na Paraíba, a partir das tratativas com os partidos aliados. “Imagino que até o final deste mês isso será definido”, disse, destacando que conversou com o ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, sobre esse assunto, recentemente.

PARA DAR MAIS TRANSPARÊNCIA

“Esperamos que na próxima terça-feira a gente possa avançar nesse debate”. Do deputado Wilson Filho (Republicanos), reportando-se à pauta que ele quer discutir na ALPB acerca de empresas que negociam criptomoedas. No ano passado, ele apresentou lei para dar mais transparência ao segmento, mas não foi aprovada, porque era omissa quanto a quem faria a fiscalização. Ele rerepresentará a proposta.

VAI PROPOR UMA AUDIÊNCIA

Wilson Filho vai propor a realização de audiência pública na ALPB com Antônio Neto Ais, dono da empresa criptomoedas Braiscompany, que está sendo acusada por clientes de dar um calote no valor de R\$ 300 milhões. A empresa não estaria repassando pagamentos a investidores. “Queremos saber se a empresa está tentando resolver o problema ou se saiu do mercado, deixando as pessoas sem explicação”, disse.

A VOLTA DAS RELAÇÕES REPUBLICANAS: ACABOU A ERA DE FUZILAR A OPOSIÇÃO”

A diferença entre o modo de Lula (PT) de fazer política e o de Bolsonaro (PL) foi referida pelo ministro da Secretaria de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, em reunião com partidos da base: “Quero reafirmar que aquela era que existia no Palácio do Planalto em que se dizia que ia ‘fuzilar’ a oposição acabou”. Padilha se referia a uma fala de Bolsonaro, em 2018. Na ocasião, em um comício, ele convidou os presentes a “fuzilar a petralhada toda”.

Luiz Alberto Amorim

Superintendente do Sebrae-PB

“Projetamos 20% a mais no número de atendimentos de 2022”



Para este ano, órgão que apoia as micro e pequenas empresas planeja investir mais no estímulo ao empreendedorismo

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Com 247.257 pequenos negócios formais registrados no ano passado e a geração de 21.547 postos de trabalho criados pelas pequenas empresas, a Superintendência do Sebrae-PB tem perspectivas positivas para este ano. “Para 2023, estamos projetando 20% a mais de atendimentos do que realizamos em 2022. Um outro lado que estamos apostando, fortemente, é estimular mais a parte empreendedora. Dos quase 300 mil atendimentos que fizemos no ano passado, a maioria estava buscando informações sobre questões ligadas ao empreendedorismo. Isso quer dizer que essa prática deve estar sempre à frente das ações que o Sebrae faz”, frisou o novo superintendente da entidade, Luiz Alberto Amorim, eleito para o quadriênio 2023-2026. Ela já fazia parte da diretoria técnica da Casa e falou, em entrevista ao Jornal A União, sobre a importância da inovação, atualização e sustentabilidade nos empreendimentos. Outra meta é firmar parcerias com o poder público estadual e municipal para ampliar os princípios do empresariado entre os estudantes, abrindo o leque de oportunidades e possibilidades na escolha dos mais jovens. Leia a entrevista a seguir.

A entrevista

■ O senhor já fazia parte da diretoria técnica do Sebrae-PB e agora assume a superintendência da Casa para o quadriênio 2023-2026. Como o senhor recebe essa nova missão?

É um novo desafio, até porque o cenário que se tem pela frente requer de cada um de nós, não só do Sebrae, um olhar de avançar cada vez mais no desenvolvimento sustentável, seja no campo econômico ou no social. O Sebrae tem como missão atuar no desenvolvimento da pequena empresa, que tem se mostrado ao longo do tempo cada vez mais necessária e desempenhado um papel importante na Paraíba e no Brasil. Foi a micro e pequena empresa que, ao longo das crises que tivemos no país, deu a sustentação necessária para que a crise não se aprofundasse. Para 2023, estamos projetando 20% a mais de atendimentos do que realizamos em 2022. Um outro lado que estamos apostando, fortemente, é estimular mais a parte empreendedora. Dos quase 300 mil atendimentos que fizemos no ano passado, a maioria estava buscando informações sobre questões ligadas ao empreendedorismo. Isso quer dizer que essa prática deve estar sempre à frente das ações que o Sebrae faz. Ou seja, estimular aquela pessoa que quer transformar uma ideia em algo concreto e proporcionar a ela orientações, tanto presencialmente como por telefone ou pela internet. Se a pessoa quiser capacitação também oferecemos, inclusive aquelas que vão atender muitas necessidades do empreendedor, e tudo gratuitamente.

■ Quais os desafios da nova função?

O Sebrae fez 50 anos em 2022. Vamos construir a base dos próximos 50 anos. Fazer com que a gente possa construir nesses próximos quatro anos a base referencial que possa seguir nos anos subsequentes. O desafio é conduzirmos assim, com a pandemia ainda vigente, mas em um patamar de controle, apoiando as empresas para que elas possam olhar o futuro e ver como vão se posicionar. E esse futuro não

Balanço
A Paraíba criou
247.257
pequenos negócios
formais, entre
MEIs e
microempreendedor
até dezembro
de 2022

significa um futuro longo. O futuro é amanhã, é daqui a pouco. Outro ponto que queremos trabalhar é ampliar o tema empreendedorismo dentro das escolas, desde o fundamental até o superior. Fazer com que essas pessoas possam enxergar o mundo de outra forma e ver novas possibilidades e oportunidades. O Sebrae não tem a pretensão de que com isso todo mundo venha a ser empresário, mas queremos abordar o tema, estimular o comportamento empreendedor, que é aquela pessoa que encara desafios de forma mais proativa. Para isso, vamos firmar parcerias com secretarias de educação municipais, do Estado, que é onde está a população mais vulnerável.

■ De que forma essa articulação com o poder público deve estimular o empreendedorismo e impulsionar a criação de novos negócios no Estado?

Nós estamos buscando cada vez mais, juntamente com as instituições públicas, fazer com que o Estado apresente ambiente de negócio mais motivador e a burocracia não impeça a empresa de se desenvolver. O Sebrae estará apoiando fortemente essa ideia. Um dos nossos destaques é a Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (Redesim). Junto aos municípios, queremos expandir esse programa.

Já alcançamos mais da metade dos municípios paraibanos e queremos abranger todos os 223 municípios.

■ Sabemos que ainda há muitos negócios informais na Paraíba e em todos os estados do país. Qual a importância da formalização das empresas?

A formalização é um embrião de um grande negócio. A busca das pessoas em se formalizar e da evolução que esse processo teve, principalmente, onde antes você levava meses para isso e, hoje, você leva horas. Nesse contexto, o MEI tem um destaque importante e é cada vez maior o número de formalização dos profissionais autônomos.

■ Vamos falar sobre os resultados obtidos em 2022. Qual o balanço que o senhor faz da atuação do Sebrae-PB? Quais os principais destaques?

Além do atendimento, crescemos em todas as metas que tínhamos programado. Foi um ano extremamente produtivo. Quero destacar que uma das coisas importantes foram as empresas - sejam elas urbanas ou de produtores rurais, buscaram muitas soluções de inovação, tentando ganhar produtividade e atualização tecnológica. Quem não usava mídia digital no seu negócio, passou a usar da melhor forma e estrategicamente. Muita gente buscou atualizar o seu padrão de como fazer, como melhorar a qualidade e produtividade. O produtor rural buscou um novo padrão para se inserir na economia de forma mais sustentável. Espero que este ano tenhamos mais sustentabilidade e inovação nessas empresas, incluindo, nesse tema as ações da chamada ESG (Environmental, Social and Governance - que representa o conjunto de práticas ambientais, sociais e de governança de um negócio).

■ Quantos empregos os pequenos negócios na Paraíba geraram em 2022? Qual a perspectiva para este ano?

Em 2022, foram 21.547 postos de trabalho gerados pelas pequenas empresas, de acordo com o levantamento que o Sebrae realizou a partir de dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Desse total, 9.658 vagas foram criadas em João Pessoa e 3.459 em Campina Grande. É na micro e pequena empresa que há uma geração de empregos positiva e é esse tipo de negócio que absorve aquele contingente de pessoas que a economia tecnológica não consegue absorver. Muita gente ao longo desses anos perdeu seus empregos, a pandemia agravou isso, e quem sustentou a geração de empregos foi a micro e pequena empresa. Nós não podemos mensurar, mas, com a retomada progressiva da economia, estamos otimistas para chegar ao final deste ano com um novo saldo ainda mais positivo do que em 2022.

■ Sabemos que os pequenos negócios se destacam na economia da Paraíba. Qual o número de Microempreendedor Indi-

viduais (MEIs) e Microempresa (ME) no Estado?

A Paraíba somou, até dezembro do ano passado, 247.257 pequenos negócios formais, entre MEIs e ME.

■ A que o senhor atribui esse desempenho?

À busca das pessoas de como criar sua própria independência e receberam do Sebrae orientação e apoio para se desenvolverem. Tanto é que o índice de recomendação nosso foi de 86%, repetindo o desempenho que tivemos em 2021.

■ A relação Economia e Sustentabilidade é o novo desafio mundial para um planeta menos degradado. Quais as ações que o Sebrae-PB desenvolve para estimular a prática da sustentabilidade nos pequenos negócios?

A sustentabilidade e a questão ambiental é uma agenda que pertence a todo mundo hoje. O Sebrae já tem algumas ações e vamos enfatizar mais, não só praticando, mas buscando outras iniciativas para que as pessoas possam se engajar nestes temas porque pensando a humanidade e o futuro dela, todos têm que cuidar. O Sebrae estará engajado ainda mais nessa temática e política pública mundial para que as empresas possam implantar medidas sustentáveis, que vão desde ferramentas para economia de água, energia, fontes de energia renováveis, entre outras ações.

■ A competitividade faz parte do mundo dos negócios, sejam eles grandes ou pequenos. Qual o trabalho que o Sebrae-PB desenvolve para tornar os pequenos negócios mais competitivos e longevos na Paraíba?

É preciso inovar para ter mais competitividade. O Sebrae atua para proporcionar mais relacionamento, proximidade e confiança com os seus clientes e é isso que também trabalhamos com as empresas. É preciso entender que, antes, o seu principal concorrente estava próximo de você, na sua cidade, estado, mas, hoje, com a internet, está no mundo todo. Então, mudou a relação de planejamento do negócio. A pequena empresa sofre menos com isso porque ela tem a conveniência de trabalhar o relacionamento mais próximo com o cliente. Nessa inserção da competitividade, o pequeno empresário tem que olhar muito pra isso, construir uma relação próxima e tem que se especializar nisso, entender o que o cliente precisa para atender às necessidades dele e ser mais parceiro do que somente uma relação de compra e venda. O Sebrae vem atuando nisso e vamos continuar para que as empresas possam cada vez mais se consolidarem.

■ Os negócios voltados à área da tecnologia, inclusive à Tecnologia da Informação (TI), geralmente se mostram promissores nessa sociedade cada vez mais globalizada e consumidora de produtos e serviços eletroeletrônicos. Como está a Paraíba em relação aos empreendedores

tecnológicos e de TI? O Sebrae-PB investe nessa área? Como?

Atuamos levando a inserção da tecnologia dentro das empresas, mostrando a forma mais adequada de utilizar as ferramentas que estão disponíveis. O Sebrae está pronto para orientar esses empreendedores e ajudá-los nesse processo de evolução. Estamos na era 5G e Internet das Coisas, que vai criar uma revolução no campo do fazer, principalmente, na robótica, e com maior velocidade em tudo. Vamos acompanhar isso e fazer com que as empresas se insiram nesse contexto. As empresas paraibanas estão buscando essa evolução e esse é um dos pontos de atendimento do Sebrae para as empresas. Estimulamos muito os negócios de tecnologia que são startups. Temos dois projetos que atuam fortemente com isso: o Hub Inovação Farol Digital, em João Pessoa, que foi lançado em dezembro de 2022; e outro grupo, em Campina Grande. Com isso, juntamos grupos de entidades e pessoas que atuam no campo da tecnologia e inovação para que a gente possa somar esforços e dar um impulso maior a essas empresas vocacionadas à tecnologia, além de buscar soluções para isso que lá na frente vão gerar mais produtos.

■ Qual a importância da economia criativa no rol de negócios que o Sebrae-PB estimula?

A economia criativa envolve tudo aquilo que está no saber e na cultura do povo, em suas mais diversas manifestações. O Salão do Artesanato, por exemplo, está mostrando isso, com a força dos nossos produtores, incluindo diversos projetos apoiados pelo Sebrae em todo o estado. Temos ainda os negócios criativos digitais, que estão na internet, e virou algo importante porque gera renda e faz parte da economia criativa. Ou seja, a economia criativa permite a inclusão produtiva de todos e tudo isso faz com que, no contexto de hoje e do amanhã, esta seja a grande base de resposta de inclusão produtiva e social não só no Brasil, como no mundo inteiro.

■ O senhor disse que, mesmo com a vigência da pandemia, pretende avançar esse ano no estímulo aos pequenos negócios. O que a pandemia da Covid-19 deixou de aprendizado para o Sebrae-PB e empreendedores de pequeno porte?

A mudança de pensamento, a atualização. Uma pandemia não estava no cenário de ninguém, então, as pessoas tiveram que se reinventar, renovar, se atualizar. O mundo mudou e faço sempre o raciocínio de que há empresas que ainda estão num patamar tecnológico anterior à pandemia e há empresas que estão migrando para um patamar tecnológico posterior à pandemia. Esse cenário fez uma aceleração e mudou tudo, não só na relação empresarial como na pessoal, até porque uma empresa é feita por pessoas.

PRÉVIAS DE CARNAVAL

Virgens de Tambaú tomam as ruas

Tradicional bloco tem expectativa de atrair mais de 600 mil pessoas após dois anos de pandemia da Covid-19

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Alegria, irreverência, mistura de ritmos e fantasias inusitadas. Essas são algumas das características do bloco “Virgens de Tambaú” que promete animar a noite deste domingo em mais um dia do Folia de Rua 2023, da cidade de João Pessoa.

O bloco é um dos mais aguardados desta edição do evento, que retorna após dois anos suspenso pela pandemia, trazendo como principal atração a banda de axé baiana Psirico.

A expectativa é que mais de 600 mil pessoas participem na avenida, número que supera o registrado nas últimas edições.

De acordo com o vice-presidente e um dos fundadores, Zeba Lyra, “As Virgens” ao longo dos seus 36 anos se consagrou como um dos maiores blocos carnavalescos do Brasil, com homens vestidos com roupas femininas.

Segundo o dirigente, o bloco vem passando por um momento de transição desde a pandemia da Covid-19 e sabendo que o Carnaval é uma das maiores festas do país, essa prévia carnavalesca é realizada antes das festas em Olinda (PE) para que os foliões não percam nenhuma comemoração.

“A expectativa é que tenhamos uma grande festa. Todos querem respirar Carnaval, brincar outra vez e ser feliz. Para isso, estamos promovendo uma grande festa. As Virgens de Tambaú vão sair com trios muito bem representados com frevo, samba, batidão, swingueira. Ou seja, tudo que o Brasil faz, tudo que a juventude gosta, tudo que o país ouve hoje a gente está junto com a cidade nesses trios”, descreveu.

Segundo o representante do bloco, são oito trios elétricos confirmados para uma edição histórica do evento. As Virgens de Tambaú acontece na Via Folia, na Avenida Epitácio Pessoa e a concentração está prevista para as 15h, com provável saída às 17h, rumo a Via Folia, onde estão instalados os camarotes oficiais, percorrendo toda a avenida até o Busto de Tamandaré, na orla da capital.

A previsão é que a festa siga até 1h da madrugada da segunda-feira (12). “Espero que João Pessoa abrace mais uma vez a festa como sempre tem feito. Esperamos que a cidade viva uma alegria que não aconteceu nestes últimos tempos e que as Virgens de Tambaú, em 2023, façam um super Carnaval”, declarou Zeba Lyra.

Além da banda Psirico, as atrações confirmadas para o desfile de trios elétricos são: os músicos locais Liss Albuquerque, Gracinha Telles e Jairo Madruga (sairão juntos no trio), além de Felupe, Artur Queiroz & Banda Abala.

As atrações das Virgens de Tambaú incluem ainda a cantora Myra Maya, com Pop, Bregafunk, Passinho e Axé; o cantor Dodô Pressão também é outra atração esperada; o Trio Rock será levado pela banda Save The Queen, de João Pessoa. A última atração anunciada pela organização é “Os Neiff’s”, do cantor Anderson Neiff, de Pernambuco.

Outros detalhes ficam com Liss Albuquerque, Gracinha Teles e Jairo Madruga como puxadores oficiais e com o estandarte oficial assinado pelo artista plástico Clóvis Júnior.

História e renovação

O Bloco Virgens de Tambaú foi fundado no ano de 1987, por um grupo de jogadores da seleção paraibana de voleibol e alguns amigos, tais como Zeba Lyra, Euclides Menezes e Sérgio Carneiro. Eles iam para o bloco “Virgens do Bairro Novo”, de



Virgens de Tambaú contará com diversos trios eletrônicos divididos em diferentes estilos musicais para atrair e contemplar a todos os gostos



Foto: Arquivo Pessoal

“

Todos querem respirar o Carnaval, brincar outra vez e ser feliz. Para isso, estamos promovendo uma grande festa

Zeba Lyra

Olinda (PE), mas não puderam viajar e resolveram sair pelas ruas do bairro de Tambaú, em João Pessoa, vestidos como mulheres.

“Como saímos de Tambaú, da Avenida Antônio Lyra (em frente ao Convívio Bar), convencionou-se que no ano seguinte que o bloco se chamaria “Virgens de Tambaú”. Naquele ano, fizemos uma grande festa com poucas pessoas. E a história começa assim”, conta Zeba Lyra.

Poucos anos após a criação, a pessoa que liderava o bloco, tornou-se evangélico e resolveu não participar da prévia carnavalesca. Com isso, Sérgio Carneiro passou a comandar as “Virgens” e convidou o grupo que estava desde a primeira edição para dar continuidade às festividades.

“Isso aconteceu no início dos anos 1990 e continuamos até o falecimento de Sérgio, em 2002. Ficamos só eu e Euclides tocando o bloco e quando Sérgio faleceu, o bloco ti-

nha cerca de 100 mil pessoas e agora 20 anos após a morte dele e 36 anos do surgimento, o bloco já arrasta 600 mil pessoas”, destacou Zeba.

Nestes 36 anos, o bloco saiu em vários pontos diferentes, como nas Praias do Bessa, Manaíra e Cabo Branco.

“Até que um dia a gente foi convidado a participar do Via Folia pelas Muriçocas e deu certo. As Virgens de Tambaú nunca mais saíram de lá porque nos identificamos com esse local e essa festa”, relatou o vice-presidente.

O presidente ressalta que atualmente o bloco passa por uma renovação, pois inicialmente o patrono era Sérgio Carneiro e hoje é o seu filho que é o presidente das Virgens de Tambaú. Já Zeba e Euclides Menezes ocupam a vice-presidência.

“Sérgio Carneiro teve a coragem de pegar o projeto e manter, mas infelizmente, veio a falecer. Ele é o grande patrono, tanto que hoje co-

locamos o filho dele, Iago Carneiro, como presidente. Depois de 36 anos estamos fazendo uma grande renovação na diretoria e agora, é preciso que essa nova diretoria, siga trabalhando por mais 30 anos com o bloco, já que eu e Euclides estamos saindo de cena aos poucos”, informou.

Hoje o bloco conta com os seguintes membros na diretoria: Nicolle Lyra (diretora), Iago Carneiro (presidente), Euclides Menezes e Zeba Lyra (vices-presidentes), Ícaro Diniz (diretor) e Leonardo Lucena (diretor).

Além das Virgens de Tambaú, neste domingo, o Folia de Rua traz também o bloco Viúvas da Torre. Ele inicia às 16h, na Avenida Manoel Deodato, em frente ao Bar do Dualho, no bairro da Torre.

Em 2023, as atrações do Viúvas da Torre são: Totonho & convidados, Rafa Araújo de Carnaval, Dj Ian Valentin, Nação Maracatu Pé de Elefante, Orquestra AZDD e Escurinho.

EM BORBOREMA

Projeto teatral resgata carnaval de 1960 no Brejo

José Alves
zavieira2@gmail.com

Reviver antigos carnavais e tradições é algo que, raramente, volta aos dias atuais com festejos cada vez mais modernos. Algumas iniciativas, no entanto, buscam resgatar os tempos de folia onde a alegria era plena com bem pouco. Na cidade de Borborema, no Brejo da Paraíba, a Companhia de Teatro Camucá volta, neste domingo, à década de 60 para recriar o Carnaval da época.

Antes organizado por Dona Elisia Nogueira, importante nome para a cultura da cidade, a companhia, juntamente com atores e dançarinos, irá proporcionar um carnaval de memórias e de arte, relembrando os antigos festejos de Momo. Comandados pelo teatrólogo e ator, Renilson Targino, os atores irão desfilar com fantasias da época, no bloco Os Papangus, com início marcado para às 8h, percorrendo as principais ruas da cidade.

Já no período da tarde, Dona Elisia Nogueira será homenageada no bloco Chiquita Bacana, a partir das 15h, aberto para toda a população e moradores das cidades vizinhas. A concentração será em frente a antiga casa da fundadora, Dona Elisia. Os foliões também percorrerão as principais ruas de Borborema, com pequenas paradas



Companhia de Teatro irá reviver o Bloco dos Papangus e o Chiquita Bacana, que marcaram época

em frente aos prédios mais antigos da cidade para apresentação de performances artísticas culturais.

Renilson contou que na década de 1960, em Borborema, aconteciam os carnavais tradicionais, repleto de blocos e bailes que arrastavam multidões e lotavam clubes e ruas. Segundo alguns moradores antigos, os carnavais de Borborema eram organizados por Dona Elisia Nogueira, que foi uma das primei-

ras moradoras da cidade. “Era ela que organizava os dois principais blocos do município: Papangus e Chiquita Bacana. E após os desfiles dos blocos a festa continuava nos bailes que aconteciam nos clubes”, lembrou.

No bloco, os Papangus trajavam roupas velhas, uma vez que as condições da época eram precárias. Os foliões usavam meias nas mãos; máscaras que eram confeccionadas

com papel madeira e alguns deles usavam perucas. O maior objetivo do bloco era manter o sigilo sobre a identidade dos participantes, para que ninguém fosse reconhecido, deixando um certo suspense no ar.

Já o bloco Chiquita Bacana arrastava multidões que se fantasiavam, pintavam e alegravam as ruas de Borborema. A concentração sempre acontecia em frente a casa dela.

Foto: Renilson Targino

RESISTÊNCIA

Mulheres lutam por mais igualdade na área científica

Dia Internacional, celebrado hoje, busca incentivar a participação feminina

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Durante o Ensino Médio, Railane Silva percebeu que gostava de matemática. Na Bahia, estado natal, descobriu que as tão temidas operações só faziam com que ela se aproximasse, cada vez mais, dos elementos lógicos. A estudante até pensou em não seguir carreira na área, mas após os resultados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), prestado em 2013, ela decidiu abraçar o convite.

Primeira pessoa da família a ter um diploma em mãos, Railane se licenciou em Matemática e, em 2018, veio à Paraíba para iniciar o Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Matemática, da Universidade Federal da Paraíba, o melhor do país na publicação de estudos de alto impacto, segundo a classificação global Leiden Ranking. Sem saber, a moça, que hoje segue trilhando os caminhos da pesquisa no doutorado, foi inspiração para que, mais tarde, o irmão se graduasse em Engenharia Mecânica.

“O conhecimento matemático é muito amplo e por isso, a pesquisa se torna bastante interessante. Sempre tem algo que eu preciso aprender, refletir e desenvolver”, disse.

Letrada em escola pública, Railane é apenas uma das milhares de mulheres que, todos os dias, provam que é possível crescer e resistir em um mundo onde, de acordo com dados do relatório de Ciências da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), as mulheres representam apenas 30% da comunidade científica.

Neste contexto, o cami-

nho a se trilhar ainda é difícil, embora hoje já seja melhor que antes, quando negava-se às mulheres a participação em espaços de produção e difusão de conhecimento.

No século 19, Charles Darwin afirmava que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens e, ainda hoje, muitas pessoas acreditam nisso.

Na América Latina e Caribe, as mulheres rumam à paridade de gênero na Ciência e são 46% do total de pesquisadores desses países. No Brasil, o percentual de mulheres assinando artigos científicos chega a 72%, conforme dados da Unesco. No entanto, a resistência segue sendo pauta nesses espaços, já que, ainda que sejam quase metade dos cientistas latino-americanos, as mulheres ainda têm que lidar com a estigmatização feminina.

Mesmo a realidade sendo dura, elas seguem tendo esperança de que o futuro será

melhor. Para a professora Lucimeiry da Silva Rabay, do departamento de Administração, da UFPB, ainda há muita luta pela frente até que as mulheres atinjam a igualdade de gênero na ciência e na vida.

“Durante a minha carreira, senti que o ambiente científico era ímpar para as mulheres. Porque a gente não encontra nenhuma outra forma de trabalhar que não esteja atrelada à forma com que as pessoas são vistas na sociedade. E, para as mulheres, no ambiente científico, isso não tem muita mudança”, disse ao avaliar que a presença feminina no universo científico confronta diretamente o patriarcado.

Nesse sentido, a existência de mulheres na Ciência esbarra, também, na relação estrutural relacionada à forma com que as mulheres são vistas, respeitadas e interpretadas pela sociedade. Por isso é necessário que os espaços sejam ocupados e as vozes ouvidas.

Projeto busca talentos nas escolas públicas

Na tentativa de construir mais um trecho do longo caminho a ser percorrido rumo à igualdade de gênero na Ciência, a professora Josilene Aires, do Centro de Informática da UFPB (CI/UFPB), criou, em 2013, o Meninas na Ciência da Computação (MCC), um projeto que busca incentivar o ingresso de mulheres na Tecnologia.

Com a ajuda de outros docentes e a participação de três alunas, Josilene começou um plano para reverter a situação do CI, onde apenas 14% dos estudantes são mulheres. Hoje, a rede conta com 17 alunas.

“As meninas dão o depoi-

mento de que é muito importante para elas ter um grupo de apoio lá no centro, uma vez que esse ambiente é tão masculino e elas se sentem deslocadas nas salas. Muitas vezes, numa sala de cinquenta estudantes, apenas cinco são mulheres. E, dessas, às vezes, duas delas desistem e só restam três meninas”, explica Josilene.

A professora conta que, para reduzir o desconforto dessas mulheres e incentivar a permanência delas no ambiente científico, o MCC tem um pequeno laboratório, com computadores e acesso à internet, para que elas possam estu-

dar juntas e compartilhar as dificuldades enfrentadas.

“Sinto-me estimulada a prosseguir e alcançar cada vez mais meninas, na Paraíba e no Brasil! É um mundo novo que se descortina para elas, cheio de oportunidades. Acredito que uma mulher precisa se empoderar primeiro economicamente, tendo um trabalho decente de forma a sustentar-se e aos filhos”, comenta.

Não satisfeitas, as mulheres do MCC querem mais e vão às ruas mostrar a outras mulheres que a Tecnologia é um sonho possível.

Entre novembro de 2021 e novembro de 2022, 26 escolas

Na Paraíba, fomenta-se cada dia mais que as meninas se sintam pertencentes à Ciência. O ‘Projeto Meninas na Ciência e Tecnologia’ é uma das iniciativas postas em prática para que o estímulo não seja apenas moral. Através do projeto, a Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, reuniu, no ano passado, 700 estudantes da Rede Estadual de Ensino, de 77 cidades paraibanas para projetarem jogos digitais, com 135 estudantes, organizadas em 27 times, classificadas para um hackathon, maratona de tecnologia voltada à inovação.

Alice Silva, 18 anos, participou da maratona representando a cidade de Pedra Lavrada em uma experiência transformadora junto a equipe Empoderadas da Matemática e a professora Janaína Fabiana. “Ter a oportunidade de participar desse projeto que está trazendo cada vez mais inovação foi uma ótima experiência”, falou.

de 14 cidades diferentes receberam a visita da van do MCC Itinerante, quando cerca de 700 alunas conheceram o projeto e puderam aprender um pouco mais sobre o universo da programação.

No ano passado, a van do MCC Itinerante também foi a Baía da Traição. Lá, as integrantes do projeto realizaram a capacitação de professores das escolas indígenas e propuseram às comunidades indígenas o debate ‘A Mulher e a Tecnologia’.

“Nossas alunas sempre enfatizam que é muito importante poder trabalhar em favor da sociedade, porque elas se colocam no lugar das meninas que nos ouvem e pensam em como seria diferente se elas mesmas tivessem recebido essas informações oportunamente quando estavam no Ensino Médio”, diz a professora.

Josilene conta, ainda, que um grato retorno do projeto foi saber que uma das alunas integrantes do MCC é de outro estado e decidiu se matricular na UFPB, justamente por saber que a universidade dispõe do espaço de acolhimento.

As mulheres do MCC trabalham também pela geração de emprego digno e crescimento econômico.

Toca do Leão

Fábio Mozart

mozartpe@gmail.com | Colaborador

O guardião dos livros

Não quero ser metido a gente boa, mas admiro a pessoa cavalheiresca, o sujeito cortês e a mulher nobre de querença e afeto pela humanidade. Essas criaturas feitas de boas intenções são responsáveis pela renovação de nossa esperança em um mundo mais benevolente. Na cidade de Bananeiras, encontrei um senhor de minha idade que passou a vida estimulando a leitura e zelando por livros, ofício a que eu também me dediquei, embora com métodos e princípios diferentes. Na verdade, Manoel Luiz é alagoano de União dos Palmares, terra do poeta Jorge de Lima que foi o único poeta brasileiro selecionado para receber o Prêmio Nobel. Manoel especializou-se seriamente numa profissão não regulamentada que é a de incentivador do virtuoso hábito da leitura. É desses que sai espalhando livros por onde anda, fundando bibliotecas, tomando conta de estantes e salvando livros do lixo e do esquecimento. Estudante da Escola Agrotécnica Floriano Peixoto em Satuba, Alagoas, ele veio parar em Bananeiras, transferido para a Escola Vidal de Negreiros, onde fez o curso de Zootecnia. De lá não saiu mais. Foi diretor de Cultura do Município, depois passou a cuidar da Biblioteca Pública e publicou diversos livros de memórias sobre a região que o adotou.

Esse alagoano/paraibano foi descoberto por mim na Academia Solanense de Letras, eu que sou pernambucano/paraibano e tenho a percepção também de me sentir leve quando descarrego livros em alguma biblioteca pública ou nas ruas, em escolas, em quiosques, qualquer ambiente onde possa montar a prateleirinha de troca informal de livros. Em comum com Manoel Luiz, tenho ainda o vício de escrever e o fato de sermos confrades na irmandade dos ex-alunos da nossa Escola Agrotécnica Vidal de Negreiros, de Bananeiras, educandário prestes a comemorar centenário no próximo ano.

Cheguei há três anos em Bananeiras/Solânea. Quando dei fé estava no meio de pessoas concentradas na ocupação de difundir cultura, gente carregando a grande bandeira do conhecimento acadêmico e também popular, mestres do cordel, a exemplo do professor poeta Alexandre Araújo, ativistas culturais como o professor Wolhfang Costa e compositores do forró representados pelo amigo Severino Gomes, famoso Tuíca do Rojão. Uns e outros dividindo sua laboração entre Solânea e Bananeiras, cidades que ficam a apenas três quilômetros de distância uma da outra. Tanto que o infatigável Manoel Luiz participa da Academia de Letras de Solânea e ajudou a fundar recentemente a Academia Bananeirense de Letras e Artes, agremiação que foi poeticamente batizada com a sigla ‘Abela’.

De modo que me vejo em um brilhante passado e um presente razoável, eu que estudei no Colégio Vidal de Negreiros, turma de 1975 e sou sócio efetivo das duas academias, não me sentindo muito bem fisicamente para top a parada de comemorar o centenário dessas duas entidades que ajudei a fundar nas cidades-gêmeas. Mas, prossigamos porque a vida é divertida e eu gostaria de ser apontado post mortem como um sujeito que viveu seu papel no palco da vida com razoável senso de humor e discreto charme tragicômico.

Voltando ao mestre Manoel Luiz, nome do meu avô materno, fui agraciado com exemplares dos seus livros “Colégio Agrícola no prenúncio do seu centenário” e “Tributos a Edilberto Coutinho – De Bananeiras para o mundo”, esse cronista, contista, ensaísta, jornalista e professor universitário, filho de seu Francisco Coutinho Filho, folclorista bananeirense, patrono da Abela, Academia Bananeirense de Letras e Artes. Em contrapartida, levei o insigne alagoano para conversar na velha Rádio Tabajara da Paraíba AM, no programa “Alô Comunidade”, onde ele contou suas histórias, sem falar de algumas figuras históricas cujo julgamento não é dos mais lisonjeiros, porque Manoel é um sujeito discreto. Seu exame da vida real deletéria é feito somente de intenções silenciadas. Melhor assim, porque escapamos das vãs vaidades de queremos ser donos da veracidade ideológica, com seus inevitáveis choques. Não temos mais idade para esses abalroamentos de conceitos e juízos políticos.



Foto: Arquivo Pessoal

Rede de apoio e fortalecimento incentiva mais meninas a sonharem com carreiras



Foto: Arquivo Pessoal

Projeto itinerante ajuda no processo de descobrimento de talentos para as ciências

POLÍCIA CIVIL

Acadepol se prepara para iniciar curso

Serão treinados alunos aprovados no concurso realizado recentemente para vários cargos da instituição

Alexsandra Tavares
 ekajp@hotmail.com

Fotos: Roberto Guedes

“Esse concurso é histórico para a Polícia Civil da Paraíba (PCPB) que, na forma da lei, existe há 40 anos. Nesse período, houve apenas três concursos: um na década de 80, outro em 2003 e o último em 2008. Hoje, o efetivo da Polícia Civil é de 2.150 policiais. Considerando os que estão afastados por motivo de doença ou de férias, por exemplo, temos cerca de 1.600 policiais atuando. Então, podemos dizer que esse concurso, que tem 1.400 vagas, vai quase dobrar o nosso efetivo”. A afirmação é do diretor de ensino da Academia de Polícia Civil (Acadepol), delegado da Polícia Civil Pedro Ivo Soares Bezerra. Ele se referia ao resultado final da primeira etapa do concurso público da PCPB divulgado no último dia 4 pelo Diário Oficial do Estado. Ao todo, foram mais de 3.600 pessoas classificadas.



Pedro Ivo explicou que estão sendo preparados todos os ambientes na Acadepol onde acontecerão as aulas técnicas para as atividades dos novos policiais civis



Pedro Ivo explicou que esse público atingiu boa pontuação, mas apenas 1.400 serão chamados para a segunda e última etapa do concurso: o curso de formação de policiais, que ocorrerá na Acadepol com caráter eliminatório. Segundo ele, quem está na posição depois de 1.400 ficará numa espécie de lista de espera e só poderá ser convocado em casos excepcionais, como o falecimento ou desistência dos candidatos que atingiram melhor colocação.

O curso de formação de policiais na Acadepol ainda não tem data para iniciar e será realizado em três etapas. A primeira com 513 candidatos; a segunda com 485 e a terceira com 402 candidatos, uma vez que a Acadepol não comporta todos os 1.400 alunos de uma única vez. “O primeiro curso de formação vai começar nesse primeiro semestre de 2023, mas não temos uma data exata para o início porque depende de homologações que passam pela Secretaria de Estado de Administração e pela Secretaria de Estado da Segurança e da

Defesa Social. Esse curso é preparatório e possibilita o candidato conhecer realmente o desempenho da atividade policial”, explicou o delegado.

O curso de formação de policiais terá uma carga horária de aproximadamente quatro meses e meio. Durante esse período, o candidato irá passar por uma série de avaliações como teste de aptidão física, psicotécnico, aptidão de saúde, investigação social, entre outras. A orientação de Pedro Ivo é para que os candidatos que irão se submeter a esta segunda etapa fiquem atentos ao chamamento, porque eles têm um prazo para realizar a inscrição.

“A orientação é que o candidato aguarde a convocação, que fique atento ao Diário Oficial do Estado, às notícias que são divulgadas na imprensa. Após a convocação, ele deverá atender o chamamento e fazer a matrícula de forma on-line. Caso ele perca o prazo previsto no edital para fazer a matrícula, se não me engano é de 15 dias, será considerado desclassificado”, frisou.

Candidato terá direito a bolsa de 50% do valor da remuneração da atividade

Bolsa

Aluno receberá o valor após nomeação com o objetivo de ajudar no custeio com moradia, transporte, compra de fardamento e outros gastos

O candidato que for fazer o curso de formação de policiais na Acadepol, situada em João Pessoa, terá direito a uma bolsa de 50% do valor da remuneração que irá receber após a nomeação. Essa bolsa poderá ajudar no custeio com moradia (caso o aluno more distante da capital paraibana), transporte, alimentação, compra do fardamento que terá de usar no decorrer das aulas, entre outros gastos.

Como essa segunda etapa tem caráter eliminatório, uma parcela dos 1.400 alunos que integraram as três etapas do curso poderá ser reprovada. “Neste caso, vamos chamar quem está na lista de espera, porque o número de 1.400 vagas deve ser preenchido. Historicamente, porém, o percentual de reprovação geralmente é muito pequeno. Quando os candidatos chegam nessa etapa, já estão bem nivelados”, declarou o diretor de ensino da Acadepol, delegado Pedro Ivo Soares Bezerra.

O delegado frisou que, os 1.400 policiais que serão nomeados ao final de todas as etapas do concurso será uma equipe mais jovem, que vai possibilitar uma reestruturação importante no efetivo da Polícia Civil. “Esses policiais terão capacidade de trabalho atualizada em termos de conhecimento teórico, além de serem mais jovens. A Polícia Civil exigirá dessas pessoas uma atuação de acordo com as nossas diretrizes”, destacou.

História - Ao relembrar a história da Polícia

Civil da Paraíba, o delegado Pedro Ivo frisou que a corporação existe, na forma da lei, há 40 anos, mas, antigamente, funcionava sem ser uma polícia de carreira, uma instituição sólida. “Somente no governo de Tarcísio Burity, o secretário de segurança na época, Geraldo Navarro, tomou a iniciativa de fazer a criação da Polícia Civil de carreira, então pas-

sou a existir uma organização administrativa da PC”, afirmou.

A partir daí, houve o primeiro concurso na década de 80, e os outros dois, em 2003 e 2008. Neste caso, há 15 anos o efetivo da PCPB não é renovado. “E esse concurso é o que está oferecendo o maior número de vagas de toda a história da Polícia Civil do Estado”.

Foto: Secom/PB



A Polícia Civil será uma equipe jovem, que irá possibilitar uma reestruturação da PCPB

Número de professores e monitores cresceu 150%

O diretor de ensino da Acadepol, delegado Pedro Ivo Soares Bezerra, explicou que o corpo docente da instituição que preparava integrantes da área de segurança pública foi ampliado recentemente por meio de um processo seletivo simplificado. A iniciativa aumentou em cerca de 150% o cadastro de professores e monitores que dão aula na instituição.

“Nós saímos de cerca de 100 professores cadastrados no banco de ta-

lentos da Acadepol para 253 professores cadastrados”, declarou. O delegado acrescentou que essas pessoas não pertencem ao quadro de funcionários da Acadepol, mas ficam à disposição da Academia para ministrar cursos. “Oportunamente, quando se aproximar o curso, eles serão contatados. Então vão verificar a disponibilidade para desempenharem a função de docência ou monitoria na Acadepol”.

Saiba mais

O concurso da Polícia Civil da Paraíba, iniciado no ano de 2021, oferece vagas para os cargos de delegado, escrivão, agen-

te de investigação, perito oficial criminal, perito oficial médico-legal, perito oficial odonto-legal, perito oficial químico-le-

gal, técnico em perícia, papiloscopista e necrotomista. Os salários iniciais variam de R\$ 3.726,73 a R\$ 12.769,80.



Passeios envolvem trilhas, banhos em cachoeira e visita a espaços históricos que preservam a fé dos moradores, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (acima), de 1957

APOSTA

Diamante na trilha do ecoturismo

Município proporciona experiências de contato com áreas quilombolas, banhos em balneário e festas populares

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Diamante, que comemorou no dia 30 de dezembro de 2022 61 anos de emancipação política, está se preparando para atrair visitantes que praticam o ecoturismo ou o turismo rural, transformando suas riquezas naturais em atrativos. O objetivo da administração municipal é melhorar a qualidade de vida dos habitantes com o apoio do Sebrae-PB. Alguns dos pontos que mais atraem os turistas é a Pedra Montada e a cachoeira do Tinindo.

Na trilha do ecoturismo, em meio às ladeiras íngremes e serras, o município conta com duas comunidades quilombolas em Barra de Oitis, onde é possível o visitante conhecer as histórias e os costumes do povo remanescente de quilombos. Somando-se às comunidades, o passeio turístico também se volta para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (padroeira da cidade), construída no ano de 1957, e a Capela do Rosário (construída no ano de 1856). Locais de encontro e de orações, onde os fiéis católicos celebram a vida com muita fé. O local representa a fé de seu povo.

A sugestão é que as trilhas sejam iniciadas na comunidade Mata de Oitis, grande produtora de arroz vermelho (arroz da terra), onde é possível degustar um bom rubacão com galinha de capoeira. O município tem uma área territorial de 269 quilômetros quadrados e todos os habitantes são abastecidos pelas águas do Rio Piancó.

No Sítio Engenho Velho está a Casa de Farinha, onde o visitante conhece todo o processo de produção desse rico alimento presente na mesa do

sertanejo. No Sítio Porções, no Açude Governador Wilson Braga, é possível tomar banho em seu balneário e sangradouro, andar de barco e pescar.

Localizada no Alto Sertão no Vale do Piancó, Diamante tem atualmente uma população estimada em 6.506 habitantes, segundo informações da secretária da Administração da prefeitura, Maria Aparecida (Cidinha). Ela revelou que uma das principais fontes de renda do município vem do Fundo de Participação Municipal (FPM), mas informou também que o município a cada ano vem investindo na agricultura familiar onde se sobressaem as plantações de batata-doce, mandioca, arroz vermelho, feijão macassar, abóbora e mamão.

O município que se situa a 446 quilômetros de João Pessoa já recebeu diversos benefícios da gestão do governador João Azevêdo, dentre eles está em andamento a construção de uma creche, as reformas das escolas municipais e entrega de dois veículos, Fiat Estrada e Chevrolet Spin.

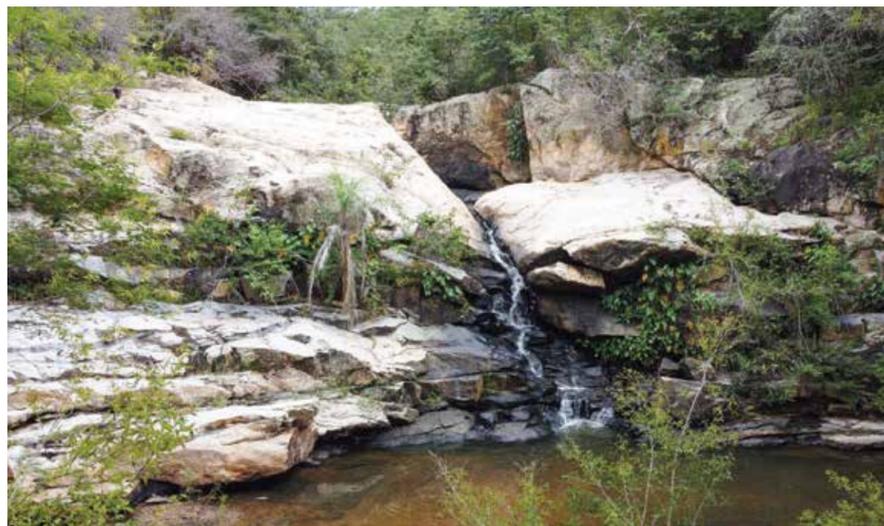
As principais festividades são Festa de São João, no dia 24 de junho; a festa religiosa Mariana, no dia 20 de janeiro (feriado municipal); e a festa da padroeira da cidade, que é comemorada no Dia de Nossa Senhora da Conceição, que acontece no dia 8 de dezembro. No dia 30 de dezembro, o município comemora a festa de emancipação política.

Os habitantes de Diamante, que tem como prefeito Hermes Mangueira Filho, se chamam diamantenses. A cidade faz divisa com Boa Ventura, Santana de Mangueira e São José de Caiana. A cidade se situa a 19 km ao sul-oeste de Itaporanga, a maior cidade dos arredores.



Pedra Montada é um dos destaques naturais de Diamante. Estrutura fica distante cerca de 6km do perímetro urbano da cidade.

Cachoeira de Tinindo é um dos atrativos naturais que a cidade de Diamante aposta para atrair visitantes em busca de um turismo rural e contato com a natureza



Cidade já foi distrito de Itaporanga

De acordo com historiadores, o nome Diamante provém do sítio e da serra contíguas às terras devolutas concedidas a Manoel de Sousa Olival pelo governador da então capitania Antônio Borges da Fonseca em 1752. Dezoito anos depois, José Felix de Sá, adquire a concessão de uma légua e meia quadra de terra.

Em 1816, o capitão Domingos João Dantas Rothéa, morador de Piancó, também obtém concessão de terras no local. E foram os sítios que deram origem à povoação. O capitão doou o terreno para a construção da primeira capela, de Nossa Senhora do Rosário. O local passou a se chamar Paulo Mendes, em homenagem ao seu primei-

ro professor. Em seguida, o Padre Joaquim Dinis, sugeriu a mudança do nome Paulo Mendes para São Paulo.

Então, o distrito com o nome de São Paulo, foi criado pelo decreto-lei estadual subordinado ao município de Itaporanga ex-Misericórdia. Pelo decreto-lei estadual de 31 de dezembro de 1943, o distrito de São Paulo passou

a denominar-se Diamante e o município de Itaporanga voltou a denominar-se Misericórdia. Em seguida, o território com a denominação atual de Diamante foi criado pela Lei Estadual nº 2655,

de 21 de dezembro de 1956, se desmembrado do município de Itaporanga. Sua instalação aconteceu no dia 30 de dezembro de 1961.

Caçula da família Ramalho, Linda traduz o conceito sonoro das músicas do seu trabalho solo em termos como “subversão”, “questionamento” e “atitude”



Foto: Eduardo Moraes/Divulgação

MÚSICA

Estreia com ‘Adrenalina’

Filha de Zé Ramalho, cantora e compositora Linda Ramalho faz seu lançamento em carreira solo com disco oriundo da essência e da pegada do rock

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Um velho cruza as soleiras de sua casa e bate na porta do quarto de sua filha, que dormia. “Ele estava com o maior sorriso, de braços abertos, e me disse: ‘Você fez um lance incrível, está a sua cara, parece Sex Pistols, Nirvana!’. Nunca o tinha visto mais orgulhoso: naquele momento, fui a pessoa mais feliz do mundo”, conta a cantora e compositora Linda Ramalho, a filha mais nova de Zé Ramalho. Ela se lança na carreira solo com *Adrenalina*, EP de quatro faixas que conta com, além da música homônima, duas composições em inglês e uma versão punk rock de ‘Eternas Ondas’, sucesso do pai, gravado por Fagner, em 1980.

A canção que gerou reação tão emocionada do paraibano de Brejo do Cruz foi ‘Nothing to hide’, que Linda Ramalho acabara de gravar no estúdio, cedo da madrugada, e que Zé comparou às bandas do movimento punk e grunge. “Eu entendo que ele reconheça essas influências, inclusive eu já tive uma banda cover chamada Linda and the Spacehearts, na qual eu cantava exatamente músicas dessas bandas. Então, faz todo sentido. Mas quando eu escuto esse EP, eu penso mais em Joan Jett e L7, que também fazem parte do mesmo estilo, da mesma tribo de Sex Pistols e Nirvana”, explica a artista. Ela traduz o conceito sonoro das quatro músicas de *Adrenalina* em termos como “subversão”, “questionamento” e “atitude”.

“Eu sempre fui do rock e alguns anos atrás passei por uma fase eletrônica, que também é um estilo que eu gosto muito, e que vejo se misturando com todos os outros gêneros, principalmente com o rock. Mas minha essência sempre foi essa mesmo, e eu estou vendo que agora o rock está voltando com tudo. Por coincidência, chegou minha hora de mostrar tudo o que eu sei sobre esse tipo de música”, acredita Linda.

Ela confessa a influência ativa em seu gosto musical por parte do pai, de quem ganhava CDs do Nirvana e Ramones, enquanto, ainda criança, estudava com o músico Antonio Adolfo, no Rio de Janeiro. “Até então, eu achava que as pessoas nasciam sabendo tocar os instrumentos, não fazia ideia de que

existia aula de música. Com 9 anos, eu pedi a minha primeira guitarra e a primeira música que aprendi a tocar foi ‘Come As You Are’, do Nirvana”, recorda ela.

Identidade própria

Assim como declara em uma de suas composições, Zé Ramalho nunca foi o rei do rock, mas também nunca vendeu sua guitarra. Ele é referência do ritmo sem largar as influências populares nordestinas. Foi bandolero, caubói, junkie e hippie. É o produtor do disco da filha, que é puro punk rock com grunge e hardcore.

Porém, mesmo com todas essas relações consanguíneas, a motivação de Linda Ramalho para encarar agora uma carreira apostando em músicas autorais e em uma banda que leva o seu nome foi ter uma identidade própria, sem a associação direta que o sobrenome causa. “A intenção desse EP é me apresentar não somente como filha do Zé Ramalho, mas também como Linda Ramalho, quem eu sou. Durante a pandemia, eu pensei muito sobre o que fazer com a minha vida, pensava que talvez devesse ter abandonado a arte para seguir na Psicologia, que seria a minha segunda opção de carreira”.

Quem foi responsável por impedir a ida de Linda aos consultórios foi o seu professor de violão e teoria musical João Guilherme, que se tornou o baixista da banda formada ainda pelo baterista Caco Braga e o guitarrista China. “Durante os anos de 2020 e 2021 eu compus as músicas desse EP, elas vieram à minha mente e foi João Guilherme quem me ajudou a ‘traduzir’ as melodias, da cabeça para o violão”, lembra.

Tributo

Durante esse mesmo período de crise sanitária, Linda Ramalho compôs ‘Same bad’ para falar sobre como foi dormir tanto tempo sempre na mesma cama, confinada em seu quarto, sem poder sair. Mas foi também durante esses momentos que ela viu ressurgir um movimento do rock’n’roll.

A pandemia também obrigou a família Ramalho a vender uma casa que mantinham em João Pessoa. Nascida e crescida no Rio de Janeiro, Linda costumava vir todos os anos à Paraíba.

“Sou completamente apaixonada pela Paraíba, eu sonho que estou aí pelo menos uma vez por mês. Era o meu ‘detox anual’, tomava banho de mar todo dia, meditava”, confessa ela, que estará na capital paraibana novamente em abril, para visitar os irmãos por parte de pai. Quando vier, ela já estará envolvida nos ensaios do próximo projeto, que consiste em apresentar o show *Tributo a Zé Ramalho*, incluindo no repertório as quatro músicas do EP *Adrenalina*. A ideia é que isso gere o álbum batizado de *Linda Ramalho canta Zé Ramalho*.

Sem as linhas que dividem as atribuições paternas das de produtor muito definidas, a relação entre Zé e Linda Ramalho dá uma oportunidade de convivência familiar e musical que o autor de ‘Avôhai’ nunca teve, já que o seu pai, o seresteiro Antônio de Pádua Pordeus Ramalho, morreu afogado em um açude quando Zé Ramalho tinha apenas 3 anos de idade. “Eu adoro conversar com meu pai, e para além do EP também estamos preparando um set só de músicas dele na versão rock. Estamos focados em tirar as músicas e preparar o show primeiro, para então podermos entrar em estúdio novamente”, diz a cantora e compositora. “Cada música que aprendo, eu vou lá e pergunto a ele sobre a história das letras, fico amarradona. Conversamos sobre música desde que eu me entendo por gente”, conclui Linda Ramalho.



Imagem: Divulgação

Além da música homônima ‘Adrenalina’, EP conta com duas composições em inglês e uma versão punk rock de ‘Eternas Ondas’, sucesso do pai dos anos 1980

Disco foi produzido por Zé Ramalho, que ganhará um show de tributo para gerar futuramente o álbum ‘Linda Ramalho canta Zé Ramalho’



Foto: Leo Aversa/Divulgação

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

‘O Canto da Cidade’

É preciso ter boa intuição, senso estético apurado, imaginação e certa perspectiva de totalidade para perceber na primeira audição as potencialidades ou não de uma canção. Letra, melodia são os elementos mais fundamentais, mas os arranjos, a ornamentação e a interpretação são acessórios de grande importância que no primeiro momento só existem enquanto possibilidade.

Tenho uma história que pode ilustrar melhor essa ideia. Por muito pouco Daniela Mercury não gravou a música ‘O Canto da Cidade’ – até hoje o maior sucesso de sua carreira. Após uma apresentação para 50 mil pessoas no Masp, ela acabaria assinando seu primeiro contrato com uma grande gravadora, a Sony Music. Nessa ocasião o tamanho do público surpreendeu a todos, porque Daniela era uma artista ainda regional, com muito sucesso em Salvador, mas “desconhecida” no resto do país.

O novo contrato aumentava muito suas chances de conseguir se tornar uma estrela da música brasileira, mas isso por si só não era o bastante. Precisava de um bom disco e, sobretudo, de músicas que pudessem “estourar” nas rádios. A produção de Daniela fez um trabalho de garimpagem, analisando o material de vários compositores, entre eles uma fitinha

K7 com a primeira versão do ‘Canto da Cidade’, de autoria do compositor baiano Tote Gira.

Curiosamente, a música seria rejeitada pela produção da cantora. Tote Gira, na época muito pobre, não tinha dinheiro para comprar instrumentos musicais, tampouco um gravador. Ele conseguiu um aparelho emprestado com um amigo e a música acabou sendo gravada sem harmonização. No melhor estilo Pedro Osmar e Jaguaribe Carne, a porta da geladeira e a mesa foram usadas como instrumentos de percussão.

Isso deve ter realmente espantado os produtores de Daniela, mas que, felizmente, teve uma percepção diferente. Logo na primeira audição ficou encantada com o refrão e achou a abertura grandiosa, espetacular. Percebeu que com novo arranjo e algumas alterações na letra a música seria um sucesso. E realmente seria, apesar da gravadora não ter apostado na música desde o início, especialmente por causa do estilo samba *reggae* que eles achavam que não teria força nacional. Além de argumentarem que o refrão “a cor dessa cidade sou eu” tinha um tom arrogante. Daniela falou sobre esse assunto numa entrevista ao *Multishow*: “Não tenho uma música de grande sucesso que a gravadora tenha dito que era ótima. Nem tam-

pouco que os radialistas tenham dito que era ótima, que ia fazer sucesso. A regra é eles não gostarem. E aí você insiste que vai fazer sucesso. Porque é sempre assim: quando eles não gostam é que faz sucesso!”.

Ela pediu a Toti autorização para fazer algumas modificações na música e contou com Liminha como produtor. Não demorou muito para que se tornasse um fenômeno radiofônico, com 16 semanas no primeiro lugar nas paradas de sucesso durante o ano de 1992. A música também foi agraciada com o Prêmio Sharp de Melhor Canção daquele ano. A carreira de Daniela Mercury passou a ser escrita, desde então, a partir de antes e depois de ‘O Canto da Cidade’.

Autor

O compositor Tote Gira, na época muito pobre, não tinha dinheiro para comprar instrumentos musicais, tampouco um gravador

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

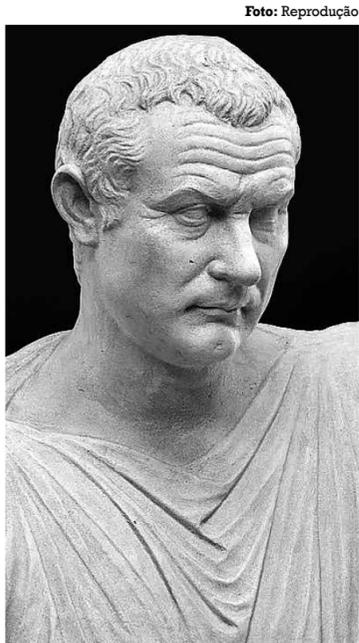
Estética e Existência

“O homem é o lobo do homem”

Os temas encontrados nas peças do dramaturgo romano Tito Mácio Plauto (254 a.C.-184 a.C.) apresentam o ódio e as traições entre os cidadãos. Por exemplo, na sua peça *Asinaria*, na linha 495, lê-se esta frase: *Lupus est homōhomini, nōnhomō, quomquāllissit-nōnnōvit*, que pode ser traduzido do latim como “Um homem é um lobo, não um homem, para outro homem que ele ainda não conheceu”.

Tito Mácio Plauto foi dramaturgo do início do teatro romano, que viveu durante o período em que a República Romana ampliava seu domínio e influência no mundo Mediterrâneo. Suas 21 peças estão preservadas até os dias atuais e datam entre os anos de 205 a.C. até 184 a.C. A maioria delas são adaptações de modelos gregos para os cidadãos romanos. Geralmente, seus personagens representam às classes mais desprovidas de dignidade humana. Isso causava mais impacto com a finalidade de ridicularizar os deuses, como ocorre nas comédias *Poenulus* e *Rudens*. De vários temas irônicos apresentados por Plauto, há o que compara uma mulher a uma deusa, e afirma que é melhor ser amado por uma mulher que pelos deuses. Noutra peça, *Soldado Glorioso*, o personagem Pirgopolinice é arrogante e ao reclamar sobre sua longa vida afirma que é apenas um dia mais novo que Júpiter, que é o deus romano do dia, do céu e do trovão, e o rei dos deuses na mitologia romana, que é comparado com o deus grego Zeus. Em *Pseudolus*, Júpiter é semelhante a Ballio, considerado cafetão.

As contribuições do filósofo, teórico político, escritor e compositor suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778) receberam influências da dramaturgia do Tito Mácio Plauto. Isso é observado nesta frase reproduzida por Rousseau: *Homo homini lūpus* (“O homem é o lobo do homem”), que está em seu *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1755). Ele a cita com a finalidade de apresentar um dos processos que gera a desigualdade social e moral entre os cidadãos. Também analisa a vida primitiva e conclui que a desarmonia se fundamenta no



Dramaturgo romano Tito Mácio Plauto

sentimento de insegurança entre todos. A tese de Rousseau afirma que o homem primitivo vivia de forma isolada, porém, convivia em grupos quando buscavam alimentos e proteção. Diante disso, com as novas descobertas e aperfeiçoamentos dos instrumentos para a sobrevivência, despertou-se a necessidade de armazenar os produtos vitais à sobrevivência humana. Isso criou o interesse de posse de terras, de armas, entre outras coisas, que fez surgir o direito à propriedade privada. E o acúmulo das posses gerou a superioridade entre eles, e a escassez dos alimentos impulsionou os conflitos e, com o aumento da população, deu-se roubos e guerras entre as tribos. Naquela tenso comunidade primitiva, a criação e o fortalecimento da família desenvolveram uma relação menos embrutecida entre homens e mulheres, e a formação dos grupos familiares fortaleceu a necessidade de manter a comunidade unida e resistente a invasões. Rousseau afirma que o surgimento da família primitiva instituiu o amor conjugal e a fraternidade numa comunidade. De forma a harmonizar a convivência social e organizar a distribuição de funções e obrigações, e – através dessas atividades

– afirma que as desigualdades entre os homens têm como consequência a necessidade de acumular poder político e riquezas, a fim de dominar e explorar os outros.

Jean Jacques Rousseau no seu livro *O Contrato Social* (1762), diz que: “A vida social é afirmada num contrato em que cada contratante condiciona sua liberdade ao bem da comunidade, de forma a proceder sempre de acordo com as aspirações da maioria”. Também afirmou: “Concebo na espécie humana duas espécies de desigualdade: uma, que chamo de natural ou física, porque é estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; noutra, que se pode chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, e que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens. Consiste essa nos diferentes privilégios de que gozam alguns com prejuízo dos outros, como ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que os outros, ou mesmo fazerem-se obedecer por eles”.

A desigualdade entre os homens pode ser estudada no estado natural e civilizado da natureza humana. Em relação a causa da desigualdade natural, não é possível encontrá-la devido ao estado de pureza da natureza humana, e nem uma relação com o estado civilizado. O pensamento de Rousseau contribui para questionar o porquê alguns que mandam, se tornam muito mais importantes do que outros que obedecem, se a dignidade e as virtudes se encontram em todos homens. Percebe-se que ele sugere que as suas perguntas sejam respondidas pelos oprimidos.

Sinta-se convidado à audição do 407º Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições do compositor, pianista e regente russo Ígor Fiódorovitch Stravinsky (1882-1971). Suas peças denunciaram a violência dos perversos sistemas políticos.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A ignorância

Tinha acabado de chegar numa festa e, de sopetão, um conterrâneo com quem nunca tive amizade, fica de pé e começa vociferar. Fiquei olhando tentando afastar a possibilidade de ele estar bêbado, mas não colou.

Sai do lugar voando, com minha paciência, que não tenho. Imediatamente, sem que ninguém notasse, porque não gosto, nunca gostei de estar diante de uma pessoa ignorante. Mas, afinal, o que está por detrás da ignorância? Muita coisa.

A pessoa ignorante sempre perde o equilíbrio. Na verdade, ela não conhece outros caminhos, nunca quis aprender ou não percebe que está muitas vezes fora de si. Minha mãe dizia: meu filho, se você encontrar com uma pessoa fora de si, deixe ela lá. Já fiz isso inúmeras vezes.

Não costumo revidar com ninguém, até com quem não é ignorante. Já vi pessoas que tem “cultura” dizer horrores pelo telefone ou via mensagens, essas são pessoas doentes, os inquilinos de Jesus, sem cura. Geralmente são pessoas que ajudei na vida.

A par (jamais seria impar) da falta de curiosidade em aprender, da ausência de estímulos que levem a criatura a despertar a consciência, está visível a negação do conhecimento e a desvalorização da sabedoria, por ela transmitida.

Uma pessoa ignorante é capaz de fazer tudo errado e pedir mil desculpas, mas não vale a convivência, ela nunca vai mudar.

Eu li um grupo da Escola Brasil, que a ignorância é a maior doença da Humanidade, seja pela forma como se educam os indivíduos para uma fraca consciência de si mesmos e do mundo, seja pela ação dos meios existentes que, nem sempre são o melhor veículo de aprendizagem e que acabam por conduzir as pessoas para a ignorância, sem que se apercebam. Deu a bexiga!

Eu nem considero ignorância doença, porque doentes estamos nós, de Cafarnaum a Ômega, da Bagaceira ao Eden, atolados nesse mundo *on-line* em que as pessoas não conversam mais, não fazem carícias, são estouradas consigo mesmas. Eu considero uma pessoa ignorante um bicho que se perdeu e acha que gozar e beber é o bom da vida. Não é.

A ignorância arrasta uma civilização para outros breus e o pior, nessa curva, conseguem se multiplicar, porque elas não encontram a saída, nos submetem aos horrores intensos. São da família dos idiotas.

O rapaz que me esculhambou, ainda na noite daquele dia, acho que foi dia 1º de fevereiro, mandou vários áudios pedindo desculpas. Eu não peço mais desculpas, mas sou um ex-covarde.

Na verdade, eu é que peço desculpas a uma pessoa dessa, não ela a mim.

Os estudiosos no assunto, realçam que, tanto é ignorante quem não sabe, quem não quer saber, quem desvaloriza o conhecimento comprovado, ou duvida do saber obtido através dos seus métodos rigorosos.

Quando o conterrâneo ficou de pé colericamente, em silêncio dei marchar ré, para não me fazer contaminar.

Uma pessoa ignorante ela é tóxica, e deve ser cruel, ser e saber que é um ignorante. Ou não.

Em 469-399, a.C., Sócrates, que abominava os ignorantes, disse que o tolo, quando erra, queixa-se dos outros; o sábio queixa-se de si mesmo. Nem sábio, nem ignorante, sou um trabalhador da palavra e é dela que eu tiro o sustento e a sobrevivência.

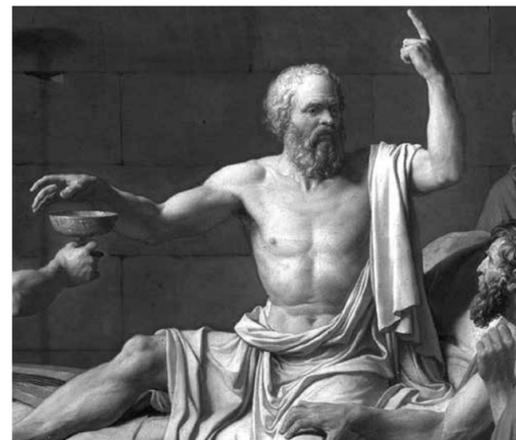
Kapetadas

1 - Quem será a gênio que criou o biquíni de fita isolante?

2 - A única certeza da vida, é o respiro que damos neste exato segundo.

3 - Som na caixa: “Cho, chuá, Cada macaco no seu galho”.

Foto: Reprodução



Filósofo Sócrates: o sábio, quando erra, queixa-se de si mesmo

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cultura, cinema e atentado em Itabaiana

Letra
 Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
 hildebertopoesia@gmail.com

Em dezembro do ano passado, uma semana antes do Natal, informado pelo amigo Zé Octávio de Arruda Mello, através desta mesma coluna noticiei o esperado lançamento de seu livro, que escreveu em parceria com Damião Ramos Cavalcanti, sócio meu da Academia Paraibana de Cinema. Lançamento esse que não aconteceu.

Naquele dezembro de 2022, lembrados seriam os 40 anos do rumoroso atentado sofrido pelo juiz da cidade de Itabaiana, à época, Reginaldo Antonio de Oliveira, primo meu e igualmente natural da cidade de Santa Rita. E se vivo fosse – ele faleceu em outubro de 2019, de causa natural – Reginaldo teria exaltado o lançamento de *Itabaiana: Cultura, Política e Lutas Sociais*, que traz um curto, porém, detalhado relato do período de dois anos do magistrado no comando do Judiciário daquela cidade.

Ao assumir a Comarca de Itabaiana, em março de 1981, até o seguinte ano, quando foi vítima de atentado na porta de sua própria residência, o novo juiz teve que conviver com um período bastante difícil na cidade. Era época de eleições em Itabaiana e de muita ebulição política, o que vem a ser narrado às páginas 70/76, no livro de Zé Octávio e Damião Ramos.

Pois bem. Como destaquei no artigo anterior, não só por ter sido citado no livro como um dos entrevistados sobre



Reginaldo de Oliveira (Centro), com sua mãe, recebendo homenagens em Itabaiana

os acontecidos de Itabaiana, e por ter noticiado na imprensa escrita, naquela época, o triste episódio com o juiz Reginaldo, o amigo Zé Octávio fez questão que eu estivesse no lançamento de seu livro, por razões que dizia justas. Uma delas, por “integrar o nosso grupo” (José Honório Rodrigues).

Mas, foi lendo mesmo a obra *Itabaiana* que senti outras afinidades com os relatos dos parceiros Octavio e Damião. É que o livro trata, *brève-ment*, de dois temas que me dizem respeito – o cinema e o teatro. No primeiro caso, as figuras não muito próximas dos irmãos Carvalho, ambos da APC, e a seguir, do hilário cordelista Jessier Quirino e suas *mise-en-scènes*, cujo filho foi meu aluno de cinema e fotografia nas Faculdades Asper, em tempos atrás.

O primo Reginaldo, que meu pai Alexandre sempre o considerava como “filho”, foi o meu melhor parceiro nas coisas da cultura. Durante o golpe de 64, ainda muito jovens, sofremos juntos as perseguições policiais em Santa Rita, pelas atividades que desenvolvíamos com cineclubes e no jornalzinho do *Gresc – Grêmio de Estudos Socioculturais*. Atividades essas, só possíveis de realizarmos às escondidas; mesmo aquelas, aos domingos, com o primo Reginaldo, debatendo sobre alguns filmes exibidos no cinema de meu pai.

Recentemente, com a retomada de lançamento de *Itabaiana: Cultura, Política e Lutas Sociais*, convite que houve de chegar a mim com certo atraso, limite-me, apenas, ao registro do evento. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alex santos.com.br.

Clemente faz o seu balanço!

“O presente é lábil e o futuro é incerto. Paradoxalmente, só o passado tem permanência, como matéria de memória e sentimento”, assegura Clemente Rosas, em breve prefácio de *Sonata de outono* (Sal da Terra, 2022), coletânea de textos caracterizados como perfis, memórias, crônicas, artigos e ensaios.

Eu mesmo já disse, num soneto de *A comarca das pedras*, que o passado não passa. T. S. Eliot, por sua vez, elege uma tradição para configurá-lo, o passado, dentro da corrente da história, convicto de que, esteticamente, sem o passado somos nada. Mas, diria, não só esteticamente. Somos nada, sim, na trajetória de nossas vidas, se não temos o passado, suas experiências, seus ensinamentos, seu acervo existencial que nos modula e nos faz ser o que somos. Lendo o livro de Rosas, penso em tudo isto, porque seus escritos, de natureza retrospectiva, leva-me à geografia indispensável da memória como um pequenino tesouro de referências e como uma das categorias da consciência mais fértil para o processo de criação, para a formulação do pensamento e para o registro seletivo da dor e da alegria das coisas que passaram.

O título ele próprio justifica, considerando o caráter polifônico da peça musical e a transparência da metáfora, “outono”, que remete à longevidade dos anos vividos. Por isso, a obra se impõe como um balanço, ao mesmo tempo intelectual e emotivo, daquilo que o autor leu, vivenciou, aprendeu e refletiu ao longo de sua vasta experiência diante das ofertas da vida. Quer nas suas incidências de ordem econômica, política e social, quer no ângulo mais específico dos temas filosóficos, estéticos e literários. Organizado em nove capítulos, o livro provavelmente resume a pluralidade de interesses cognitivos que desafia o escritor, também diria o pensador, sempre atento à particularidade de certas ideias, ao ethos de algumas personalidades, ao pitoresco de certos tipos, à singularidade de certos fenômenos, ao peso de muitas recordações, à força do cotidiano representado por assuntos e motivações variadas. Tudo a compor uma espécie de painel, também polifônico e multivocal, de inegável valor histórico, antropológico e político, tanto em âmbito individual, fruto de uma mentalidade crítica e uma sensibilidade privilegiada, quanto ao que concerne à matéria coletiva em suas diversificadas direções temáticas.

Em *Eu e eles*, subtítulo de sabor americista, se não temos, a rigor, o perfil enquanto gênero jornalístico por excelência, temos, no entanto, notações breves e traços curiosos de alguns notáveis que, de um modo ou de outro, compõem a esfera admirativa e o espaço de gratidão do autor que com eles conviveu em circunstâncias especiais. Destaco Miguel Angel Astúrias, San Tiago Dantas, Alcides Carneiro, Ariano Suassuna e Celso Furtado. Nos *Causos Paraibanos*, relevam-se certos acontecimentos da pequena história, assim como as idiosincrasias de certas figuras que habitam o imaginário social e que plasmam toda uma mitografia singular, a exemplo de Mamé Caixa D’Água, Mocidade e Zé Banana. A experiência em meio à disciplina militar da juventude é narrada em *Memórias da Caserna*, a que se segue *Ensaio Ireverentes*, de teor mais meditativo, e cujo tom gira em torno da literatura, educação, crítica e cinema.

Sem desmerecer a importância dos textos que se inserem nos *Artigos Políticos*, nas *Crônicas de Viagens* e nas *Crônicas Históricas*, todos vazados em estilo claro, fluente e calçados numa percepção sempre curiosa e aguda dos fatos, chamam-me a atenção, em *Sonata de outono*, sobretudo, os capítulos *Ensaio Filosófico* e *Crônicas Avulsas*. No primeiro, vejo sobretudo a figura do pensador, do leitor e estudioso afeito aos temas filosóficos e, já a esta altura da vida, despido das ilusões conceituais, predisposto aos sortilégios da revisão crítica e sem nenhum temor de assumir suas posições teóricas com convicção, porém, sem soberba nem dogmatismos. Ensaio como *O sentido da Vida, Ciência e Religião* e *Mitologias Modernas* esclarecem muito o que quero dizer. No segundo, de estilo mais leve, subordinado, portanto, aos imperativos líricos da crônica de gosto literário, ainda que permaneça certo viés reflexivo em algumas peças, é o escritor, em si, no trato da palavra e no exercício do olhar afetivo sobre as coisas, que aparece na força e no esplendor da escrita. Uma escrita que imprime unidade subjacente à multiplicidade dos motivos, que torna homogênea a sua fala e que se deixa invadir, aqui e ali, pelas luzes sinuosas da energia poética. *Amigos alados, Em algum lugar do passado, Mar, o grande amigo, O sorriso no elevador*, e, principalmente, *Velho, eu?*, dão testemunho desta verdade vocabular.

Com formação em direito e economia, homem de esquerda na juventude, procurador geral da Sudene, Clemente Rosas publicou: *Praia do Flamengo 132* (memórias políticas), *Coco de roda* (ensaio político-filosófico), *Administração e planejamento* e *Lira dos dourados*, esta, uma coletânea de seus poemas e documento essencial de sua participação na Geração 59, ao lado de poetas, como Vamilo Brito, Jomar Moraes Souto, Luiz Correia e Tarcísio Meira César.

APC e Cazema promovem atividades

Academia Paraibana de Cinema, conforme já anunciado, prestou tributo à atriz Gina Lollobrigida, falecida recentemente, exibindo um de seus mais importantes filmes, *O Corcunda de Notre-Dame*. A exibição foi na quinta-feira passada, no Cine Aruanda, na UFPB, às 17h. A sessão fez parte de um programa da APC, que deverá acontecer sempre às quintas-feiras. Após a exibição, houve debate entre os presentes, com presença da diretoria da APC, os professores João de Lima e Zezita Matos, e do crítico João Batista de Brito. Como parte da programação dessa semana, o Centro Acadêmico Zezita Matos (Cazema) promoveu ainda um *tour* com os novos alunos dos cursos do CCTA, que visitaram os diversos espaços e instalações do Centro de Ensino.



EM cartaz

ESTREIAS

DESAPEGAL (Brasil. Dir. Hsu Chien. Comédia. 10 anos). Após sete anos controlada de seu vício em compras, Rita (Glória Pires) assume a liderança de um grupo de apoio a compradores compulsivos para ajudar outras pessoas a darem a volta por cima. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 14h45 - 17h - 19h15 (exceto qua.) - 21h40 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 14h45 (exceto seg.) - 19h30 (exceto seg e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 2: 19h (exceto qua.) - 21h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 4: 19h (exceto qua.) - 21h (exceto qua.).

O MENINO E O TIGRE (El niño y el tigre. México e Brasil. Dir. Brando Quilici. Aventura. 10 anos). Uma jornada do orfão Balmani (Sunny Pawar) e do filho de tigre Mukti pelas montanhas do Himalaia. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 14h30 - 16h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h30 - 16h30.

OFERENDA DO DEMÔNIO (The Offering. EUA. Dir. Oliver Park. Terror. 14 anos). Uma família lutando contra a perda encontra-se à mercê de um antigo demônio tentando destruí-los por dentro. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 17h50 (dub., exceto qua.) - 20h10 (dub., exceto qua.) - 22h20 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 16h45 - 19h15 (exceto qua.) - 21h45 (exceto qua.).

PEARL (EUA. Dir. Ti West. Terror. 18 anos). Presa em uma fazenda isolada, Pearl (Mia Goth) deve cuidar de seu pai doente sob a vigilância de sua mãe. Desejando a vida glamourosa que ela viu nos filmes, as tentações e repressões dela se colidem. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 19h (dub., exceto qua.) - 21h30 (leg., exceto qua.).

PERLIMPS (Brasil. Dir. Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de aventura e fantasia de Cláé e Bruó, agentes secretos de reinos rivais. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h.

ROCK DOG: UMA BATIDA ANIMAL (EUA. Dir. Anthony Bell. Animação. Livre). Quando os jovens artistas de um concurso de música admitem que nunca ouviram falar da banda True Blue, eles são compelidos a se juntar ao show para restaurar o bom nome da lenda do rock. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 12h (sáb e dom.).

TILL - A BUSCA POR JUSTIÇA (Till. EUA. Dir. Chionye Chukwu. Drama. 14 anos). Biografia de Emmett Till e a luta judicial de sua mãe, Mamie Till. No sul dos EUA, nos anos 1950, ele foi assassinado por conta do racismo. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 15h - 21h30.

TITANIC (EUA. Dir. James Cameron. Drama. 10 anos). Relançamento do filme de 1997, ganhador de

11 Oscars. CENTERPLEX MAG 1 (3D): 16h30 (dub.) - 20h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (3D, leg.): 21h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (3D, dub.): 20h45 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 6 (3D, dub.): 19h30 (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (3D, dub.): 19h30 (exceto qua.).

CONTINUAÇÃO

ALERTA MÁXIMO (Plane. EUA. Dir. Jean-François Richet. Ação. 14 anos). Um piloto (Gerard Butler) salva seus passageiros de um relâmpago fazendo um pouso ariscado em uma ilha devastada pela guerra – e descobre que sobreviver ao pouso era apenas o começo. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h15.

AVATAR - O CAMINHO DA ÁGUA (Avatar: The Way of Water. EUA. Dir. James Cameron. Ficção Científica. 12 anos). Após 10 anos da primeira batalha de Pandora entre os Na’vi e os humanos, Jake Sully (Sam Worthington) vive pacificamente com sua família e sua tribo. No entanto, eles devem explorar as regiões de Pandora, indo para o mar e fazendo pactos com outros Na’vi da região, quando uma antiga ameaça ressurgir. CENTERPLEX MAG 2 (dub.): 17h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub., 3D): 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 17h45 (exceto qua.) - 21h30 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h (exceto qua.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h (exceto qua.).

OS BANSHEES DE INISHERIN (The Banshees of Inisherin. Irlanda, Reino Unido, EUA. Dir. Martin McDonagh. Drama e Comédia. 14 anos). Na ilha de Inisherin, em 1923, dois amigos de longa data (Colin Farrell e Brendan Gleeson) tem a amizade quebrada após o conflito surgir no país. Indicado ao Oscar em nove categorias. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 19h30 (exceto qua.) - 22h (exceto qua.).

BATEM À PORTA (Knock at the Cabin. EUA. Dir. M. Night Shyamalan. Suspense. 14 anos). Durante as férias em uma cabana remota, uma família é feita refém por quatro estranhos amados que exigem que eles façam uma escolha para evitar o apocalipse. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 15h50 (dub.) - 18h15 (dub.) - 20h145 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h (exceto seg.) - 22h (exceto seg. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h30.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir. Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas descobre que sua paixão

pela aventura cobrou seu preço: por conta de seu gosto pelo perigo e pelo desrespeito à segurança pessoal, ele queimou oito de suas nove vidas. Com apenas a restante, ele precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h45 - 19h; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h30 - 16h - 18h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (dub.): 14h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 13h30 - 15h50 - 18h15 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h - 18h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h - 18h.

O GRANDE MAURICINHO (EUA. Dir. Florian Westermann e Toby Genkel. Animação. Livre). Mauricinho é um gato falante que viaja de cidade em cidade vendendo seu negócio de exterminação de ratos. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30 - 16h40; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h40; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 16h40.

M3GAN (EUA. Dir. Gerard Johnstone. Terror. 14 anos). M3gan é uma boneca realista programada para ser a maior companhia de uma criança. Porém, por ser um protótipo, ela ainda vem com erros de sistema. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 15h - 17h30 - 20h (exceto qua.) - 22h15 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h15 (exceto seg e ter.) - 18h45 (exceto seg. a qua.) - 21h15 (exceto seg. a qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h30.

O PIOR VIZINHO DO MUNDO (A Man Called Otto. EUA e Suécia. Dir. Marc Forster. Comédia. 14 anos). Um velho chato, aposentado e rabugento (Tom Hanks), foi deposto como presidente da associação de condomínios, mas, mesmo assim, ele não se importava com a deposição e, por isso, continua vigiando o bairro com mão de ferro. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h45.

CINE BANGUÊ (JP) - FEVEREIRO

A MESMA PARTE DE UM HOMEM (Brasil. Dir. Ana Johann. Drama. 16 anos). Uma família isolada que tem sua rotina transformada pela chegada de um homem misterioso. CINE BANGUÊ: 12/2 - 16h; 13/2 - 20h30.

NOSSA SENHORA DO NILO (Notre-Dame du Nil. Bélgica, França e Ruanda. Dir. Atiq Rahimi. Drama. 16 anos). Na conflituosa Ruanda de 1973, um grupo de meninas, umas de elite e outras não privilegiadas, estuda num colégio interno comandado por belgas católicas. CINE BANGUÊ: 12/2 - 18h; 16/2 - 18h30; 25/2 - 16h; 28/2 - 20h30.

Serviço

• Funesco [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

CENTRO HISTÓRICO

Tambores invadem as ruas da capital

Cortejo de Oxalá reverencia a cultura negra e a ancestralidade reunindo grupos percussivos e de cultura popular

Da Redação

“O Cortejo de Oxalá celebra a mão de obra do homem invisível, o negro, da mulher preta, da criança preta escravizada que criaram todo este território histórico-cultural chamado Paraíba. Portanto, a chamada é se vista de branco, traga seu instrumento e venha celebrar a paz entre todos os seres tocando, cantando e dançando reverenciando os ancestrais, a mão de obra invisível da construção do nosso Centro Histórico, e, sobretudo, reforçar a importância de manter esta parte da cidade viva”, reforça o convite o coordenador do evento, o artista Elioenai Gomes.

Em sua 12ª edição, o cortejo acontecerá hoje, a partir das 15h, no Centro Histórico de João Pessoa. Para Celebrar a paz entre todos e referenciar a cultura negra e os ancestrais, as ruas vão ser tomadas partindo do Ateliê Multicultural Elioenai Gomes, localizado na Rua da Areia, 155, no bairro do Varadouro. A concentração reunirá grupos percussivos e de cultura popular com o canto e a dança.

“É um alívio muito grande poder sair de forma presencial novamente com o cortejo, após dois anos da pandemia”, apontou Elioenai Gomes. “Porém, melhor é a sensação de esperança no sentido de que estamos buscando a normalidade para ocupar os espaços públicos. Através desse cortejo, queremos dar visibilidade para a mão de obra escrava, que ainda é invisível, mas que ajudou a construir edificações na área do Centro Histórico de João Pessoa, que é a terceira cidade mais antiga do Brasil”.

Na programação haverá apresentações dos grupos Tambores da Lua, Batuque



Queremos dar visibilidade para a mão de obra escrava, que ainda é invisível, mas que ajudou a construir edificações na área do Centro Histórico de JP

Elioenai Gomes

Mulher-JP, Samba Se Ata e Raízes. A saída está programada para as 19h, seguindo percurso pela Praça Anthonor Navarro, Casa da Pólvora, Ladeira da Borborema e finaliza voltando ao ponto de partida. “O grupo Tambores da Lua vai participar do cortejo pela terceira vez, trazendo ritmos de percussão de matrizes afro. Trata-se de um grupo independente, que existe há mais de 10 anos e é formado, entre outros integrantes, por professores e alunos da Universidade Federal da Paraíba. O núcleo de João Pessoa do Batuque Mulher, já que esse coletivo feminino também existe em outras cidades do Brasil, é formado só por mulheres e costuma apresentar um trabalho relacionado às questões de gênero e sexualidade, além do maracatu. O Samba Se Ata é outro grupo formado só por mulheres, mães, que apresentaram o samba de raiz. E o Raízes, que surgiu há 15 anos, é o primeiro coletivo legítimo

criado pelo Ateliê Multicultural Elioenai Gomes”, elencou o organizador.

Inspirado no branco usado pelos filhos de Oxalá por representar a pureza, a paz, a união e o amor, o cortejo de tambores é um arranjo criativo do Ateliê Multicultural Elioenai Gomes que vem acontecendo todos os anos desde 2010, reunindo centenas de pessoas, sempre no domingo que desfila também o bloco carnavalesco as Virgens de Tambaú.

De acordo com as palavras do idealizador, o evento possibilita uma integração entre diversos agentes culturais e sociais, batuqueiros e demais foliões, proporcionando um grande encontro “para celebrarmos os nossos ancestrais fazendo ecoar no berço do nascimento de nossa cidade a força da nossa identidade afro-paraibana”, destacou Elioenai Gomes.

Ateliê Multicultural

O Ateliê Multicultural Elioenai Gomes realiza ações socioculturais centradas na integração de todos os segmentos artísticos, como ferramenta de transformação e inclusão social, tais como exposições, cursos, oficinas, espetáculos teatrais, capoeira, dança, percussão, exibições de vídeos, recitais poéticos, debates e rodas de conversa, vivências, shows, dentre outras ações.

Além disso, o cortejo de tambores faz parte de uma série de arranjos criados pelo referido ateliê como um quilombo urbano, como o *Auto dos Orixás*, o grupo afro-indígena Raízes, o Baile Afro, entre outros projetos que norteiam o caminho identitário expresso na obra e na gestão cultural em 17 anos do artista Elioenai Gomes.



Foto: Uênia Barros/Divulgação

Dentre as atrações está o Samba Se Ata, um grupo formado só por instrumentistas mulheres



Foto: Acervo Pessoal

Núcleo de João Pessoa do coletivo feminino Batuque Mulher também estará presente na 12ª edição

‘COMING BACK TO LIFE’

Show é baseado no rock progressivo do Pink Floyd

Da Redação

Os acordes do rock progressivo do Pink Floyd aliados à tecnologia do 3D. O projeto Atom Pink Floyd promove o espetáculo *Coming Back to Life Tour 2023*, um show inédito com projeções artísticas em 3D, que acontecerá hoje, no Teatro A Pedra do Reino, na capital paraibana, a partir das 19h. As entradas estão sendo vendidas através do site Ingresso Digital (www.ingresso.digital.com), com os valores que variam entre R\$ 60 e R\$ 200.

“Tudo foi pensado para que o show fosse uma verdadeira e inesquecível homenagem”, conta o vocalista e guitarrista Helinho Guimarães, um dos nove músicos que estarão no palco. “Com um repertório que homenageia toda a carreira da banda, um cuidado extremo com a parte musical aliada a uma parte audiovisual bastante elaborada, proporcionando uma experiência única para os fãs”, conta ele, que assina a produção executiva do show.

O show passa por todas as fases da banda britânica, desde as experimentações psicodélicas dos anos de 1960, passando pelo brilho megalomaniaco dos álbuns *The Dark Side of The Moon*, *Wish You Were Here*, *Animals* e *The Wall*, até a fase pós-Roger Water.

Sobre a banda Atom

Os músicos à frente do projeto dividem a paixão pela banda Pink Floyd. Juntos desde 2012, com algumas mudanças na formação, o grupo é formado por Helinho Guimarães (vocal, violão, guitarra); Rufino Silvério (vocal, teclados, *synth*); Paulo Victor (bateria); Renato Valente (baixo); Mariana Roque, Thaís Coimbra e Raquel Carneiro (*backing vocals*).

Para se atingir a maior semelhança à sonoridade original, a banda conta com alguns equipamentos produzidos especialmente pelo inglês Pete Cornish, conhecido pela longa parceria na produção de diversos equipamentos e instrumentos para os membros do Pink Floyd ao longo da carreira.



Foto: JP Sofranz/Divulgação

Apresentação inédita do projeto Atom Pink Floyd terá projeções artísticas em tecnologia 3D

“Bandas como Pink Floyd, Queen, Beatles e Led Zepellin surgiram na época em momento único que permitiu essa existência e o crescimento delas. Depois disso, deixa-

ram um certo vácuo porque nunca mais apareceu nada igual. O público que gosta delas, não tem nada parecido hoje, e, por isso, se mantém fiel ao que aconteceu lá

atrás, é uma memória afetiva muito grande e forte que não teve renovação desse tipo. Por isso sempre vai ser um grande sucesso”, explica Helinho Guimarães.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Ingresso Digital

PROJETO PARA JP

Engorda do litoral provoca polêmica

Prefeitura anuncia intenção de ampliar a faixa de areia para evitar o avanço do mar nas praias acessíveis

Petronio Torres
petroniotorres@yahoo.com.br

O assunto foi tema de muita controvérsia e polêmica durante toda a semana que passou. Afinal de contas, as praias de João Pessoa necessitam de alargamento ou não? As opiniões entre os técnicos da Prefeitura Municipal da capital paraibana é que sim, precisam. Porém, existem aqueles que contestam a obra, como ambientalistas e, claro, políticos de oposição a gestão do prefeito Cícero Lucena (Progressistas). O *Jornal A União* traz nesta edição uma radiografia desta ação e de seus desdobramentos e impactos para a população e meio ambiente.

A obra é necessária, porém, a Prefeitura Municipal de João Pessoa, através de sua atual gestão, promete apresentar estudos minuciosos, além de discutir com a academia, ambientalistas e realizar audiências públicas.

Durante a semana o secretário de Infra estrutura da Prefeitura, Rubens Falcão, justificou que o avanço do mar está inviabilizando as praias na capital paraibana. Ele citou como exemplo um trecho do Polo Turístico de Cabo Branco.

“Nesse local, o mar já avançou tanto que não existe mais praia. A barreira de Cabo Branco é outro ponto nesta mesma situação. Já foi feita inclusive uma ação de contenção no local, por que o avanço do mar engoliu a ciclovia e uma parte da pista”, explicou Falcão.

O secretário elencou também outros trechos com situação parecida. Estes pontos estão entre as praias de Manaíra e Tambaú. Respectivamente entre o Hotel Tambaú e o Mag Shopping. Há ainda um avanço grande no bairro do Bessa, numa área denominada Caribessa.

“A obra só deverá ser iniciada após aprovação em todas as instâncias de meio ambiente e seguindo as recomendações estabelecidas. Nós não queremos só resta-

belecer a parte marinha que nós perdemos ao longo dos anos, mas também fornecer uma nova condição de mobilidade”, reforçou Falcão.

O prefeito Cícero Lucena também explicou e adiantou, durante a semana que passou, detalhes do projeto que prevê pista viária que ligaria a ponta do Cabo Branco à Praia do Seixas, que contornaria a Falésia desta localidade.

O prefeito confirmou que todos os estudos técnicos já estão em pleno andamento e após a sua conclusão e todas as etapas vencidas, as obras sejam iniciadas, possivelmente já em dezembro deste ano.

“Esta pista ligando Cabo Branco e Seixas vai ter também o papel de estabilizar e evitar de que o mar bata na barreira do Cabo Branco. Mas isso não será um projeto isolado. Ele também terá a oportunidade de reconstruir a barreira. Nós vamos estabilizar a barreira e reconstruir parte dela”, comemorou o prefeito.

A exemplo do que diz a Prefeitura Municipal de João Pessoa, o professor Saulo Vital, do Departamento de Geociência da Universidade Federal da Paraíba também defende estudos mais aprofundados antes do início das obras. Segundo ele, ninguém da área ambiental da UFPB foi ouvido, até agora.

“Realizar a engorda de praia é como tentar parar uma hemorragia interna por fora. Querem obras mirabolantes, mas não resolvem os problemas mais elementares”, criticou o professor.

O Balneário Camboriú é um exemplo que a gestão da Prefeitura de João Pessoa vem usando para a realização da obra nas praias da capital paraibana com um pouco mais de excelência.

“Hoje os grandes simuladores que filmam na Holanda e na Dinamarca, com quem a gente tem tido contato através da universidade, fazem muito bem esse impacto de vizinhança”, contrapõe o secretário.



Foto: Ascom/PMJP



Foto: Andrey Câmara



Foto: Ortilo Antônio



Foto: Ascom/PMJP



Foto: Ortilo Antônio

O prefeito Cícero Lucena e o secretário Rubens Falcão defendem o alargamento da faixa de areia do litoral, onde o mar avança

Matéria-prima virá do fundo do mar

O prefeito Cícero Lucena esclareceu, ainda, as áreas iniciais que serão alargadas. A intervenção na falésia do Cabo Branco será a primeira, além de toda a faixa da Praia de Manaíra, entre o Hotel Tambaú e o Mag Shopping. Por fim, o trecho

do Caribessa, no bairro do Bessa, após as instalações do Late Clube. Mas, de onde virá toda essa areia para essa engorda?

Segundo o prefeito, virá do fundo do mar e serão bombeadas até as praias que ganharão a engorda. Cícero explicou que

a granometria, uma unidade de medida que calcula o diâmetro dos grãos de areia de dado solo, será respeitada dentro do que apregoa as regras de impactos ambientais.

Já em relação às modificações na Avenida João Maurício, em Manaíra, o

prefeito explicou que o projeto prevê a construção de uma terceira via além do alargamento da calçadinha e a transferência da ciclovia para depois da calçada. Cícero também disse que será construída uma marina em Tambaú.

Obra pode custar até R\$ 200 milhões aos cofres públicos

As obras de alargamento das praias de João Pessoa parecem aos olhos dos leigos, complexas. Além de difíceis, as ações deverão custar algo em torno de R\$ 150 a R\$ 200 milhões aos cofres públicos. Essa disparidade e oscilação de R\$ 50 milhões se deve, segundo o secretário Rubens Falcão, porque essa obra varia pela distância da jazida do terreno.

“A extensão da faixa de areia nas praias trata-se de uma obra rápida, realizada em cerca de seis meses, no máximo. O mais difícil são os estudos e esperamos que até o final do ano esteja com tudo isso pronto e possamos iniciar as obras propriamente ditas”, completa o secretário Rubens Falcão.

A Prefeitura Municipal de João Pessoa já tem parte dos recursos disponíveis para a obra. A Defesa Civil Nacional também já confirmou a destinação de outros R\$ 66 milhões para Ponta do Cabo Branco, que segundo ela é um caso de extrema urgência para a cidade.

O vereador pessoense da bancada de oposição na Câmara Municipal, Marmuthe Cavalcante (Republicanos), se mostrou extremamente contrário a obra, segundo ele, desnecessária neste momento para a capital paraibana.

“Nosso mandato também tem se preocupado com o projeto de engorda e alargamento das faixas de areia no litoral da nossa cidade. A Câmara Municipal precisa en-

trar nesse debate, esse projeto não pode avançar sem o aval desta Casa. Não quero ser responsabilizado, lá na frente, pelos impactos ambientais, orçamentários e sociais dessa ação. Será que isso é prioridade para a cidade tendo tantas outras demandas?”, questionou Marmuthe.

Recursos

Defesa Civil Nacional confirmou a destinação de R\$ 66 mi para a Ponta do Cabo Branco



Foto: Ortilo Antônio

Proteger a barreira do Cabo Branco é um dos objetivos do projeto de alargamento da praia

PRODUÇÃO

Editores dão forma às notícias

Jornalistas de A União são responsáveis diariamente pelo processo de organização e editoração das matérias

Juliana Teixeira
julianarujoteixeira@gmail.com

Ao abrir e folhear um jornal impresso, como **A União**, o que talvez o leitor não perceba é que tudo é pensado de forma a conduzir as pessoas para uma leitura leve, apurada e organizada. Imagine se pegássemos uma edição de um jornal com todas as temáticas misturadas? Seria confuso sair bruscaamente do tema esporte para a política, tudo na mesma página? Sem dúvidas!

Organizar os temas e apresentá-los separadamente, de uma forma que o leitor possa escolher os assuntos, como se fossem dispostos em um cardápio é a função das editorias. Elas são sessões nas quais o leitor vai encontrar as temáticas separadamente.

Atualmente, o **Jornal A União** tem várias editorias: a exemplo de Políticas, Paraíba, Cultura, Economia, Policial, Diversidade e Esportes que demonstram a pluralidade de temas que fazem parte do cotidiano do paraibano.

O jornalismo que **A União** faz mantém o compromisso com a democracia e o acesso à informação. Para cada uma dessas editorias há um jornalista responsável, que vai dar um rumo às reportagens e decidir as pautas a serem executadas. O editor ou editora setorial distribui os assuntos entre os repórteres setoriais. Eles estão sempre atentos ao movimento do mundo, do Brasil, da Paraíba, das cidades e até mesmo dos bairros. Tudo é planejado de forma a oferecer uma leitura atual e aprofundada dos fatos.

Quando o leitor pega o **Jornal A União** vê primeiramente a capa. Nela está uma amostra deste cardápio: são as manchetes do dia. Fotos, manchetes, temas. De cara é possível perceber que de forma única, o **Jornal A União** consegue ser interessante, mesmo enfrentando a disputa com o fluxo de notícias vindas da internet.

As últimas notícias e os fatos de Geral ficam a cargo do editor Emmanuel Noronha, que tem diariamente a missão de, em pouco espaço de tempo, condensar os últimos principais fatos do Brasil e da Paraíba. Os principais fatos do Brasil no decorrer do dia são condensados e editados por Carlos Vieira, um dos editores mais experientes do **Jornal A União**. E não menos importante, o caderno Mundo tem nas habilidades do editor Marcos Pereira um dos principais trunfos por estar atento aos fatos.



Foto: Edson Matos

Redação do jornal mais antigo do Estado possibilita o trabalho conjunto de diversas gerações do jornalismo no trabalho diário

Paraíba registra fatos do Litoral ao Sertão

Depois que começa a folhear, a primeira editoria encontrada é a Paraíba. O caderno é conduzido pelos jornalistas Ana Flávia Nóbrega, a profissional mais nova em idade da redação e Wagner Lima que juntos fazem uma editoria atual, com notícias do dia, apresentar as mudanças, dificuldades e singularidades do dia a dia no estado da Paraíba. São eles que instigam os repórteres a buscarem sempre as nuances na cobertura dos fatos.

“A editoria Paraíba é importante e significativa no registro do cotidiano e dos principais fatos que ocorrem no estado, em áreas diversas como mobilidade, saúde, segurança pública e cidadania. Fazer parte dessa editoria é

um desafio diário no fazer do jornalismo e, ao mesmo tempo, uma satisfação, afinal, foi como repórter de **A União** que comecei no jornalismo há quase 23 anos”, conta Wagner Lima.

Para Ana Flávia Nóbrega, a editoria Paraíba reforça a identidade do jornal e faz uma conexão com o povo, apontando as características socioculturais do estado. “O **Jornal A União** tem escrito páginas importantes da história de nosso estado e segue escrevendo. Para mim é uma honra começar a minha trajetória enquanto editora, pelo caderno Paraíba, por reconhecer a importância dele para a vida do paraibano. São muitas histórias já escritas por 130 anos e que seguiremos escrevendo”, pontua.

Economia e Diversidade: a vida cotidiana

Praticamente casada com a política, um caderno que tem uma função social importante, que é ajudar o público leitor a entender desde a economia local às vibrações econômicas do mundo. Este é o caderno de Economia, liderado pela jornalista Thais Cirino, uma mulher, mãe, dona de casa, que entende que a necessidade de simplificar o tema e deixá-lo mais acessível à população.

Sair de casa sabendo as vantagens de utilizar gasolina e não o álcool para abastecer o carro. Entender porque o preço do pãozinho está mais

caro e acompanhar as decisões econômicas do governo, tudo isso é possível a quem se dedica à leitura das páginas de economia do **Jornal A União**.

As decisões mundiais e os reflexos delas também tem vez entre as páginas entregues por esta editoria. “Economia é a mola do mundo. Você acorda e já dá de cara com os reflexos das decisões econômicas. Por isso, nosso compromisso é trazer para a realidade do paraibano todas essas pautas”,

A editoria Diversidade tem à frente o jornalista Napoleão Ângelo, que tem garantido es-

Cultura acena para a pluralidade local

O segundo caderno é o de Cultura, vem deixar a leitura mais leve depois de levar o leitor a mergulhar na realidade do cotidiano da Paraíba. Uma escrita leve que tem como objetivo mostrar as impressões da arte paraibana. Música, cinema, teatro, dança, com diversidades de gênero, cor, ritmos, apresentando particularidades das regiões. O editor do caderno, Audaci Junior, explica que o caderno abre espaço para a cultura e tem um a atenção especial pelas obras e artistas negros, indígenas e LGBTQIAP+ que, comumente, são esquecidos pela mídia, colocando a missão de um veículo oficial do Estado em tornar a mídia e a divulgação acessível a todos. “Sempre digo que o jorna-

lismo deve alimentar a internet e não o contrário. Por isso, o caderno de Cultura preza pela profundidade da informação, não só para manter o seu leitor informado, como também fazê-lo refletir sobre a diversidade da arte, deixando matérias e reportagens como um acervo, que servirão de preservação da memória”.

A abertura do espaço para a cultura popular é ampla. Audaci explica que no **Jornal A União** os chamados “marginalizados”, como os estilos musicais como o rap e hip hop, ou ainda a história em quadrinhos e o cordel. “Sempre focamos na visibilidade do artista independente, com mesmo valor de um do chamado cenário *mainstream* (convencional)”, finalizou.

paço para as pautas mais diversas possíveis, passando pelas questões étnico-raciais, sociais e ambientais que estão

na pauta do dia e geram discussões importantes sobre as questões que inquietam os leitores e a sociedade em geral.



Foto: Marcos Russo

Napoleão e Thais, editores de Diversidade e Economia

Esporte e Memorial: atentos à memória e ao presente

O esporte é capaz de marcar uma identidade, de mudar realidades, de unir um povo. E no caderno de esportes do **Jornal A União** o espaço é aberto para a promoção dos novos atletas, dos que fizeram história e para os que estão aí representando a Paraíba e o Brasil.

O editor do caderno, o jornalista Geraldo Varela, conta que o papel do caderno é estar antenado e levar a melhor

informação, privilegiando os atletas. “O noticiário esportivo tem grande relevância na mídia impressa há anos. Esporte, além de ser bom para a saúde, traz consigo, o ato de competir e buscamos informar o leitor sobre o desempenho dos atletas e atentos aos novos talentos que surgem. Mantemos nos fins de semana as matérias especiais, em que mostramos o que aconte-



Foto: Evandro Pereira

Varela: desde 1979 na equipe

ce de melhor no esporte”, explica o editor, que integra a equipe desde 1979.

Quem fecha as edições do **Jornal A União** é o Memorial, que enfatiza o compromisso com a formação dos cidadãos, a perpetuação da memória, por meio das matérias especiais que trazem a narrativa dos acontecimentos históricos, da vida das personalidades que marcaram a Paraíba.

Segurança e informação

Segurança pública, fatos e notícias da área policial também são levados aos leitores do **Jornal A União**. A página assinada pelo jornalista Cardoso Filho, que atua no jornalismo policial há mais de 40 anos. Ele explica que a violência e os fatos policiais estão presentes em toda a sociedade e que no jornal trata do tema de forma informativa e também de maneira que faça os cidadãos pensarem em como é possível trabalhar por uma Paraíba mais segura.

“Comecei como repórter policial há 46 anos, no **Jornal A União** e até hoje continuo na mesma função. Hoje estou na editoria da área policial e também dou minha contribuição em outras páginas. Sou feliz com meu trabalho, principalmente pelas amizades construídas. Enfrentei vários perigos, todos superados. Sou grato aos superiores”, conta Cardoso Filho, que é um dos mais antigos e respeitados entre os repórteres da área.

Política com fidelidade

O caderno tem o ‘S’ da pluralidade. “Política é como uma nuvem”, a frase de Magalhães Pinto, ex-deputado e ex-governador de Minas Gerais, é usada pelo editor do caderno, Luiz Carlos, para descrever a necessidade de conexão das reportagens com os acontecimentos atuais.

“É uma editoria que está muito atenta ao que acontece no dia a dia, portanto, é muito factual. É necessário ter fidelidade ao narrar os fatos e apurar bem para evitar mal-entendidos, cascas de banana, para não cair no jogo do poder político”, explica.

O Políticas traz um panorama dos acontecimentos nos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário na Paraíba, no mundo e situa o leitor com análises da conjuntura. Nas páginas são apresentadas as decisões político-administrativas, que afetam a vida da população, mas um dos diferenciais tem sido as coberturas políticas das várias eleições.

Etiênio Campos de Araújo

O fim da história no prédio da ALPB

Ex-presidente de A União trabalhou na transferência do maquinário do Centro para o Distrito Industrial

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

Etiênio Campos de Araújo começou sua história com A União antes de ser funcionário. Ele era funcionário do Porto de Cabedelo e foi escalado para comandar os operários que trabalhavam na transferência de máquinas e equipamentos do prédio histórico da Praça João Pessoa, onde hoje está a Assembleia Legislativa, para as novas instalações no Distrito Industrial. Depois foi incorporado aos recursos humanos da empresa sempre prestando serviços na área administrativa. Nos anos 80, foi presidente de A União, durante o governo de Clóvis Bezerra. Etiênio também participou da equipe que conduziu o processo de criação de A União Companhia Editora.



Foto: Roberto Guedes

Etiênio começou a carreira profissional no Porto de Cabedelo até ser transferido para A União

Aí não tive problemas de finanças. Outra ideia que tive, essa no setor comercial, foi de toda semana juntar a diretoria para ir visitar uma indústria. E levava uma equipe com Hilton Gouveia, que fazia a reportagem e um fotógrafo, às vezes, Antônio David, outras Ortilo Antônio. Toda semana tinha uma página sobre uma empresa. Isso trouxe os empresários para publicar balanços, que antes eram divulgados apenas em O Norte.

■ E na área de pessoal?

Criamos o refeitório, fizemos a festa de 90 anos do jornal, que foi na minha gestão.

■ Com a gráfica, como foi sua relação?

Da gráfica, eu tinha Walter Borges, que era o diretor administrativo, que era oriundo de lá. Ele veio com Zé Souto para chefiar o setor. Ele e Milton Nóbrega. Equipamento novo não tinha muita coisa, porque já era tudo novinho, funcionando em ordem. Produzia muito e passou a produzir recebendo.

■ Ficou alguma grande amizade desse tempo?

Com dr. Clóvis. Eu continuei amigo do filho dele também. Petrônio Souto também é uma amizade desse tempo. Gonzaga Rodrigues, nós éramos conhecidos desde a Casa do Estudante, desde 1953, uma amizade de muitas décadas. Mas depois da presidência voltei para o Estado e pouco depois me aposentei.

■ Na carreira profissional, só trabalho na área administrativa?

No porto também na área administrativa, mas no final eu assumi a diretoria de Engenharia, na parte de obras do porto. Era mais afoiteza mesmo. Às vezes, me pergunto como passei por alguns lugares.

■ E a volta ao Estado?

Fui para a Secretaria de Minas e Energia assessorar o secretário. Fiquei uns quatro anos e me aposentei. Fui trabalhar na empresa privada, na Mozart Produções, passei uns 12 anos com ele.

■ E essa volta hoje a A União, para gravar essa entrevista?

Volta à lembrança. A gente se sente bem de voltar a um lugar onde a gente conviveu com decência, revendo amigos e lembrando de pessoas do meu tempo: Barretinho, Lena Guimarães, Ana Maia, Nathanael, Gonzaga, Zé Souto, Luiz Ferreira, Tião Lucena, Agnaldo Almeida, Pedro Moreira. E de uma pessoa que a vida toda foi dedicada ao Diário Oficial, que foi Walter de Sousa. A gente o chamava o dono do Diário Oficial.

■ Alguma lembrança que você gostaria de acrescentar?

Gostaria de estar com a memória melhor para acrescentar mais alguma coisa, mas já está dentro de meu limite. Quero agradecer pelo convite e parabenizar pelo trabalho e deixar um abraço para Naná Garcez.

Entrevista

■ Quando começou sua história com A União?

Primeiro quero agradecer o convite para participar desse projeto. Embora pareça ser uma obrigação, mas quero deixar registrado meu agradecimento. Com relação à sua pergunta, comecei a ter uma relação com A União, ainda no prédio antigo. Eu era funcionário do Porto de Cabedelo e vim para assessorar um diretor que havia sido nomeado pelo governador Ernani Sátiro.

■ Nessa época A União era na Praça João Pessoa?

- Sim, onde hoje é o prédio da Assembleia Legislativa da Paraíba. Nessa época começou a gestão para transformar A União, que era um departamento do Estado numa sociedade de economia mista, nos moldes da Cagepa e da Saelpa.

■ Era um dos objetivos do Governo?

Era intenção do governador Ernani Sátiro, ao mesmo tempo em que estava construindo o prédio de A União aqui no Distrito Industrial, desmanchar o prédio antigo para construir a Assembleia. Eu trabalhava no porto e vim dar uma assessoria a Carlos Alberto. Nessa época foi nomeada a comissão para levantar os bens de A União e constituir a empresa. A comissão era constituída por mim, Carlos Alberto e Edmeia.

■ Como foi sua experiência com o prédio da antiga A União?

Eu era funcionário do Porto e fui trabalhar na demolição do prédio com o pessoal do porto. Trouxemos os equipamentos e demolimos. Foi um espetáculo, a imprensa toda contra. Num dos dias de serviço, o governador pessoalmente, junto com um auxiliar, acho que era da Suplan, foi inspecionar as obras. Eu disse que ia demorar um pouco porque estava fazendo o plano para levantar as máquinas. E ele: "Não, isso aqui não vai ficar nada de A União. Só vai ficar o nome. Daqui para a próxima semana, os tratores vão estar desmanchando tudo aqui". Então, eu disse: pois não. Fiquei com



Foto: Antônio David

“

Eu era funcionário do porto e fui trabalhar na demolição do prédio com o pessoal do Porto

Etiênio Campos

pena de desmanchar tudo aquilo.

■ Foi seu primeiro contato com A União?

Foi. O primeiro contato foi aí.

■ Essa comissão levou quanto tempo para a transformação de A União de departamento para empresa de economia mista?

Não sei precisar a data. Mas foi rapidamente. Passou de departamento de estado para sociedade de economia mista. E foi criada a primeira diretoria: Carlos Vieira foi o presidente, Carlos Alberto, filho do brigadeiro Firmino Freire e Luiz Ferreira.

■ Quando foi que você veio para os quadros definitivamente?

Quando a diretoria assumiu eu vim para cá. Deixei o porto e vim como assessor. Com pouco tempo

me desliguei do Porto e fiquei como integrante da assessoria da diretoria. Eu já tinha experiência.

■ Quanto tempo você passou na área administrativa até assumir a presidência?

Trabalhei nas gestões de Carlos Vieira, José Souto, que por sinal fez uma administração revolucionária, trouxe muita gente, Murilo Sena, Valter Borges, Milton Nóbrega, era um homem muito austero. Fez uma revolução. Mas ele não olhou com bons olhos o pessoal mais antigo, fiquei escanteado. Eu, com aquela máxima de quando você não pode com o inimigo se alie a ele. Criei um departamento de publicidade e fiquei lá. Comecei a frequentar os gabinetes de Murilo e de Zé Souto e do diretor técnico, Antônio Barreto Neto, que depois de certo tempo foi nomeado diretor da Rádio Tabajara.

■ E você foi junto?

Zé Souto me chamou, disse que Barreto era jornalista, não se interessava muito pela parte administrativa e queria que eu fosse ajudar. Fui pra lá. Passei um tempo. E aí vaga a diretoria administrativa de A União. Não consegui apurar, se apurei não lembro mais, como foi a indicação entre Nathanael Alves e Gonzaga, mas indicaram meu nome. Lá venho da Rádio Tabajara para a diretoria administrativa.

■ Daí para a presidência foi um salto?

Doutor Clóvis Bezerra assumiu o Governo e mandou me chamar a sua casa. Eu o conhecia da política lá de Bananeiras, desde menino, mas tinha ido poucas vezes à casa dele. Conhecia Afrânio Bezerra, filho dele daqui de A União mesmo - ele havia sido diretor comercial - e da vida da cidade. Mandou me chamar e disse que eu ia ser presidente.

■ E qual foi sua reação?

Eu relutei, aleguei que não daria certo, porque A União sempre dirigida por um jornalista - essa máxima tinha sido quebrada com Carlos Vieira, porque estava como empresa constituída e precisava de um administrador. E mesmo assim o pessoal não gostou, com reação da parte do jornalismo. E acho que o pessoal vai querer um jornalista.

■ E a reação do governador?

"Não. Você é um indicado de Afrânio, que disse que você conhece bem A União, trabalha lá há alguns anos", afirmou. Eu disse que poderia até ir, mas tinha umas exigências. E ele disse que o que eu precisasse eu poderia fazer. E garantiu que o que eu pedisse ia ser atendido. Nunca tinha passado pela minha cabeça. Gonzaga era o secretário de Comunicação e como eu era da casa, do jornalismo não recebi nenhuma objeção. Hélio Zenaide era o diretor técnico e fui cuidar da parte administrativa. Cumpri meu mandato, que foi exatamente o tempo do Governo Clóvis Bezerra. Quando terminei, Petrônio Souto assumiu.

■ Durante esse período qual foi seu grande objetivo?

Na parte de jornalismo eu não interferi, deixei a diretoria à vontade. Aí fui cuidar do resto. Por exemplo, o Diário Oficial, tudo que era feito aqui, ninguém pagava. Deixou de ser um departamento do Estado para ser empresa, então tinha que ter receita. E na época, a gente pagava uma folha e já estava pensando na do mês seguinte, de cabeça quente. Doutor Clóvis concordou, disse que tinha que pagar tudo, passou uma determinação geral, chamou o secretário das Finanças Milton Venâncio e numa reunião com ele disse que o que eu precisasse, ele ficasse a vontade para atender.

■ Com esse apoio, deu tudo certo?

Deu sim. Implantei o desconto das faturas no ICMS das prefeituras, o que se publicava no Diário Oficial, que ninguém pagava. Preparei uma circular, o governador assinou e mandei um funcionário a cada prefeitura municipal.

■ Os outros veículos de comunicação, inclusive, copiaram a ideia?

Foi ideia minha. Fiz contato com todas as prefeituras. Poucos não assinaram. Quem não assinou e chegava com um edital para publicar, a gente não publicava. Tinha que vir aqui para pagar. Mas, na época, uns 80% assinaram.

■ O equilíbrio financeiro foi restabelecido?





Dadá Venceslau, Gera Pereira, Valmira Queiroga, Diógenes Sousa Júnior, Kintella Júnior, Flávio Tavares, Renata Guedes e Augusto Correia Lima são os aniversariantes da semana



Amigas queridas da professora de francês Dapaz Gonçalves se reuniram na cafeteria Santa Clara para festejar o aniversário dela. O evento, com direito a bolo e salgadinhos do aconchegante espaço, foi registrado pelas lentes de Osmar Santos.



Roselma Virgulino (entre amigas e clientes), empresária de roupas com loja instalada no Centro da capital paraibana, recebeu parte de integrantes do Grupo Chá da Tarde, para apresentar o Mundo da Moda, empresa que está contribuindo com a revitalização de nosso Centro Histórico.

Para marcar a chegada da linha de higiene íntima, o Boticário, na Paraíba, promoveu evento para convidadas especiais e anunciou o lançamento da linha "Cuide-se Bem Cereja Livre". Entrada da marca no mercado de produtos para a região, desenvolvidos por meio de muita pesquisa e testes ginecológicos, objetivando oferecer produtos seguros aos consumidores. A linha inédita traz sabonete líquido íntimo, hidratante para virilha, spray íntimo refrescante e lenço umedecido íntimo que apresenta ação prebiótica. O evento, que aconteceu no espaço gastronômico "Loca como tu Madre", no bairro do Miramar, teve a chancela da Vivas Comunicação, empresa liderada pela jornalista Andréia Barros (na foto, com a empresária Giovanna Maia).



A comissão organizadora do Baile dos Artistas, em sua edição deste ano, confirmando a realização do grande evento para o dia 13 de abril, a partir das 21h00, no Esporte Clube Cabo Branco, em João Pessoa, com a entrega de troféus (foto) confeccionados pelo artista plástico Dadá Venceslau. Um dos pontos de referência do evento será a premiação dos Destaque, que está composto pela atriz Zezita Matos (destaque 2021-2022), pelo artista visual e multicultural Nai Gomes (Rei), pela atriz e gestora do Teatro Ednaldo do Egypto, Letícia Rodrigues (Rainha), pelo carnavalesco e artista visual Toinho Mattos (Padrinho) e pela jornalista e presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, Naná Garcez.



Ferdinando Lucena, uma referência quando o assunto é gestão de competência e qualidade, foi nomeado pelo governador João Azevêdo novo presidente da PBTur. Claro que representantes do trade turístico do Estado apoiam e referendam a ação do nosso governador, optando por um técnico atuante e de visão empreendedora.



O jornalista, pós-graduado em gestão e direito público e ex-vereador de João Pessoa, Sales Dantas, foi nomeado novo chefe de gabinete do deputado Eduardo Carneiro, na Assembleia Legislativa da Paraíba. Desta maneira, o comunicador deixou o cargo de secretário executivo de turismo, no Governo do Estado.

O professor-doutor Osvaldo Travassos de Medeiros, um nome referência no cenário mundial quando o assunto é oftalmologia de ponta, recebeu convite da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), para ministrar palestra no Simpósio Internacional Moacyr Álvaro (SIMASP), no Transamérica Expo Center, na capital paulista. Claro que a Paraíba se orgulha de ter um filho da terra escrevendo a sua história na história da oftalmologia mundial.



IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

Tem sido constante o entra e sai de personalidades no recém-inaugurado Eliá Spa, em João Pessoa. Diversos influenciadores digitais e profissionais da imprensa, como Sâmya Maia, Bruna Borges e Cláudia Carvalho, já conheceram o local e tiveram seu momento de relaxamento. E tudo registrado pelas redes sociais, claro.

O artista plástico Luiz Tananduba, discípulo de seu pai, o famoso pintor da arte naïf, Alexandre Filho, vai ilustrar o meu livro "Dona Cotinha, a Vaca Voadora". Claro que o professor Francelino Soares, um nome de peso nas letras e literatura de nosso Estado, revisou o livro que deve ser lançado no mês de abril.

O presidente do Centro Paraibano de Ufologia (CPBUFO), Claudionor Mendes, será palestrante na 19ª Edição Anual do Encontro de Ufologia de Campina Grande, quando vai apresentar painel com o tema "Perseguições".

O governador João Azevêdo nomeou a defensora pública Madalena Abrantes, como a nova Defensora Pública Geral do Estado da Paraíba. Desta maneira, o chefe do executivo paraibano respeita e acata o resultado das eleições realizadas pelos defensores públicos, nas quais a nova ocupante do cargo foi a mais votada pela categoria, obtendo 167 votos.

A Expo Turismo Paraíba, evento promovido pelo Sebrae/PB, vai acontecer, nesta edição de 2023, entre os dias 25 e 27 de maio. A ação, que vai reunir as 12 regiões turísticas do estado, promovendo e fortalecendo a cadeia produtiva da indústria sem chaminé, que mais cresce no mundo, vai ocorrer no Centro de Convenções de João Pessoa.

Selic

Fixada em 1º de fevereiro de 2023

13,75%

Salário mínimo

R\$ 1.302

Dólar \$ Comercial

-1,08%

R\$ 5,222

Euro € Comercial

-1,68%

R\$ 5,574

Libra £ Esterlina

-1,48%

R\$ 6,293

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Janeiro/2023	+0,53
Dezembro/2022	+0,62
Novembro/2022	+0,41
Outubro/2022	+0,59
Setembro/2022	-0,29



MERCADO FINANCEIRO

Investir requer cautela e orientação especializada

Promessas de ganhos elevados podem iludir clientes e levar a prejuízos

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Promessas de grandes rendimentos podem encher os olhos de quem pretende investir no mercado financeiro, mas nem sempre conseguem preencher os bolsos, ou melhor, a conta de investimentos. Em meio às incertezas do segmento de renda variável, uma coisa é certa: quanto maior a possibilidade de rendimentos, maior é o risco da operação.

Antes de qualquer ação, o investidor, principalmente o iniciante, deve buscar o máximo de informações sobre o banco ou corretora que vai ficar responsável por seus valores, recomenda o economista e educador financeiro,

Amadeu Fonseca. Para poder operar, todas as instituições financeiras especializadas em investimento precisam ser autorizadas pelo Banco Central do Brasil (BCB), que também fiscaliza as entidades.

“É importante verificar no Banco Central as informações da instituição, saber há quanto tempo as empresas atuam no mercado para fazer o aporte dos valores em instituições seguras. Também pode consultar a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que fiscaliza o mercado de valores, e verificar se há reclamações sobre as instituições”, recomenda o economista.

De acordo com o Banco Central, a autorização para

funcionamento de instituições financeiras é disciplinada pela Resolução CMN nº 4.970, de 2022. Para comprovar o atendimento aos requisitos estabelecidos na referida norma, os interessados devem apresentar o pedido ao Banco Central acompanhado das informações e documentos divulgados pela Instrução Normativa BCB nº 299, de 2022.

Entre os requisitos para instituições financeiras obterem autorização para o funcionamento estão a capacidade econômico-financeira dos controladores; demonstração de origem lícita dos recursos utilizados na integralização do capital social; viabilidade econômico-financeira do empreendimento; e reputa-

ção ilibada dos ocupantes de cargos em órgãos estatutários ou contratuais, dos controladores e dos detentores de participação qualificada, no caso de pessoas naturais; entre outras exigências.

O período para aprovação ou negação do pedido pode ser de até 360 dias, conforme Resolução BCB nº 108, de 2021. “O tempo de exame depende de diversos fatores, em especial, do tipo de instituição financeira a ser autorizada (banco múltiplo, banco de investimento, banco comercial, corretora de títulos e valores mobiliários, etc), da complexidade de suas futuras operações e da completa instrução processual por parte dos interessados”, informa o Banco Central, em nota.



Foto: Pixabay

Investidores devem buscar o máximo de informações sobre a empresa responsável por negociações envolvendo recursos para evitar dilapidação do patrimônio pessoal

Expectativa de retorno é proporcional ao risco

Segundo o economista Amadeu Fonseca, quanto maior a expectativa de retorno dos investimentos, maior é o risco da operação. “O risco é comumente negligenciado no mercado. Há quem ofereça uma rentabilidade muito acima do mercado, mas o investidor precisa ser orientado que existe a possibilidade de aquilo não acontecer. Por isso, antes de qualquer investimento, é preciso refletir sobre o perfil do investidor, se é conservador, moderado ou arrojado”, pontua.

O especialista em educação financeira, Cassio dos Anjos, destaca o risco de retorno do investimento. “Se o retorno esperado é alto, o risco é proporcional. Portanto, é preciso ter sempre desconfiança de um retorno prometido em nível absurdo e constante, como 20% ao mês”, frisa.

O rendimento pode até ocorrer em um mês, mas vai oscilar, aponta Cassio. Ele destaca que retorno de investimento passado não é garantia de retorno futuro. “O pro-

blema é quando vendem ao cliente o risco baixo com retorno alto e não conseguem garantir as duas coisas”.

O assessor de investimentos especialista em renda variável do escritório SIR Investimentos, credenciado à corretora XP Investimentos, Thaner Cardoso, recomenda sensatez ao investidor. “Mesmo na renda variável, nosso cliente tem um perfil mais conservador. Temos os criptoativos em nossa carteira, como uma opção ao consumidor, caso ele deseje. Mas não é algo que estimulamos. Se o cliente quer investir, nós orientamos sobre a alta volatilidade dos ativos. Por exemplo, podem subir três vezes o valor em pouco tempo e podem perder 90%, rapidamente, como ocorreu no ano passado”, explica.

Renda fixa é mais segura

Para o investidor conservador, Amadeu Fonseca indica os investimentos em renda fixa, com rentabilidade baixa e menor risco. Normalmente, esta categoria de investimen-

to está assegurada pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC), a exemplo de letras de crédito imobiliário (LCI), letras de crédito do agronegócio (LCA), letras de câmbio, certificado de depósito bancário (CDB) e depósito em poupança.

Se alguma instituição financeira declara falência, o FGC ressarcir o investidor no valor de até R\$ 250 mil por instituição e por CPF. Para ter direito à segurança, a instituição financeira que emitiu o título em questão deve ser associada ao FGC. Além disso, a instituição não pode deixar de fazer parte do FGC antes do seu título vencer.

Segundo Cassio dos Anjos, até mesmo a renda fixa apresenta variação. “Isto ocorre por causa da marcação ao mercado. No caso de investimento em tesouro direto, ao final do período de vigência do título, o investidor vai resgatar o valor contratado, mas se resgata antes, pode perder dinheiro”.

Na outra ponta da escala de riscos está o investidor

arrojado, cujo patrimônio está prioritariamente investido em renda variável, como o mercado de ações, indica Amadeu Fonseca. “Um conjunto de investimentos arriscados e mal sucedidos pode ocasionar a perda do patrimônio do investidor”, frisa.

As criptomoedas também entram nesta categoria de riscos. “Os fundos de investimentos não estão assegurados pelo FGC, nem as criptomoedas, por exemplo. Até mesmo alguns produtos de renda fixa não estão cobertos, como as debêntures. No mês passado, a Americanas deixou de pagar os juros remuneratórios de debêntures”, comenta Amadeu Fonseca.

O assessor de investimentos, Thaner Cardoso, exemplifica que um aporte de 5% do valor do patrimônio disponível para investimento de alto risco é um índice seguro ao consumidor. “Se houver perda total dos valores, isto não vai causar grande impacto ao cliente. E se houver uma grande rentabilidade, será ótimo”.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

O Brasil e o impacto da China em sua economia

Para nós, brasileiros, não é novidade que o mercado chinês está entre os maiores do mundo e que tem grande influência nos resultados de outros países. Se trouxermos essa linha de raciocínio para o Brasil, perceberemos que o impacto pode ser ainda maior. A China tem a segunda maior economia do planeta, atrás apenas dos Estados Unidos. Entretanto, estima-se que, até o ano de 2027, a potência asiática tomar-se-á a primeira. Estamos nos referindo a um total de US\$ 35 trilhões, contra US\$ 30 trilhões do mercado americano. O ritmo de crescimento da economia chinesa nos últimos 30 anos justifica isso.

Para se ter uma noção, o Produto Interno Bruto (PIB) chinês avançou 2,2% em 2020, durante o período de pandemia. Em 2021, a alta foi ainda maior e alcançou 8,1%. Esse foi o maior resultado da década. Em termos práticos, é a demonstração da absurda capacidade de avanço do país e como ela consolida sua força perante o mercado mundial.

A década de 1970 foi crucial para o desenvolvimento do país, pois foi quando o governo chinês decidiu fazer um ajuste significativo em seu modelo de negócios. A economia foi direcionada para o comércio internacional, tendo as exportações como o carro-chefe. Além do mais, diversos fatores contribuíram (e ainda contribuem) para o seu desenvolvimento fora da curva. Entre eles, podemos citar: mão de obra barata e abundante; baixa taxa de juros; urbanização; industrialização e forte melhoria nos indicadores sociais do país, consequência do aumento do PIB per capita.

Além de sua enorme influência no mercado global, os efeitos do mercado chinês são fortemente percebidos no Brasil. Esse impacto é devido à China ser a maior parceira comercial do Brasil. Entre os principais pontos de relacionamento entre os países, podem ser destacados: 1) Investimento e tecnologia. Para se ter uma ideia, entre 2010 e 2020, os aportes feitos por chineses na economia do Brasil totalizaram mais de 65 bilhões de dólares; 2) Commodities. Como o Brasil é um grande exportador de commodities, o aumento na demanda por parte da China pode afetar o resultado da balança comercial e o PIB brasileiro; 3) Concorrência de mercado. Ao mesmo tempo em que a China está entre os principais compradores do Brasil, ela é uma grande concorrente para determinados itens brasileiros. Devido à mão de obra barata e ao nível maior de industrialização para manufatura, muitos produtos chineses são mais competitivos que as versões nacionais.

E o avanço chinês se dá inclusive em países que são importadores de produtos brasileiros, concorrendo agressivamente conosco pelos mesmos motivos acima,

“

Em termos práticos, é a demonstração da absurda capacidade de avanço do país e como ela consolida sua força perante o mercado

João Bosco Ferraz

ou seja, com um custo produtivo menor, seus preços se tornam mais atraentes, mesmo que em alguns casos a qualidade não seja a mesma.

Recentemente, a empresa chinesa Shein movimentou R\$ 8 bilhões em 2022, se estabelecendo no cenário brasileiro. Com esse faturamento a empresa ocupou o primeiro lugar no ranking de vendas on-line. De acordo com a análise de relatório do BTG Pactual, a varejista, que chegou aqui no Brasil durante a pandemia, ultrapassou o tamanho do Grupo Soma.

Ainda, em 2021, a mesma Shein vendeu cerca de US\$ 16 bilhões em roupas globalmente e ultrapassou a Amazon como o aplicativo de compras mais popular dos Estados Unidos.

É de se esperar agora, passada a pandemia, saber o comportamento dos chineses nesses próximos sete anos, pois acredita-se que eles querem avançar ainda mais, não importa o tipo se nas economias capitalistas ou socialistas ou o credo econômico do país que eles queiram “descobrir”, mesmo que alguns economistas achem que a China já deu o que tinha que dar em termos de crescimento.

ZENY DOCES E SALGADOS

Exemplo de superação e inovação

Dificuldades impostas pelo mercado não impediram empresários de investir no sonho e conquistar o sucesso

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Há 31 anos no mercado de alimentação, a empresa paraibana Zeny Doces e Salgados revolucionou o segmento ao popularizar o serviço para a classe C, adquirindo milhares de clientes. A empresa teve uma virada de chave ao produzir alimentos cobrando preço de fábrica, possibilitando a um novo público consumidor provar as delícias das docerias. A receita para o sucesso foram qualidade dos produtos, preço baixo e proximidade com o consumidor.

A história da Zeny foi forjada na superação das dificuldades. Ainda na década de 1980, Marcos Cordeiro e Zenilda Diniz se conheceram em uma empresa de comunicação, em João Pessoa. Ele era do departamento comercial e ela, telefonista. Após o casamento, em 1989, Zenilda foi demitida porque a empresa não permitia familiares trabalhando juntos.

A partir daí, o casal planejou montar um negócio. As opções eram uma loja de confeitarias ou uma lanchonete, e assim surgiu a Zeny, em 1991. Marcos Cordeiro conta que a esposa sempre foi uma mulher muito ativa, acumulando empregos. “Quando era telefonista, ela também trabalhava como recepcionista

ta e ainda vendia confeitarias. Com a demissão, ela fez curso de culinária e passou um ano buscando capacitação”.

O casal alugou um imóvel de 40 metros quadrados, na Avenida Dom Pedro I, em João Pessoa, e montou a lanchonete, comercializando salgadinhos e docinhos. O nome foi Marcos quem escolheu, um diminutivo do pronome de Zenilda, que virou até jingle. Ele destaca que a marca funcionou tanto, que deixou de ser conhecido por Marcos Cordeiro para ser chamado de “Marcos de Zeny” ou “Seu Zeny”.

Nos primeiros anos, como o faturamento estava aquém das despesas, Marcos Cordeiro vislumbrou a necessidade de um *self service* na região e incluiu o serviço à sua empresa. “Em todas as crises, é importante o empreendedor se reinventar e criar oportunidades em cima das dificuldades do mercado”, pontua o empresário.

Dividido entre o trabalho na área comercial e a gestão da Zeny, Marcos declinou de uma oportunidade profissional para se dedicar inteiramente à sua empresa, aplicando as estratégias de negócios que já executava.

O passo seguinte foi o serviço de buffet para festas de 15 anos, casamentos e eventos em empresas. No

“

Em todas as crises, é importante o empreendedor se reinventar e criar oportunidades em cima das dificuldades do mercado

Marcos Cordeiro

início, a empresa montava a festa no local do cliente, mas os empreendedores tiveram a visão de que fazer eventos era importante, então, alugaram uma casa de 1.500 metros quadrados, vizinha à lanchonete, onde foi montada a doceria e a Zeny Recepções, oferecendo todo o serviço em um único espaço.



História do casal Marcos e Zenilda inspira novos empreendedores

Preço baixo sem perder qualidade

O empresário enfatiza que a qualidade dos produtos sempre foi um dos valores da Zeny para fazer seu nome. Outra medida para conseguir um espaço no mercado era ter o preço um pouco abaixo para competir com as empresas que já estavam consolidadas. Mas o maior rival era a sazonalidade do serviço, já que as vendas só ocorriam de sexta-feira a domingo.

O terceiro passo foi a divulgação da marca. Marcos Cordeiro recorda que no estacionamento do salão de festas cabiam de 10 a 12 carros, mas as vagas eram ocupadas por quem não era cliente do estabelecimento.

“Para não criar constrangimento às pessoas, já que sou um prestador de serviço, eu criei um adesivo apenas com o nome Zeny, sem telefone de contato, e eu mesmo colava nos veículos. Foram feitos milhares de adesivos. Alguns motoristas reclamavam, mas eu explicava que o funcionário teria entendido que o carro era de um cliente, e dizia que deixasse o adesivo porque quando estivesse no Centro, ele já teria onde estacionar”.

Segundo o proprietário da empresa, havia tantos carros adesivados que clientes chegaram a questionar se a Zeny seria candidata a vereadora. Outra ferramenta foram os panfletos. Ele conta que, há alguns anos, a panfletagem em pontos comerciais concorridos e até mesmo

nos bairros era convertida em vendas imediatamente.

Atualmente, a empresa comercializa os produtos por meio da central de telemarketing, e investe em mídia social, vendendo pelos aplicativos de *delivery*, Instagram e pelo site, que direciona para um número de WhatsApp.

Produção ampliada

Ao final da segunda década de trabalho, os negócios não iam bem. Em uma nova crise, seria preciso inovar novamente, aponta Marcos Cordeiro. A solução foi encontrada quando ele atendeu ao convite de um amigo para conhecer uma empresa de salgados, em Recife (PE). Ao chegar no estacionamento, o empreendedor viu carros transportando diversas caixas de salgados a preços baixos. A saída era reduzir os valores dos produtos.

Na época, o preço do cento de salgados na Zeny era de R\$ 82, enquanto outras empresas de João Pessoa cobravam até R\$ 120. Sem fazer contas de viabilidade, Marcos reduziu os preços para R\$ 15,90 focando em um novo grupo de consumidores: a nova classe C, que passava a ter acesso a novos produtos e serviços, a exemplo de produtos da linha branca de eletrodomésticos e automóveis. O serviço de *buffet* de doce-

ria fazia parte do rol.

“Nós vimos um novo mercado e só pensamos em ampliar as vendas para criar um fluxo. Foi aí que saímos da sazonalidade e os concorrentes permaneceram, focando apenas na classe A. Mas nós mudamos a visão de que doceria era só para esse público. A classe C entendeu que poderia comprar numa doceria, um ambiente fechado, de vidro e com ar-condicionado, igual ao público elitizado. Foi aí que a empresa passou a ter capital de giro”, explica Marcos Cordeiro.

As vendas dispararam e o serviço foi popularizado porque ninguém tinha esse preço. A produção passou de 30 mil salgados ao mês para 50 mil em um dia de final de semana. “Salgado de festa era só para eventos e não para comer no dia a dia. Inovamos”, enfatiza. Com a redução do preço, o tamanho do salgado e dos doces diminuíram um pouco e foram criados novos produtos, como a torta de marshmallow, para formar o kit festa ou kit lanche a preços acessíveis.

Nessa época, a Zeny tinha mudança de sede, instalando-se próximo ao Parque Solon de Lucena, no Centro. Marcos Cordeiro destaca que no entorno do local circulam ônibus de todos os bairros, o que contribuiu para o sucesso da empresa.

Empresa faz clientela fiel e investe em novos mercados

Com o sucesso da empresa, Marcos Cordeiro passou a visitar feiras de maquinário industrial para mecanizar sua produção, que ainda era manual. A primeira máquina comprada pela Zeny tinha capacidade de produzir oito mil salgados por hora. Hoje, a empresa conta com mais duas máquinas, uma consegue produzir 10 mil salgados por hora e, a outra, 19 mil.

Outra mudança necessária era a produção. Os alimentos ainda eram fabricados na mesma casa desde o início da empresa, mas o local não comportava mais a demanda. Nessa época, os empresários buscavam uma área junto à Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep) e conseguiram instalar a fábrica da Zeny no Distrito Industrial de Mangabeira.

Para o empresário, a unidade fabril dá a segurança de ter sempre mercadoria para abastecer as demandas dos clientes. “Conseguimos fazer uma grande carteira de clientes, que é uma das maiores riquezas de uma empresa. Se houver uma intempérie, há um fluxo que nos sustenta. Nossa missão é atender bem o cliente e não deixá-lo sem produtos”.

A partir da câmara frigorífica instalada na fábrica as quatro lojas são abastecidas: Centro, Manaíra Shopping, Mangabeira Shopping e Bessa. Cada unidade tem seu estoque regulador a partir da média de consumo, de modo que não é preciso encomenda para comprar.

Pensando nessa facilidade de consumo, a empresa começou vender kits de salgadinhos congelados em 10 sabores. Os produtos são comercializados nas lojas e em mais de 30 supermercados de João Pessoa. “É o mesmo salgado vendido na Zeny. Ele é congelado na fábrica e pode ser acondicionado no congelador por até seis meses. Quando quiser comer, é só aquecer: 10 minutos no forno, cinco minutos na *air fryer* e dois, no micro-ondas”, recomenda Marcos Cordeiro.

Ainda na questão de atrair o cliente, a empresa criou um cartão fidelidade, com desconto na compra de alguns tipos de salgados. O empresário acredita que, além de incentivar o consumo, a estratégia agrega valor à marca. “Quando o cliente tirar a carteira do bolso e abrir, vê o cartão da Zeny lá, junto com o cartão do banco. Assim, ele lembra de uma comemoração, um aniversário”.

Ele destaca que é comum ser chamado para comentar sua experiência empresarial nos cursos de Administração e faz uma brincadeira com os alunos. “Levo alguns brindes para os eventos, mas para concorrer, tem que ter o Zeny Clube. Todo mundo se levanta e mostra o cartão de fidelidade. Os demais palestrantes ficam surpresos”, comenta aos risos.

Franquia

O próximo passo da gestão empresarial é instalar o sistema de franquias. Uma experiência foi realizada na década passada, com franqueados nos bairros de Bessa e Bancários e nas cidades de Campina Grande e Guarabira. A empreitada não foi exitosa comercialmente, influenciada também pela falta de recursos dos franqueados e da crise econômica de 2014 e 2015. Contudo, Marcos ainda não desistiu da ideia. Enquanto os novos planos ainda não são realidade, a meta é manter a alta produtividade e a pronta-entrega aos clientes.

■ Empresa fidelizou clientela ao oferecer produtos de qualidade com preços acessíveis ao bolso do consumidor



Produção mecanizada e fábrica própria garantiram à Zeny a autonomia necessária para continuar crescendo

COMPETITIVIDADE

Paraíba cresce no mercado exterior

Programa que auxilia na qualificação para exportação já atende 102 empresas, com destaque para setores de cachaça e têxtil

Renato Félix
Assessoria SEC&T

O mercado exterior parecia tão distante para os negócios quanto é fisicamente para muitos produtores americanos. Isso começou a mudar com a instalação de um núcleo do Programa de Qualificação para Exportação (Peix) na Paraíba, em 2021. Oferecido e gerido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil), sendo implementado em todo o país por meio de parcerias com universidades, parques tecnológicos, fundações de amparo à pesquisa e federações da indústria brasileira, o Peix tenta implantar uma cultura exportadora nas empresas, o que exige uma preparação e adequação na sua produção e estrutura de organização interna. A meta de atendimento já foi superada.

“No último dia 3, captamos a 102ª empresa, superando a meta prevista em convênio de 100”, explica Márcia Paixão, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora do núcleo operacional do Peix Paraíba. “Desse total, até o momento, temos 44 empresas com a qualificação concluída, um processo que durou entre quatro e seis meses. As que ainda estão em atendimento serão qualificadas até junho/2023”.

O convênio foi assinado entre a Apex Brasil e o Governo da Paraíba, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), que participou do processo de seleção em dezembro de 2020 e foi escolhida em janeiro de 2021. A cifra anunciada para o investimento foi de R\$ 1 milhão, com o Estado entrando com 30% do valor (R\$ 300 mil).

Ultrapassar a marca das 100 empresas atendidas é um feito

celebrado por Márcia Paixão. “Minha avaliação é de uma execução plenamente exitosa no alcance de seus objetivos e metas”, comemora. “Entre outros eventos de menor porte, incluindo sete capacitações coletivas, participamos diretamente da organização de uma rodada de negócios internacionais para o setor de cachaça brasileiro, em outubro de 2022. Ao todo, 24 róticos participaram da rodada, sendo 14 da Região Nordeste e, destas, nove foram preparadas pelo Núcleo Peix-PB”.

Até o momento, o núcleo fez 12 visitas técnicas a empresas e três a instituições como o Instituto Nacional do Semi-Árido (Insa). “Ainda formamos um comitê consultivo composto por 14 instituições estaduais e nacionais e recém agregamos seis outras”, ressalta a professora. “O papel desse comitê é ampliar o alcance do Peix no estado, fazendo indicações de empresas com perfil para atendimento e ofertando soluções administrativas, financeiras, operacionais etc., complementando, assim, a qualificação em comércio exterior ofertada pelo programa”.

“

No último dia 3, captamos a 102ª empresa, superando a meta prevista em convênio de 100

Márcia Paixão

■ O convênio foi assinado entre a Apex Brasil e o Governo da Paraíba, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba



Representantes da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba e do núcleo Peix na Feira Brasil Cachaças



Até o momento, o núcleo fez 12 visitas técnicas a empresas, como à cacharia Triunfo, além de três instituições

■ Os setores que predominam são o de cachaça (24 empresas), têxtil e confecção (20), TI e games (16), móveis (10) e alimentos e bebidas (nove)

Cachaça é bem avaliada na apresentação do produto

A rodada de negócios internacionais realizada no âmbito do projeto setorial da ApexBrasil com o Ibrac envolveu, no evento Brasil Cachaças, sete importadores internacionais (três dos Estados Unidos, um da Itália, um da Bélgica, um da Alemanha e outro da Suíça). Foi uma prova de fogo para o produto paraibano.

“A cachaça paraibana foi altamente bem avaliada no que se refere ao mix de apresentação do produto – branca, envelhecida e blend –, à diversidade de tamanho e design das embalagens, ao sabor marcante e diferenciado, e também em relação à apresentação pela empresa de site e material técnico em inglês”, conta Márcia Paixão. “Agora, empresários do setor estão em conversação sobre realizar uma primeira exportação de forma conjunta, com o objetivo de reduzir os custos com frete internacional e procedimentos burocráticos e, dessa forma, ganhar competitividade também em preço”.

Ela acredita que, em breve, o mercado externo se abrirá de forma expressiva para a cachaça brasileira e paraibana. “É apenas uma questão de tempo para o produto se tornar mais conhecido”, afirma.

Mas outros produtos da Paraíba também apontam com força para entrar na briga pelo mercado externo. “Pelos critérios de brasilidade, inovação, sustentabilidade, design e qualidade, todas as empresas atendidas pelo Peix-PB têm pelo menos um produto competitivo para exportação”, avalia a coordenadora. “Podemos considerar os setores têxtil e confecção e de TI e games com potencial para o mercado americano, o setor de alimentos e bebidas para a Europa e o setor de móveis para a América do Sul. Ainda, com potencial para o mercado africano, temos uma empresa produtora de máquinas e equipamentos agrícolas e ecológicos, com destaque para uma colhedora de palma forrageira”.

Paraíba atende também a outros estados

O núcleo Peix na Paraíba alcança relevância além das divisas do estado, já que não são atendidas apenas empresas paraibanas. “São 30 municípios alcançados da Paraíba e seis de outros estados nordestinos no caso do setor de cachaça”, conta Márcia, acrescentando que são cidades de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco

e Rio Grande do Norte. “Ao todo, são 14 setores produtivos envolvidos: cachaça; alimentos e bebidas; mineração e construção; móveis; têxtil e confecção; utensílios domésticos; máquinas e equipamentos; produtos oftalmológicos; químicos; aeronáutica; TI e games; carcinicultura; preparação de couro; e artesanato”.

Destes, os setores que predominam são o de cachaça (24 empresas), têxtil e confecção (20), TI e games (16), móveis (10) e alimentos e bebidas (nove). Essa performance é, principalmente, fruto do esforço da busca ativa do próprio núcleo. “Em cerca de 95% dos casos, a captação é resultado de um trabalho de prospecção da

equipe, pois recebemos apenas cerca de seis contatos iniciados pela própria empresa”, diz ela. “Uma explicação para a falta de iniciativa por parte dos empresários pode ser também falta de conhecimento sobre o programa ou da execução dele no estado, ou mesmo falta de contato anterior com a área de comércio exterior”.

Exportar de forma planejada e segura

A globalização encurtou distâncias e para o comércio literalmente todo o mundo se abriu para produtores locais que, anos antes, nunca imaginaram chegar tão longe. Mas esse passo não é simples: é preciso preparação e saber onde se está pisando. E o Peix ajuda a se preparar. “O Peix é um primeiro passo para o empresário ou a empresária que tem interesse em exportar de forma planejada e segura”, explica Márcia Paixão. “Na prática, corresponde a um processo de habilitar a empresa para atuar no comércio exterior ao

Comércio
Complementando as ações do Peix, a ApexBrasil desenvolve outras que favorecem a efetiva entrada das empresas brasileiras no comércio exterior

familiarizar o empresário e seus colaboradores com um conjunto extenso e específico de conhecimentos da área”. Esses conhecimentos envolvem, por exemplo, a identificação fiscal internacional da mercadoria, regras e exigências fiscais e técnicas do país-alvo, instituições brasileiras e estrangeiras que controlam ou apoiam as operações comerciais no exterior, entre outras. Complementando as ações do Peix, a ApexBrasil desenvolve outras que favorecem a efetiva entrada das empresas brasileiras no comércio exterior,

como o que a associação chama de projetos setoriais. “Foi no âmbito de um deles que a ApexBrasil, em parceria com o Instituto Brasileiro de Cachaça (Ibrac) e com apoio da Fapesq-PB e do Núcleo Operacional Peix, realizou a rodada de negócios internacionais em João Pessoa para o setor de cachaça em outubro. Em abril deste ano, teremos outra ação prática, multisetorial: a chamada ‘1ª Ação de Exportação’, que corresponde a uma rodada de negócios, desta vez com empresas comerciais exportadoras brasileiras”.

ALERTA

Ecossistema marinho ameaçado

Afundamento do porta-aviões São Paulo em águas brasileiras tem causado críticas e alertas de ambientalistas

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Após passar meses vagando nas proximidades da costa pernambucana, o antigo porta-aviões São Paulo foi afundado pela Marinha do Brasil no último dia 3, em Águas Jurisdicionais Brasileiras, causando críticas de ambientalistas de vários países. Alguns estudiosos chegaram a afirmar que o desfecho foi uma “catástrofe anunciada”, por causa dos impactos ambientais que o gigante de ferro pode trazer ao ecossistema marinho. Na Paraíba, os comentários de especialistas somam-se às vozes contrárias à decisão tomada por esse braço das Forças Armadas.

“Infelizmente, as autoridades escolhem jogar estes poluentes no mar, como se ficassemos livres dele, esquecendo que além de contaminar os seres marinhos, nos contaminam ao ingeri-los, por ter um potencial carcinogênico elevado”, afirmou o oceanólogo e professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Gilberto Pekala.

O porta-aviões desativado se tornou uma dor de cabeça para autoridades brasileiras quando a Turquia não permitiu que o São Paulo atracasse naquele país, devido aos riscos de poluição ambiental. Passado algum tempo em águas brasileiras, a Marinha decidiu pelo afundamento, contrariando vários alertas de estudiosos.

A polêmica sobre o descarte mobilizou instituições ambientais e foi destaque nos principais jornais e portais do mundo. O diretor de Programas do Greenpeace Brasil, Leandro Ramos, por exemplo, chegou a afirmar que o afundamento do navio é resultado de “uma sequência de erros”.

Os questionamentos e preocupações sobre o afundamento e os componentes poluidores seriam lançados no mar levaram o caso para a Justiça. No último dia 2, o Ministério Público Federal (MPF) entrou com um recurso no Tribunal Regional Federal da 5ª Região (TRF5) para anular a decisão da Justiça Federal em Pernambuco de permitir que a Marinha afundasse a sucata do porta-aviões. A tentativa não surtiu efeito, e, no dia 3, o TRF5 deu o aval para a Marinha prosseguir com a operação de afundamento.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) também já tinha pedido à Marinha informações sobre a operação e os possíveis reflexos ambientais. A embarcação afundada possui 9,6 toneladas de amianto, substância tóxica e cancerígena, proibida no Brasil desde 2017. O equipamento ainda carrega 644 toneladas de tintas “e outros materiais perigosos”.

De acordo com a Marinha, o descarte ocorreu a 350 quilômetros da costa brasileira e com profundidade de cinco mil metros, em parte situada em Águas Jurisdicionais Brasileiras. A instituição das Forças Armadas comunicou ainda que a operação ocorreu de forma a evitar prejuízos de “ordem logística, operacional, ambiental e econômica” ao Brasil e que o local para o destino final da embarcação foi escolhido com base em análises de instituições ambientais.

Segundo o oceanólogo Pekala, é pouco provável que as substâncias tóxicas do São Paulo alcancem o litoral paraibano, por causa da movimentação das correntes marinhas. No entanto, isso não descarta a preocupação relativa à degradação da fauna e flora do oceano no decorrer dos anos. “O navio alemão afundado na Segunda Guerra Mundial, no Mar do Norte, há 80 anos, ainda está poluindo as costas da Bélgica. O mesmo vai acontecer aqui nas do Brasil. O processo é lento e contínuo, desprendendo microplásticos e metais pesados, que serão absorvidos pelos seres vivos marinhos do entorno do entulho”, comentou Pekala.

Segundo ele, “todo poluente é nefasto”. Mesmo que o navio não carregasse carga tóxica, “a destruição lenta da carcaça vai contaminar a água do mar, acarretando prejuízos à fauna e à flora marinha”.



Foto: Marinha do Brasil



Foto: Arquivo pessoal

Boisbaudran alerta para desastres futuros

Porta-aviões desativado foi afundado com 9,6 toneladas de amianto, que é tóxico, e 644 toneladas de tinta e outros materiais perigosos à vida, inclusive, marinha

Saiba Mais



Foto: Arquivo pessoal

O oceanólogo Gilberto Pekala, ex-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas dos Recursos do Mar (Nepremar) da UFPB, afirmou que uma das formas de se fazer o descarte ambientalmente correto do São Paulo, seria conduzi-lo para um estaleiro. “Esse local é que teria as condições adequadas para fazer o desmanche correto”, declarou.



Foto: Edson Acioli/ICMbio

Arrecifes de corais e outras espécies marinhas podem ser afetados por amianto e óleo

Substâncias podem afetar vida de espécies

O biólogo Boisbaudran Imperiano afirmou que o amianto é um produto banido em diversos países, não apenas no Brasil, por causa da toxicidade que apresenta. “Seu efeito é cumulativo e pode causar doenças, inclusive, neurológicas. Em contato com a pele pode pro-

vocar dermatite”, afirmou.

Nas proximidades onde o porta-aviões foi descartado, o biólogo frisou que há risco de prejuízos à vida marinha. Os arrecifes de corais e diversos tipos de peixes podem sofrer com a poluição vinda dos óleos e o amianto da embarcação. Mesmo que

a embarcação não tenha carga de óleos, Boisbaudran frisou que há a presença dessa substância nas engrenagens do navio. “Os óleos são hidrocarbonetos, e demoram certo tempo dentro dos ambientes aquáticos para se dissipar”, frisou.

O biólogo lembrou que, há

cerca de três anos, começaram a surgir óleos em vários estados da costa nordestina, alcançando também a Paraíba. “No final, se descobriu que aqueles óleos vistos nas nossas praias, em formato de piche, vinham de um navio da costa da África. Então, essa poluição pode vir de longe”, frisou.

Impasse foi gerado devido ao risco de poluição

O estaleiro turco Sök Denizcilik Tic Sti arrematou o porta-aviões São Paulo em 2021. A intenção era desmontá-lo e vendê-lo como sucata. A embarcação chegou a atravessar o oceano a reboque, mas teve a entrada rejeitada na Turquia por causa do risco de poluição ambiental. Na volta ao Brasil, a atracação também não foi aceita pelos portos do país.

O principal motivo da

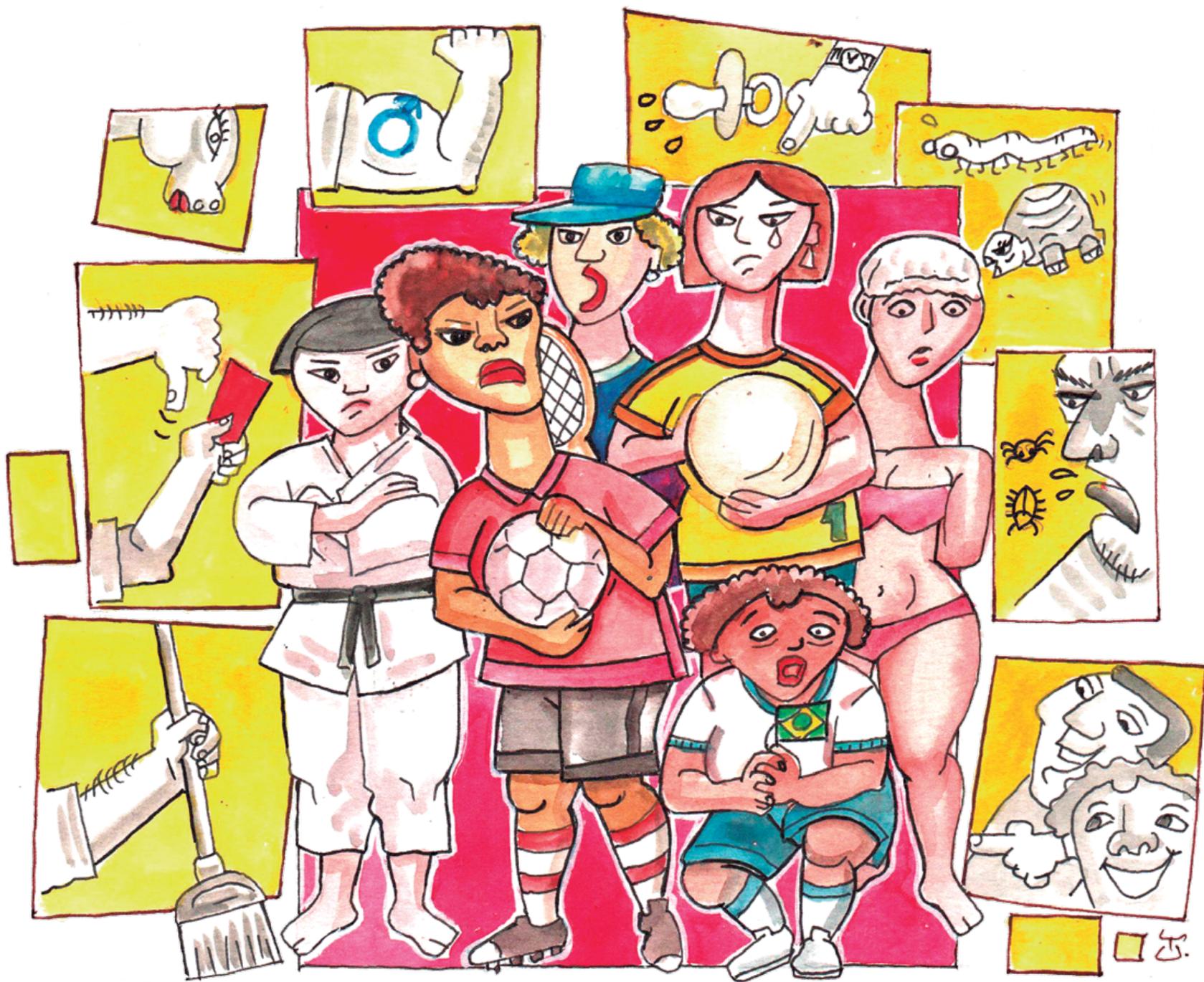
Oferta

Grupo da Arábia Saudita chegou a oferecer R\$ 30 milhões pela embarcação, mas a Marinha do Brasil recusou a proposta

rejeição seria a alta quantidade de substância tóxica, sobretudo, de amianto. Depois de passar meses tentando entrar no Porto de Suape, em Pernambuco, a antiga embarcação foi levada para regiões mais afastadas da costa, e proibido pela Marinha de se aproximar de águas interiores e de terminais portuários brasileiros.

Bastante danificado, com três buracos no casco, o por-

ta-aviões ameaçava submergir em pouco tempo. Um grupo da Arábia Saudita chegou a oferecer R\$ 30 milhões pela embarcação, com a intenção de desmanchá-la e vendê-la como sucata. A ideia era enviar ao Brasil um navio especial, capaz de transportar o navio sem contato com o mar. Mas, a Marinha recusou a proposta e optou pelo descarte no oceano.



Esporte é, sim, lugar de mulher!

Especialistas e desportistas dão a “receita” para eliminar o machismo, o preconceito e a misoginia no segmento esportivo: educação e punição

Laura Luna
 lauraluna@epc.pb.gov.br

“É nisso que dá colocar mulher para apitar”.

A fala machista dita por Tiago Bob, zagueiro do Auto Esporte, contra a árbitra Ruthyanna Camilla, no último dia 30 de janeiro, durante o clássico contra o Botafogo pelo Campeonato Paraibano Betino 2023, resultou no afastamento do jogador. Em nota divulgada nas redes sociais, o clube pediu desculpas pelo ocorrido. “Prezamos por mais respeito e inclusão em todas as esferas da sociedade. O lugar da mulher é no futebol, sim! E onde mais ela quiser”, trouxe um trecho do documento.

Triste pensar que a árbitra não foi a primeira e nem será a última a sofrer preconceito no esporte. Afinal,

o meio representa um recorte do que acontece na sociedade como um todo, considerando que há ambientes que podem ser ainda mais difíceis, como é o caso do futebol e das modalidades de força, por exemplo. Machismo que aparece em forma de assédio e também de descaso, como a falta de investimento e baixa remuneração.

Gleide Costa, treinadora da equipe feminina do Botafogo de João Pessoa, vive o futebol há quase 30 anos quando iniciou a carreira de jogadora, e conta que, para encarar as falas desrespeitosas, precisou se valer de uma prática que foi essencial para mantê-la no esporte. “Na nossa época tinha caso toda hora, a gente passava por muitas situações desagradáveis. Mas eu acho que uma das coisas boas em mim é que isso não me tocava muito, não, pelo contrário, me impulsionava a mostrar

que ali era o meu lugar, o que eu queria e que ninguém ia me impedir de fazer aquilo”.

Quando começou a treinar atletas, vieram mais preconceito e machismo. “Quando eu estava começando a dar treino no futsal masculino, em 1997, eu precisei mostrar primeiro que sabia jogar futsal pra depois dar o treino pra eles. É aquela questão de ter que provar duas ou três vezes mais competência só por ser mulher. Eu era uma boa atleta que virei treinadora e isso facilitava, mas sempre tendo aqueles olhares estranhos”. Nunca foi fácil, apesar de Gleide fazer uma espécie de “ouvido de mercador”, desvalorizando o discurso machista que insistia em descredibilizá-la, misoginia que ela acredita só poder ser vencida de duas formas: “Através da educação e da punição. São esses os meios de combater o machismo onde quer que aconteça”.

Foto: BotafogoPB



Treinadora da equipe feminina do Botafogo de João Pessoa, Gleide Costa revela que teve que encarar muitas falas desrespeitosas, principalmente no início da carreira

CONTINUA NA PÁGINA 22

TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS

Papéis sociais e comportamentos

Definir “coisas de menino e coisas de menina” reforça a cultura patriarcal e a consequente opressão do gênero feminino

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

A psicóloga Ângela Maria Sátiro fala em papéis sociais impostos a homens e mulheres, que acabam influenciando comportamentos também no esporte. A máxima que define “coisas de menino e coisas de menina” reforça a cultura patriarcal e a consequente opressão do gênero feminino. O resultado é esse visto no clássico paraibano e em tantas outras quadras, pistas, campos e ringues no Brasil e mundo afora.

“As consequências são a baixa autoestima, insegurança, estresse pós-traumático, depressão, crise de pânico entre outros transtornos psicológicos que diminuem o rendimento da mulher que ocupa esses espaços”. Na contramão, há também as que transformam a opressão em motivação, mas ainda assim é preciso considerar que o processo é doloroso. “Há, sim, casos em que as mulheres conseguem reverter esse preconceito e ataques como forma de impulsionar, passando a se dedicar mais ao esporte, conseguindo assim lugar de destaque”.

A jornalista e locutora Elisa Marinho, da Rádio Tabajara, também precisou provar competência desde sempre, mesmo antes de ingressar no mercado de trabalho. “Quando dizia que gostava de futebol, iam logo perguntando: ‘O que é um pênalti? E o que é um escanteio?’”. As pergun-

tas, feitas de maneira incisiva, soavam como teste e eram constantes.

“Quando eu dizia que torcia pelo Flamengo de imediato perguntavam o nome dos jogadores. Era sempre duvidando e eu sempre tendo que tá provando que gostava, entendia e podia comentar. Sendo testada para poder ter o direito de falar, direito esse que eram os homens que me davam, mostrando que se sentem donos das modalidades, principalmente do futebol, e eles que vão dizer se você pode falar ou não”, desabafa Elisa.

A conquista pelo espaço é uma construção, acredita a jornalista que sente aos poucos o preconceito sendo vencido pela competência e pela persistência. “Ainda se escuta algum comentário relacionado à beleza, coisa que não acontece em relação aos homens. Mas as pessoas viram que eu entendo, que eu estudo... Eu não sofro por parte de quem me acompanha e quem me ouve, essas pessoas elogiam e incentivam”.

Mudança

Há quem transforme a opressão em motivação, mas tem que considerar que o processo é doloroso



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Edson Matos

A psicóloga Ângela Maria Sátiro (à esquerda) e a radialista e locutora Elisa Marinho, da Rádio Tabajara: luta contra o preconceito

Preconceito e machismo, muitas vezes, vêm da falta de informação

A atleta paraibana de powerlifting, Mayara Rocha, é uma das melhores da modalidade que tem nos homens grande referência, apesar de serem as mulheres as atletas de maior destaque em todo o mundo. A levantadora de peso, que reúne dezenas de títulos, relata que o machismo que sofre é proveniente de situações externas, de fora do círculo de convivência dos atletas que praticam o esporte.

“Quando olhamos para fora, o preconceito ainda é

grande, tanto por atletas de outras modalidades quanto do público em geral. O Brasil, infelizmente, ainda tem uma cultura muito machista que nos coloca em uma posição de inferioridade física, então, para muitos homens, e até algumas mulheres, é difícil aceitar que existam mulheres mais fortes que muitos homens”.

Além da ideia da fragilidade feminina, em detrimento à força física do homem, Mayara destaca a questão estética e pontua a

maneira como é “vista e pensada a beleza”. Padrões que não comportam os corpos definidos que essas atletas adquirem ao longo da carreira. “Convivemos em uma sociedade com um padrão de beleza pré-estabelecido. No esporte de força, as mulheres acabam ficando mais definidas, músculos mais aparentes, trapézio, ombros e costas mais fortes, coisa que não é tão comum e isso na maioria das vezes é visto como algo masculino e que em nós se torna feio”.

Foto: Recordare



Levantadora de peso Mayara Rocha diz que não sofre machismo no ambiente do esporte que pratica

Os “marcadores sociais de diferença” de ver outros pelas formas corporais

O jornalista e escritor Felipe Caldas, doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pesquisador da Antropologia das Práticas Esportivas, destaca alguns pontos que considera essenciais para a reflexão sobre o tema, sendo o primeiro o fato de “vivermos em uma sociedade historicamente machista”.

“A Antropologia pesquisa muito os ‘marcadores sociais de diferença’, que são formas de ver o outro a partir de suas formas corporais, que são sempre preconceituosas e sem análise horizontal que, de maneira equivocada, coloca a mulher em um patamar inferior ao do homem”. A exacerbação da masculinidade e da virilidade, segundo Caldas, principalmente entre esportes de maior esforço físico, também colaboram de forma importante para o machismo.

Phelipe Caldas destaca também a ideia de que pode haver o “afrouxamento de regras sociais” no sentido de desestabilizar o oponente. “A arquibancada poder tudo, por ser uma questão esportiva, então ‘eu vou ser racista, machista, homofóbico, porque aqui o que está em disputa é o esporte’. Atitudes que teriam a finalidade de desestabilizar o adversário e isso não é verdade, até porque também acontece entre

torcedores da própria torcida nas arquibancadas”.

O terceiro ponto seria a violência simbólica, ainda naturalizada. “Não tem agressão física, mas acontece no campo das ideias e não é menos grave por isso”. Felipe Caldas reforça o fato do ambiente esportivo estar inerente na sociedade, sendo necessário tratar o machismo, bem como outros tipos de violência, de maneira ampla e com rigor. “Deve ser combatido e punido como em qualquer outro ambiente. Acabar com essa ‘falsa liberdade’ de poder falar o que se pensa por estar em uma praça esportiva”.

Ao contrário do que muitos sabem, fatos e ações de caráter machista podem ser enquadrados criminalmente pela legislação brasileira. Prevista na Lei 12.033/2009 do Código Penal, a injúria qualificada por discrimina-

ção referente a raça, cor, etnia, religião, gênero, origem ou condição da pessoa idosa ou portadora de deficiência, prevê pena de um a três anos de prisão.

A reportagem de A União procurou a árbitra Ruthyanna Camilla para saber como ela estava e o que sentiu depois do episódio envolvendo o agora ex-jogador do Auto Esporte (ele foi expulso na partida contra do Botafogo questionando o fato de “colocar uma mulher para apitar”). Ela não repassou informações, uma vez que a árbitra não está autorizada a falar sobre o assunto.

Ruthyanna Camilla entrou para a história por ser a primeira árbitra a apitar uma final no futebol paraibano, em 2021, sendo certificada pelas federações paraibanas e confederações de futebol e futsal, além de ser médica veterinária.

Foto: Arquivo pessoal



Jornalista Phelipe Caldas é doutorando em Antropologia Social

SUPERCOPA DO BRASIL

Corinthians e Mengo decidem título

Futebol feminino do time paulista está em busca do bicampeonato da competição, já o clube carioca quer conquista inédita

Agência Brasil

Corinthians e Flamengo decidem hoje o título da Supercopa do Brasil Feminina. O Corinthians garantiu presença na decisão após derrotar o Internacional por 2 a 1, na tarde da última quinta-feira (9), em Itaquera, São Paulo. Agora, as Brabas do Timão medirão forças com o Flamengo neste domingo em busca do título.

Caso supere o rubro-negro na final, o Corinthians

chegará ao bicampeonato da competição, que teve a sua primeira edição no último ano.

No jogo de quinta-feira, após uma etapa inicial sem gols, o placar foi aberto pelas Brabas do Timão aos 13 minutos do segundo tempo, quando Gabi Portilho dominou na ponta direita e cruzou para Diany bater de primeira. Aos 24 a equipe do Parque São Jorge ampliou a vantagem, quando a lateral Tamires cobrou pênalti com muita categoria.

Disputa

Corinthians garantiu presença na decisão eliminando o Internacional por 2 a 1 e o Flamengo chega à final despachando o Real Brasília pelo placar de 3 a 2

Aos 39 Priscila ainda descontou para as Gurias Coloradas. Porém, o Corinthians administrou o jogo até o apito final para ficar com a classificação.

O Flamengo carimbou sua disputa na final deste domingo contra o Corinthians, além de garantir presença na edição 2023 da Supercopa do Brasil Feminina, após derrotar o Real Brasília por 3 a 2, na noite da quarta-feira (8), no Estádio Luso-Brasileiro, na Ilha do Governador.

Foto: Rodrigo Gazzanel/Agência Corinthians



A equipe do Corinthians derrotou o Internacional na tarde da última quinta-feira, no estádio localizado em Itaquera, em São Paulo

Curtas

Basquete: na NBA, Kevin Durant vai para o Phoenix

“Seja bem-vindo a Valley, Kevin Durant”, anunciou o Phoenix Suns em suas redes sociais para dar as boas vindas a sua nova estrela na NBA. O pivô foi adquirido do Brooklyn Nets, que desfez de vez de seu estrelado time e também enviou TJ Warren para a equipe do Arizona no último dia de transações da NBA. O negócio foi a principal notícia da quinta-feira (9) no basquete norte-americano. Disposto a brigar pelo inédito título da NBA que parecia provável nas últimas temporadas após belas campanhas - foi o melhor na fase de classificação da edição passada, quando foi o líder disparado, mas caiu nos playoffs por causa dos desfalques - e ainda caiu na final há dois anos, o Phoenix Suns aposta na chegada de Kevin Durant para arrancar rumo à classificação na Conferência Oeste e, de quebra, formar um quarteto mágico ao lado de Devin Booker, Chris Paul e Deandre Ayton.

Cristiano Ronaldo passa de 500 gols em ligas nacionais

Cristiano Ronaldo entrou em campo na última quinta-feira (9), quatro dias após completar 38 anos, e marcou os quatro gols da goleada por 4 a 0 do Al-Nassr sobre o Al-Wheda, em jogo da 16ª rodada do Campeonato Saudita. Com isso, o craque português chegou aos 503 gols marcados em campeonatos nacionais. Antes de chegar ao futebol árabe, marcou 311 pelo Real Madrid no Campeonato Espanhol, 103 pelo Manchester United no Inglês, 81 pela Juventus no Italiano e três pelo Sporting no Português. Depois de passar em branco em seus dois primeiros jogos pelo Al-Nassr, Cristiano Ronaldo marcou o primeiro gol pelo clube no dia 3, durante o empate por 2 a 2 com o Al Fateh.

Zagueiro do Bayern tem aulas com cantor de ópera

Ortopedistas, nutricionistas, fisiologistas... Jogadores de futebol profissional estão acostumados a contar com a ajuda de diversos profissionais da saúde para conseguir ter o melhor desempenho possível em campo. O zagueiro Dayot Upamecano, do Bayern de Munique e da seleção francesa, foi ainda mais longe. O atleta contratou um cantor de ópera para lhe dar aulas de canto e, assim, aprimorar a comunicação com os seus companheiros durante as partidas. Tudo começou na última temporada, quando Upamecano estreou com a camisa do Bayern. Frequentemente, o zagueiro se queixava de dores de garganta após as partidas - em alguns jogos, o atleta saía de campo completamente rouco.

Cingapura substitui Rússia como sede para Mundial

A Federação Internacional de Natação anunciou no último dia 9 que Cingapura foi escolhida como sede do Mundial de Esportes Aquáticos de 2025. A cidade-estado do Sudeste Asiático substitui Kazan, da Rússia, que perdeu a chancela para sediar o evento como sanção pelo conflito promovido pelo governo russo na Ucrânia desde fevereiro do ano passado. “Cingapura tem tudo o que esperamos compartilhar com nossos atletas: instalações de classe mundial, experiência comprovada em sediar eventos da mais alta qualidade e uma abordagem abrangente para esportes aquáticos que vão desde o nível de elite até a comunidade”, disse o presidente da Husain Al-Musallam, presidente da Fina.

PRESENTE ANTECIPADO

Pia Sundhage, da Seleção Brasileira, é uma das três técnicas finalistas ao Prêmio Fifa The Best

Agência Brasil

Prestes a completar 62 anos amanhã, Pia Sundhage, técnica da Seleção Brasileira Feminina de futebol, ganhou na última quinta-feira (9) um presente antecipado ao ser anunciada pelo Prêmio Fifa The Best como uma das três finalistas a melhor treinadora do mundo na temporada de 2022.

Eleita a melhor em 2012, com a equipe dos Estados Unidos, a treinadora sueca volta a concorrer por conta do desempenho do escrete brasileiro no ano passado. A seleção fez uma campanha invicta na Copa América - seis vitórias em seis jogos -, coroada com o oitavo título no torneio organizado pela Conmebol.

As demais finalistas ao prêmio The Fifa The Best são as técnicas Sonia Bompastor (Lyon) e Sarina Wiegmann (seleção da Inglaterra). As vencedoras serão anunciadas no dia 27 de fevereiro, em Paris.

“Estou muito orgulhosa, espero que todos saibam o quanto isso é importante para a comissão técnica, também preciso agradecer às jogadoras. Esse reconhecimento significa muito!”, celebrou Sundhage ao saber da indicação, três anos e seis meses após assumir o comando da seleção.

Primeira estrangeira a dirigir o escrete feminino brasileiro na história da modalidade, a treinadora acredita que a indicação ao prêmio Fifa The Best motiva ainda mais a preparação da equipe para Copa do Mundo Feminina, a partir de 20 de julho, na Austrália e Nova Zelândia.

“Agora mesmo, é um momento perfeito, porque estamos na nossa caminhada para a Copa do Mundo Feminina e isso nos impulsiona. Grande incentivo pra mim, é claro, mas também para a comissão técnica, atletas e a seleção brasileira”, afirmou a treinadora.

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



Treinadora sueca, que amanhã faz 62 anos, é a primeira estrangeira a comandar as brasileiras

SUL-AMERICANO SUB-20

Brasil e Uruguai decidem título hoje

Classificações para o Mundial e para o Pan-Americano já estão garantidas para os brasileiros e uruguaios

Agência Estado

Assim como diante do Paraguai coube ao goleiro do Brasil o papel de protagonista do duelo com a Colômbia, na quinta-feira (9), no Estádio El Campín, em Bogotá, pela quarta rodada do hexagonal final do Sul-Americano Sub-20. Kaique, substituindo Mycael, defendeu um pênalti e foi o responsável por segurar o 0 a 0 no placar até o fim.

Com o resultado, a Seleção Brasileira não faz mais uma campanha perfeita e ficou em segundo lugar no hexagonal, com 10 pontos. Hoje, o duelo com o Uruguai, líder com 12, definirá o campeão do torneio. A Colômbia é terceira colocada, com 7, seguida de Venezuela, 2, Equador e Paraguai, ambos com 1 ponto.

No duelo de quinta-feira, a partida começou tensa entre os jogadores de Brasil e Colômbia. Os donos da casa, com apoio da torcida e necessidade de resultado positivo para deixar a Seleção Brasileira para trás na tabela de classificação, não aceitaram uma comemoração de Marlon Gomes ao afastar uma bola no campo de defesa e foram tirar satisfação. O árbitro acabou punindo o atleta brasileiro.

Os primeiros minutos foram mais equilibrados, com poucas chances criadas. Aos

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



Na última rodada do hexagonal final do Sul-Americano Sub-20, Brasil e Colômbia, que perdeu um pênalti, empataram em 0 a 0

poucos, a Colômbia começou a criar algumas dificuldades para o Brasil. O goleiro Kaique foi acionado algumas vezes. Não demorou muito para a Seleção Brasileira responder e tomar as rédeas do jogo até o apito final do primeiro tempo.

Na segunda etapa, a Colômbia voltou com confiança renovada. Mas, aos 6 minutos, um susto. Em uma deci-

são polêmica, a arbitragem assinalou penalidade máxima para os donos da casa após um encontro do goleiro brasileiro com Alexis Castillo. Na cobrança, Kaique, que é jogador do Palmeiras, provocou o rival, conseguiu desconcentrá-lo e defendeu o pênalti.

O duelo não conseguiu ganhar emoção mesmo com as substituições promovidas pe-

los técnicos. Em noite pouco criativa, faltou aos dois conjuntos arriscar mais em busca do gol e da vitória. Nem mesmo a expulsão do colombiano Torres, aos 14, permitiu ao Brasil uma reação.

Nos acréscimos, Luis Guilherme ainda passou perto de dar a vitória ao Brasil em chute de fora da área que passou perto. O placar, no entanto, não sofreu alterações e ter-

minou do mesmo jeito que começou, sem gols.

Na rodada final do Sul-Americano Sub-20, o Brasil decidirá o título com o Uruguai. As classificações para o Mundial da categoria, que acontece em maio na Indonésia, e para os Jogos Pan-Americanos de Santiago, em outubro, já estão garantidas para brasileiros e uruguaios.

O Pan e o Mundial ain-

da contarão com a Colômbia. Resta a definição de uma vaga para o torneio da Indonésia: Venezuela, Equador e Paraguai estão na disputa. Confira a tabela da 5ª e última rodada do hexagonal final, agendada para este domingo: 18h - Equador x Paraguai - El Campín; 18h - Venezuela x Colômbia - Metropolitano de Techo; e 22h - Brasil x Uruguai - El Campín.

Disputa

A Colômbia também está classificada para disputar o Pan e o Mundial; já Venezuela, Equador e Paraguai ainda disputam, na rodada deste domingo do hexagonal final, uma última vaga

CAMPEONATO PARAIBANO

Confronto no Marizão pode definir hoje um novo líder do Estadual 2023

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Sousa e Treze jogam hoje, a partir das 16h, no Estádio Marizão, por partida antecipada da oitava rodada do Campeonato Paraibano. O confronto envolve rivalidade, tabu, briga direta pela liderança da competição e apenas a presença da torcida do clube mandante.

Dinossauro e Galo chegam para o duelo dentro da zona de classificação para a próxima fase da competição, sendo o alvinegro dono da vice-liderança com 11 pontos somados, já o alviverde soma os mesmos 11 pontos, mas perde no critério de desempate e ocupa a terceira colocação. O vencedor do confronto vai assumir, de forma isolada, a ponta da tabela de classificação.

Juntos, as equipes já protagonizaram um histórico de 31 partidas disputadas no Estádio Marizão pelo certame estadual, com o Sousa tendo a vantagem de 16 vitórias contra nove do Treze e mais seis empates. No entanto, desde 2010 que o clube sertanejo não sabe o que é perder em casa para o Galo e quer manter essa escrita para alcançar a liderança do torneio.

“A questão do tabu vale mais como retrospecto e serve até de motivação para o adversário. Encaramos a partida como uma decisão

e vamos entrar em campo com o objetivo de conquistar os três pontos e, consequentemente, a liderança da competição”, pontua Aldeone Abrantes, presidente do Sousa.

Para o Treze, o confronto vai além dos três pontos e a liderança da competição, pois o Galo carrega um

“Tivemos uma pausa de 12 dias em função da tabela. Aproveitamos para recuperar a condição física de alguns atletas e aperfeiçoar as nossas funções táticas. A partida oferece desafios por se tratar de um clássico. Temos as nossas qualidades assim como o aniversário tem as dele. O torcedor do Treze pode esperar uma equipe muito competitiva e que vai em busca de uma vitória”, afirma o comandante alvinegro.

O confronto no Estádio Marizão contará apenas com a presença da torcida mandante, após recomendação do Ministério Público da Paraíba (MPPB), por entender o risco de possíveis confrontos entre torcidas, já ocorridos em confrontos anteriores envolvendo adeptos das duas agremiações.

A comissão de arbitragem da Federação Paraibana de Futebol (FPF-PB) escalou Wagner Reway como árbitro central. Ele será auxiliado por Adenilson Soares Barros e Matheus Tcharles Rodrigues Marques. Quem fica na quarta arbitragem é Douglas Magno de Melo Pereira.

tabu que já vem incomodando há 13 anos. Quando jogou contra o Dinossauro como mandante, nos últimos 11 jogos, o alvinegro acumulou nove derrotas e cinco empates, a última vez que venceu o algo no Ser-

“

A questão do tabu vale mais como retrospecto e serve até de motivação para o adversário. Encaramos a partida como uma decisão

Aldeone Abrantes

marketing EPC

TABAJARA NA FOLIA

O esquenta de Carnaval é aqui!

Sintonize
Tabajara FM 105.5

13 a 17 de fevereiro
EDIÇÕES 10h e 17h

Tabajara

EPC
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Amélia Theorga, a paisagista do mar

Jovem artista do movimento libertário da década de 1920 refletia através dos pincéis a essência e a beleza das paisagens naturais da Paraíba

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Paraibana, Amélia Theorga Ayres, ou carinhosamente chamada de Amelinha, nasceu em 29 de julho de 1907, na cidade de Mamanguape, região da Zona da Mata da Paraíba. Jovem, simpática e detentora de um pincel límpido e dominador, a artista plástica se destacou como uma das primeiras mulheres a trabalhar esse modelo de pintura no estado, na década de 1920.

Aos 14 anos, realizou a sua primeira exposição individual na Livraria da Casa Andrade, em João Pessoa. O evento marcou o início de uma trajetória que lhe conferiria, anos mais tarde, a posição de destaque num universo notadamente assentado pela presença masculina.

Filha do casal José Theorga e Eutália de Assis Theorga, a artista refletia em suas pinturas uma tendência regionalista, com reproduções da paisagem local, voltadas para o mar; motivo pela qual passou a ser chamada de a “paisagista do mar”.

“Amelinha era singular em sua arte, não copiava, criava em suas telas universo de aspectos naturais e sobrenaturais, sem linhas vazias e de uma estética tão profunda que as coisas materiais se tornavam especiais”, analisa a desembargadora Maria de Fátima Moraes Bezerra Cavalcanti Maranhão. A magistrada fez um registro da artista plástica em sua obra ‘Guiadas pela Justiça e movidas pela Fé’ (2012; 304).

Em atividade permanente no seu ateliê (1930/1940), localizado em João Pessoa, Amelinha Theorga dava vida às suas obras sobre papel canson telado e em pintura acrílica aquarelada. A violência dos contrastes entre as diferentes regiões fisiográficas do estado acabava formando uma espécie de cenário exótico em que a beleza brota numa explosão irracional.

“

Era singular em sua arte, não copiava, criava em suas telas universo de aspectos naturais e sobrenaturais

Maria de Fátima Bezerra



Ilustração: Tônio



Foto: Arquivo Pessoal

Para a desembargadora Maria de Fátima Moraes Bezerra Cavalcanti Maranhão, a pintora Amelinha executava sua arte sem linhas vazias e com uma estética bastante profunda

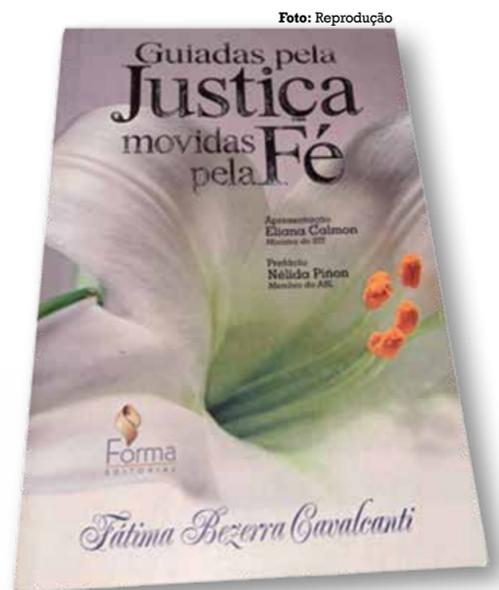


Foto: Reprodução

Na obra ‘Guiadas pela Justiça e movidas pela Fé’, a autora faz um registro da artista plástica paraibana, nascida em Mamanguape, em 1907

Pintora era cadeira cativa nas edições da revista Nova Era

Na arte de Amelinha, as flores da jurema, quando se abrem no alto dos galhos espinhosos, criam uma orgia de alvura, que termina contagiando a vegetação retorcida do Sertão. E há sempre uma capela ao fundo, como evocação de divindade naquela desolação florida. Desolação transformada pelo encantamento vegetal e pela fé das pessoas, que não se deixam vencer pela aspereza em torno.

Era cadeira cativa nas edições da revista Era Nova, impresso informativo sobre diversos assuntos em moda e entretenimento de cunho cultural e social da época.

Em 1922, teve participação marcante no Salon Filipeia, grande exposição coletiva de pintura que reuniu 118 obras de vários artistas acadêmicos, entre retratistas, desenhistas e pintores de João Pessoa, como Frederico Falcão, Voltaire D’Ávila, Pinto Serrano e Olívio Pinto.

Com seu crescimento nas artes plásticas, adquirido a partir da experiência vivida com a pintura e do aperfeiçoamento de sua arte, Amelinha, a convite do Jornal **A União**, realizou uma exposição individual em 7 de novembro de 1925, no salão principal do jornal, onde expôs seus trabalhos, ganhando forte adesão dos intelectuais, simpatizantes e admiradores da arte da época na cidade. Contando em particular com o apoio do então governador João Suassuna, que adquiriu para o Acervo Patrimonial do Estado as obras ‘Reconto de Selva’ e ‘Solução das Vagas’, e para si o quadro ‘Horas de Ouro’.

“A arte da senhorinha Theorga é toda da sua imaginação. Não copia. Tudo quanto lhe fala à sensibilidade ela reproduz. Daí a superioridade do seu talento; daí a razão de ser tida como única no diminuto círculo artístico da Parahyba”, comentou Wanda Novaes em um artigo para a Era Nova.

Autora de mais de vinte telas, expôs de forma individual a sua arte nos salões da Paraíba, dentre os quais a que foi realizada na Livraria Casa Andrade (1921), no hall d’A União (1922, 1923 e 1925), na residência do casal Adrião Pires (1969) e na exposição ‘50 Anos de Pintura na Paraíba’, na Reitoria Universitária (1971). Algumas de suas obras estão expostas no Museu da Cidade de João Pessoa, na Praça da Independência.

Em 2020, a Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba abriu edital para a concessão de premiação artístico-cultural, promovendo homenagem à artista, que pode ser considerada ícone da pintura paraibana. Ainda nesse ano foi incluída na exposição ‘12 Mulheres que fizeram história no Brasil’, organizada pela professora, pesquisadora e artista plástica Neide Medeiros Santos, no Museu José Lins do Rego, no Espaço Cultural da Paraíba, em João Pessoa.

Amélia Theorga Ayres foi uma personagem que representou o talento artístico da mulher paraibana no seu tempo e meio social, rompendo barreiras impostas pelo domínio masculino da época em que viveu. Ela morreu em 30 de agosto de 1982, na capital paraibana, aos 75 anos.

■ A convite de A União, a artista realizou exposição individual em novembro de 1925, no salão principal do jornal à época, expondo seus trabalhos e ganhando forte adesão dos intelectuais

Francisco Pontes da Silva

Um apaixonado por livros, pela comunicação e cultura da Paraíba

Juliana Cavaleanti
julianacavaleanti@epc.pb.gov.br

Uma pessoa apaixonada por livros, pela comunicação e com um forte relacionamento com o cenário literário e cultural da Paraíba: é dessa forma que Pontes da Silva ficou reconhecido pela sua família, por diversos jornalistas e intelectuais do estado. Ele foi professor universitário, jornalista, proprietário de livrarias, editor, programador visual, além de poeta bissexto (fazia textos literários ocasionalmente).

Já aposentado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sua paixão pela literatura o levou a ser proprietário de um dos mais raros acervos de livros do Nordeste nos anos de 1990, suprindo a necessidade de intelectuais, profissionais liberais e estudantes das diversas categorias – ensino fundamental, secundaristas e universitários. Pontes da Silva era conhecido por ser um amante da cultura, principalmente para paraibana.

“Ele teve uma ligação muito forte com o universo literário e era muito próximo a esse universo cultural. Sua Livraria Empório dos Livros era um ponto de encontro de escritores, intelectuais, que frequentavam não só para comprar livros, como também para conversar sobre a atualidade política e cultural do estado”, descreve o diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), William Costa.

Francisco Pontes da Silva nasceu na cidade de Solânea, no Brejo paraibano, no dia 29 de janeiro de 1938. Tinha graduação em Letras e foi professor da UFPB, nessa área, além de diretor da Editora UFPB, aproximadamente no final da década de 1970. Sua experiência como programador visual começou aos 20 anos de idade, mas ele trabalhou ainda no Grupamento de Engenharia, em João Pessoa, como desenhista, além de docente na Escola Técnica Federal e na Universidade Regional do Nordeste (hoje Universidade Estadual da Paraíba – UEPB).

Ao longo da vida, trabalhou em serviços de editoração diversos, até montar a própria editora. Em alguns casos se dedicava a fazer pequenas restaurações. Além de editor de livros, também era artista plástico, pintava e trabalhava com gravuras. O amor aos livros é uma das mais fortes lembranças que a filha Angeline Pontes tem do pai, além de sua atuação como professor universitário.

Ela lembra dele como um grande incentivador da cultura, dos artistas paraibanos, da xilogravura e da editoração. “Ele trabalhou com editoração de livros, programação visual e foi professor. Também atuou no início do curso de Jornalismo em Campina Grande. Ele era de Letras, mas trabalhou como professor das disciplinas de recursos audiovisuais, mesmo sendo do Centro de Educação da UFPB. Ensinou nos cursos de Letras, Psicologia e Jornalismo. Foi proprietário de livrarias e formou um grupo de leitores”, descreve.

Segundo a filha, Pontes da Silva acumulou diferentes experiências, especialmente a docência nas cidades de Campina Grande e João Pessoa. “Ele sempre gostou de cultura e foi muito motivador dessa parte. Ele trabalhou em escola de música, ajudava o pessoal com xilogravura, com editoração, fotografia etc.”, cita.

No dia 1º de junho de 2000, assumiu a Diretoria de Operações no Jornal A União, substituindo Deusimar Alves Sarmento, que ia concorrer às eleições na cidade de Nazarezinho, no Alto Sertão paraibano.

Jornalista Gilson Souto Maior lembra que Pontes da Silva ocupou uma diretoria fundamental para o veículo quando José Maranhão era governador do Estado e o superintendente era o jornalista Rui Leitão (hoje diretor de Rádio e TV da EPC). “Como diretor de operações, Pontes da Silva colaborou de forma positiva, pois deu o melhor de si para esse tradicional veículo de comunicação”, comenta Gilson.

Pontes da Silva também foi editor do Correio das Artes, suplemento literário de A União, após as editorias de Jurandy Moura, Antônio Barreto Neto e Sérgio de Castro Pinto. Conforme Angeline Pontes, seu pai foi um dos primeiros editores do mais antigo suplemento literário em circulação no Brasil e, naquele momento, buscava manter a qualidade das publicações.

Ele morreu no dia 24 de fevereiro de 2010, vítima de dengue hemorrágica, deixando três filhas, uma esposa e quatro netos (três homens e uma menina). “Meu pai amava a cultura e amava incentivar e dar oportunidades aos artistas. Existem vários relatos de que meu pai incentivou pessoas a continuarem sendo artistas. Ele fazia muitos centros culturais nos bairros onde a gente morava: sentava junto aos grupos de jovens para conversar e incentivá-los a gostarem de música, arte, leitura e manter a cultura”, destaca Angeline Pontes.



Ilustração: Tóbio

Pontes da Silva também foi editor do Correio das Artes, suplemento literário de A União, após as editorias de Jurandy Moura, Antônio Barreto Neto e Sérgio de Castro Pinto

Professor querido no curso de Jornalismo

“Pontes da Silva foi professor do curso de Comunicação da Universidade Regional do Nordeste (Urne) quando o curso surgiu em 1973. Esse foi o primeiro curso de Jornalismo da Paraíba”. O relato é do jornalista Gilson Souto Maior, referindo-se à experiência de Pontes da Silva como educador da área de comunicação.

Ele conta que, além da Urne em Campina Grande, Pontes da Silva foi professor do curso de Jornalismo na UFPB, fundado após o de Campina Grande. “Eu já era jornalista e vinha de atuação na rádio e televisão e me reuni com vários colegas e incentivamos a criação do curso, entre 1971 e 1972 em Campina Grande”, conta.

“Eu tive o prazer de ter o Pontes da Silva como meu professor no primeiro ano de funcionamento do curso de Comunicação, quando inclusive eu já era jornalista. Ele foi professor ao lado de outros grandes amigos, como Luiz Custódio, que foi também um dos primeiros professores”, relembra Gilson.

Ele acrescenta que a graduação em Jornalismo de Campina Grande adotou como característica contratar professores que também atuavam em jornais paraibanos, em João Pessoa e em Campina Grande. “Pontes da Silva foi um dos mais queridos professores do início do curso. Era uma pessoa muito amável, muito querida e um homem de um profundo conhecimento. Ele demonstrou isso sendo diretor de operações de A União, como também sendo integrante da equipe do Correio das Artes, que teve nomes famosos como editores e isso nos orgulha bastante”, finaliza Gilson.

Incentivo à cultura

Em 1997, Pontes da Silva criou uma editora para atender a demanda local de se editar livros de autores paraibanos e nordestinos: a Livraria e Editora Empório dos Livros. O espaço funcionava na Avenida Visconde de Pelotas, no Centro de João Pessoa, e recebia visitantes de toda a Paraíba e de estados vizinhos. Em maio de 1999, reunia um acervo de 22 mil volumes nas áreas de humanística, literatura,

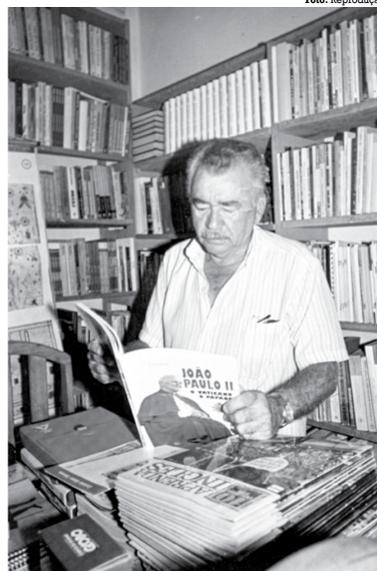


Foto: Reprodução

Aposentado pela Universidade Federal da Paraíba, a paixão pela literatura levou Pontes da Silva a ser proprietário de um dos mais raros acervos de livros do Nordeste, nos anos de 1990

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Uma pausa para o Carnaval – Parte I

Por esses dias de folia momesca ou – como queiram – de entrudo carnavalesco, de repente me deu vontade de ouvir o “grito de guerra” de um passado recente e me vi, por alguns momentos, nos salões do Clube Astrea, participando dos famosos e saudosos bailes de Carnaval, entoando com a multidão, como se fizesse parte de uma galera futebolística, o frevo do pernambucano (quase paraibano) Genival Macedo (1921-2008): “Queiram ou não queiram/ nós temos o melhor/ e a nossa canção/ sabemos de cor...! A - S - T - R - E - A...”. Aliás, e a este propósito, dois fatos a lembrar: é dele o “hino extraoficial” da Paraíba ‘Meu sublime torto’, como dele é o mérito de ser considerado o precursor dos trios elétricos (Dodô e Osmar), com a criação do seu Palácio do Frevo, caminharinete que, já em 1941, desfilava pelas ruas da capital paraibana, proclamando o povo para pular e dançar com uma engenhoca amplificada colocada no veículo.

Por associação, veio-me à lembrança outro hit carnavalesco, de 1967, a marcha ‘Máscara Negra’, do carioca Zé Kéti (1921-1999): Tanto riso/ ó, quanta alegria/ Mais de mil palhaços no salão/ Arlequim está chorando/ pelo amor da Colombina/ no meio da multidão/ [...] Eu sou aquele Pierrot/ que te abraço/ que te beijo, meu amor...”. Creio que, de propósito, o letrista (Pereira Matos), coloca o choro no personagem Arlequim, quando, ao meu ver, quem chorou mais foi Pierrot, o sofrido



Foto: Reprodução

com o sedutor e namorado Arlequim. A união dos dois parte o coração de Pierrot. Quando a dupla começa a viver “momentos difíceis”, Colombina encontra uma das cartas de Pierrot, descobrindo o amor dele por ela. Colombina deixa então Arlequim e fica com Pierrot. Mesmo vivendo juntos, a volúvel Colombina ainda almeja se encontrar com Arlequim em outros Carnavais... Esses eventos, retratados na ‘Commedia dell’Arte’ é que ensinaram a criação e uso das chamadas máscaras carnavalescas que se estenderam por outros bailes da Europa. Tudo são fantasias, como, aliás, era a predominância em outros carnavais.

Mas a festa continua, e outras músicas, outros criadores e intérpretes parecem perpetuar-se quando o tema é Carnaval.

Como hors-concours, solidificou-se ‘Vassourinhas’ (com o nome original de ‘Marcha nº 1 do Clube Vassourinhas’), frevo criado, em 1909, pela mulher negra e doméstica, moradora de um mocambo localizado no Bairro de Beberibe, Joana Batista Ramos (1878-1952) que recebeu a colaboração rítmica e musical do amigo, violonista Matias da Rocha, fundador do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas, fundado em 1889, portanto, um ano após a abolição da escravatura. A título de curiosidade, a primeira gravação comercial do frevo foi feita em 1945 e, em 1950, o nosso Severino Araújo a gravou já com uma vestimenta instrumental mais sofisticada, com o nome de ‘Frevo das Vassourinhas’.

Um passeio mais demorado pelos carnavais de outrora nos permite citar alguns hits, com seus compositores e/ou intérpretes.

Em ‘A Jardineira’, o sucesso gravado por Orlando Silva para o Carnaval de 1939 sobreprou o interesse pelos criadores da marchinha carnavalesca. Embora os créditos tenham sido registrados para Humberto Porto e Benedito Lacerda, atribui-se o original ao pernambucano Hildário Jovino Ferreira (PE, 1873 - Rio, 1933) que a teria usado no Carnaval de 1899, tornando a música uma marcha carnavalesca para os antigos ranchos ‘A Jardineira’, de 1899; ‘Flor da Jardineira’, de 1901 e ‘Filhas da Jardineira’, de 1906. O próprio Humberto Porto teria afirmado haver ouvido o refrão da música na Bahia, por volta de 1937, transformando-a numa marcha para o seu bloco ‘Rancho da Jardineira’. Por outro lado, já havia, bem anteriormente, na Ilha da Madeira, em Portugal, grupos folclóricos que cultivavam o estilo, tanto no que se refere ao tema, quanto à própria sonoridade. O fato é que, ainda hoje, a marcha tornou-se, aonde quer que se vá, uma característica dos festejos carnavalescos, seja em clubes como em ruas, tornando-se um extraordinário e perene sucesso do nosso Carnaval.

Por aqui, como dito antes, a marcha foi gravada e lançada em 1938 para o Carnaval de 1939, em gravação de Orlando Silva, que também a interpretou em cena do filme ‘Banana da Terra’ (Cinédia).

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Principais tendências para o jornalismo brasileiro em 2023

Foto: Reprodução

Ampliar assinaturas digitais, aumentar audiência qualificada, reter/fidelizar espectadores, reinventar-se. Esses são alguns dos desafios do jornalismo em 2023, conforme aponta relatório da Orbis Media Review (https://orbismedia.org/). Com 31 páginas, a publicação foi produzida a partir das respostas de 45 diretores e gestores de veículos nacionais de rádio, tv, revista, jornal e plataformas digitais, coletadas entre novembro e dezembro de 2022.

Logo na apresentação (assinada por Ana Brambilla, editora do veículo), o documento sugere: “Nunca foi tão importante que o jornalista tivesse visão de produto”. Em suas primeiras linhas, o relatório também nos instiga: o que os próximos meses reservam ao mercado jornalístico brasileiro? Quais direções serão tomadas pelas mentes à frente dos nossos veículos?

Questões referentes à audiência foram citadas por boa parte dos entrevistados para a produção do relatório da Orbis Media. Para Renato Franzini, diretor de Redação do G1, o maior desafio de 2023 será “atrair a atenção daquela parte do público que evita ativamente ler notícias”.



Euripedes Alcântara, diretor de Jornalismo do Estadão, Sérgio Dávila, diretor de Redação da Folha de São Paulo, e André Petry, diretor de Redação da Piauí, somam-se à lista

de dos que veem o público como fator-chave dos negócios. De forma geral, eles apontaram como desafios para este ano, respectivamente: aumento da circulação paga; ampliação da audiência qualificada, que traga circulação paga; e mais assinaturas digitais. Como se diz no popular: falaram igual, mas falaram diferente.

Já Gustavo Maria, diretor de Redação do Esporte da TV Globo, SporTV e Globo Esporte, apontou como desafio para 2023 não apenas fidelizar o público, mas também aproveitar a audiência existente para fortalecer as plataformas digitais. “A maior oportunidade é aproveitar a nossa força de audiência na tv aberta para fortalecer nossas principais plataformas digitais - tanto em assinatura quanto em receita publicitária”.

Mas se o negócio é faturar bem, atrair e reter a audiência, vídeos ainda têm forte apelo para os veículos. “Não é de hoje que ‘fazer mais conteúdo em vídeo’ soa quase como um mantra em muitas redações”, registra o relatório. O UOL, por exemplo, deve ampliar esforços em 2023 para a produção de vídeos de hard news, programas de entretenimento e documentários.

Na mesma linha, está a Rolling Stone Brasil, conforme cita o editor Eduardo do Valle. “A concorrência com veículos nativos sociais se apresenta como desafio a se compreender e, portanto, também como oportunidade de negócios - incluindo aqui, a produção, distribuição e monetização de vídeos curtos para redes sociais”.

Sobre vídeos, importante trazer aqui outro dado essencial da pesquisa que mostra o rumo traçado pelos veículos para este ano: TikTok e YouTube são queridinhos sim, e não apenas na visão dos adolescentes e suas dancinhas. “(...) é justamente o YouTube e o TikTok que aparecem como as redes sociais que mais receberão a atenção dos veículos em 2023”, registra a publicação.

Enfim, o relatório da Orbis Media Review tem muita informação de relevância para os negócios da comunicação (parabéns, Ana Brambilla). Minha sugestão é que você leia o produto com calma, destacando e incorporando à sua realidade o que, de fato, interessa. A propósito: no fim do documento tem 23 provocações/recomendações para os veículos em 2023. Se eu fosse você, dava uma espiada lá agora mesmo!



PRATO DO DIA

Arroz Cremoso do Litoral ao Sertão, na Exposição Floresta Branca

A Exposição Floresta Branca vive a essência da Caatinga e as regionalidades que circundam esse bioma, que é o único exclusivamente brasileiro. Tendo contribuído já com a arte plástica, música e literatura do bioma, a exposição agora traz à tona a culinária regional, mas com um toque bem especial.

O jardim de entrada traz três pórticos em taipa de pilão, um espelho d'água com fundo negro para refletir toda luminosidade do espaço (especialmente durante a noite), além de elementos em tons terrosos, como os tijolos vazados em cerâmica – uma referência aos cobogós, que permitem a entrada de luz e ventilação natural, recurso muito utilizado nas construções do Nordeste.

E a tecnologia também se faz presente na instalação. Durante o período da exposição, há a projeção mapeada em um ambiente customizado, trazendo imagens da terra, da fauna, da flora, referências culturais, além dos sons da natureza, permitindo uma experiência sensorial imersiva.

Essa instalação artística foi criada pela paisagista Michelle Peyroton, que, inspirada na Caatinga, chama a atenção sobre práticas sustentáveis. “Essa é uma reflexão sobre temas fundamentais para o futuro: processos construtivos inteligentes, valorização social,

cultura, história, bioarquitetura, bioconstrução, entre outros”, explica Peyroton.

Mas por que a taipa de pilão na Exposição Floresta Branca? A taipa de pilão é um método tradicional de construção utilizado há mais de quatro mil anos, que foi trazido pelos portugueses no período colonial e usado por aqui na edificação das primeiras construções brasileiras. A técnica utiliza a terra tirada do próprio local como matéria-prima, e por isso possui uma identidade única. Aliando sustentabilidade, economia e beleza, a taipa de pilão é hoje utilizada em projetos modernos e inteligentes no mercado construtivo de alto padrão em todo o mundo.

O chef Walter Ulysses esteve lá e propôs uma releitura de uma mistura chamada surf'n'turf, que coloca no mesmo prato uma proteína do mar (surf, referência à água) e uma proteína do pasto (gramado, do inglês “turf”). Assim nasce o Arroz Cremoso do Litoral ao Sertão, com camarões e carne de sol.

A receita foi executada em um evento chamado de “cozinha-show”, onde o chef preparou o prato enquanto relatava suas experiências culinárias que o levaram a criar a receita. O evento aconteceu no dia 7 de fevereiro, na Exposição Floresta Branca (Avenida Cabo Branco, 1630). As inscrições foram gratuitas e limitadas.



Fotos: Divulgação



Ingredientes:

- 1 garrafa de manteiga da terra
- 1kg e 1/2 de arroz vermelho da terra
- 1 pote de nata
- 400g de bacon sem gordura
- 2kg de filé de camarão
- 1kg e 1/2 de carne de sol dessalgada
- 1 cerveja preta
- 1 garrafa de cachaça envelhecida em barril de carvalho
- 4 cebolas roxas
- 6 tomates bem maduros
- Pimenta do reino
- Pimenta de cheiro
- Pimenta dedo de moça
- Noz moscada
- Cebolinha
- 2 alhos poró
- 1 pacote de alho frito
- 4 bananas da terra
- Água para o cozimento
- 3 sacos de chips de batata-doce

Tempero a gosto

Seu Mundo Zero, maior rede de confeitaria e chocolates inclusivos do Brasil, chega a João Pessoa. Primeira unidade da franquia no estado foi inaugurada no Shopping Manaíra, em formato de “boutique”.

Referência em comida inclusiva, a franquia Seu Mundo Zero desembarcou em João Pessoa em uma charmosa “boutique” com formato de quiosque, inaugurada no térreo do Shopping Manaíra. A primeira unidade na Paraíba da maior rede de confeitaria e chocolates inclusivos do Brasil é uma iniciativa dos empresários Alexandre Zacarias e Andréia Fernandes Zacarias.

A marca apresenta um cardápio 100% inclusivo, ou seja, todos os produtos são zero glúten, zero adição de açúcares, zero lactose e zero soja, mas com muito sabor e alta qualidade nos produtos, livres de contaminação cruzada, uma vez que também eles fabricam o próprio chocolate. “A nossa proposta é apresentar uma alimentação saudável que promove qualidade de vida, bem-estar e longevidade e que não é preciso abrir mão de produtos saborosos para isso”, destacam.

O portfólio, desenvolvido para incluir e integrar as pessoas com restrições alimentares, sejam celíacas, diabéticas, alérgicas, intolerantes à lactose, veganas e adeptas de um es-



tilo de vida saudável, conta com diversas delícias. Entre as opções, estão cookies trufados, biscoitos, brownies, barras e tabletes de chocolate, pipocas de tapioca coberta com chocolate, alfajores, palhas italianas, entre outras – todos desenvolvidos com produtos especiais.



A Seu Mundo Zero é uma franquia que está presente na Bahia, no Ceará, no Maranhão, no Pará, em Manaus, e, em breve, em Santa Catarina. Em João Pessoa, fica no térreo do Manaíra Shopping. Informações: @seumundozero e www.seumundozero.com.br.

Fotos: Divulgação

Walter Ulysses

Comida de Carnaval

Apesar de ser a festa mais importante do Brasil, o Carnaval não é exatamente ligado a alguma comida específica. Muitas escolas de samba, em São Paulo e no Rio de Janeiro, costumam preparar (e vender ingressos) para grandes feijoadas. Mas o objetivo é levantar fundos para os desfiles. Nos dias de festa, não rola – até porque, feijoada é prato para comer e dormir. Mesmo a caipirinha tem ficado de lado nas mãos dos foliões. Afinal, quem consegue preparar a danada dentro de um bloco de rua?

A exceção à regra vem do Litoral do Paraná, mais especificamente da cidade de Morretes, onde o barreado é a comida oficial do festerê. A tese mais difundida é que o prato chegou por aqui pelos imigrantes dos Açores que se estabeleceram no Paraná.

Fácil de fazer, os ingredientes (carne, bacon, cebola, tomate, alho, cheiro-verde etc.) são colocados em uma panela de barro, que em seguida é lacrada com uma mistura de farinha de mandioca e água, e levada ao fogo por várias horas. O resultado é um cozido com carne bem macia e um caldo saboroso, engrossado com mandioca e servido com rodela de banana-da-terra, que não é nada leve.

Uma das lendas mais contadas sobre o barreado é que as mulheres podiam deixar a panela no fogo e sair para aproveitar o Carnaval sem se preocupar, um dos motivos de sua popularidade.

Ao sabor, da história e cultura no litoral paranaense. O barreado era (e ainda é) considerado um prato “forte”, capaz de repor as energias, além de exigir poucos acompanhamentos... e ter seu sabor preservado mesmo quando requeitado. Ou seja, uma panela grande de barreado garante sustança para festejar por vários dias.

Obviamente, o prato não é servido apenas no Carnaval, pelo menos no litoral paranaense: há vários restaurantes da região que pegaram carona na fama do prato e o servem durante o ano inteiro.

Já em São Paulo, há poucos lugares para comer a especialidade (conheço apenas dois): o restaurante Tordesilhas, da chef Mara Salles, uma das maiores especialistas em comida brasileira, e o Café Bistrô Paraná, que serve barreado somente aos segundos sábados de cada mês.

Talquei, duvido que você vá deixar de ir a algum bloco de Carnaval só por causa de um barreado (a não ser que você seja de Morretes). Porém, todavia, contudo, não deixe de comer o prato quando puder. É um dos mais gostosos da culinária brasileira, na humilde opinião deste escriba.

Mas o correto mesmo, você que está indo curtir a festa é procurar alimentos leves e de fácil digestão, e tomar muito líquido sem álcool. E viva o Carnaval!

Em tempo: este texto é de Pedro Marques, reproduzido do Blog Daora.

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lymaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tv e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.